

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Edna de Almeida Seixas Carvalho Pena

**A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A
FORMAÇÃO CONTINUADA:
curso técnico integrado ao Ensino Médio**

Taubaté – SP

2018

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Edna de Almeida Seixas Carvalho Pena

**A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A
FORMAÇÃO CONTINUADA:
curso técnico integrado ao Ensino Médio**

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação de Professores para a Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Desenvolvimento Profissional.

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro.

Taubaté – SP

2018

SIBi – Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

P397p Pena, Edna de Almeida Seixas Carvalho
A percepção dos professores sobre a formação continuada:
curso técnico integrado ao Ensino Médio. /Edna de Almeida Seixas
Carvalho Pena. - 2018.
131f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2018.
Orientação: Profa. Dra Suzana Lopes Salgado Ribeiro,
Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Formação continuada. 2. Percepção dos professores.
3. Educação. 4. História oral. I. Título.

CDD – 370.71

EDNA DE ALMEIDA SEIXAS CARVALHO PENA

**A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA:
curso técnico integrado ao Ensino Médio**

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação de Professores para a Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Desenvolvimento Profissional.

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro.

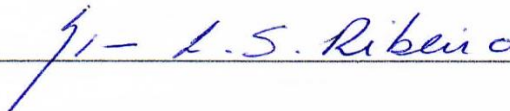
Data: 2 de outubro de 2018

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro – Universidade de Taubaté

Assinatura



Profa. Dra. Marcela Boni Evangelista – Universidade de São Paulo

Assinatura



Profa. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil – Universidade de Taubaté

Assinatura



AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora Aparecida, que estão sempre comigo e me proporcionaram concretizar este mestrado.

À minha querida orientadora, professora Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro, pela dedicação e compreensão em me ajudar a trilhar esse caminho que não foi fácil e que elaborou comigo essa pesquisa.

Às professoras Dra. Marcela Boni Evangelista e Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil, por aceitarem a compor a banca avaliadora e pelas contribuições nessa pesquisa.

Aos entrevistados “colaboradores” que dividiram comigo sua história, possibilitando a realização desta pesquisa.

Aos professores do Mestrado Profissional em Educação – MPE/2016/B – que com suas críticas e contribuições souberam apontar os caminhos da pesquisa.

Aos amigos do Mestrado Profissional em Educação – MPE/2016/B – por compartilhar comigo os momentos de alegria, angústia, frustração, medo, e que contribuíram para ampliar meu conhecimento.

Aos funcionários da secretaria do Mestrado Profissional em Educação pela atenção dedicada.

Aos meus pais, Joaquim e Maria do Carmo, pela compreensão e paciência.

Ao meu esposo, Alfredo, que sempre esteve ao meu lado incentivando e ajudando-me em todos os momentos.

Por fim, meus agradecimentos aos amigos que permaneceram ao meu lado durante essa caminhada difícil.

“Não há mudanças sem o sofrimento da transição, do próprio esforço implicado que exige muitas vezes renúncia, disciplina, dedicação”.

Jussara Hoffmann (2013)

RESUMO

A presente pesquisa, realizada nos anos de 2016 a 2017, apresenta como tema a percepção dos professores sobre a formação continuada nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. O propósito da pesquisa foi compreender a percepção de professores de um curso técnico integrado ao Ensino Médio sobre as reuniões de formação continuada que acontecem em uma instituição de ensino público da rede federal que está localizada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN), que oferece cursos técnicos, cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, superiores e cursos de extensão, e identificar as possíveis contribuições dessa formação continuada para o desenvolvimento da prática pedagógica dos professores. Por meio da pesquisa, foi possível verificar como o processo de formação continuada e as atividades foram implantadas na instituição e que os professores consideram essas reuniões de formação continuada como palco para o desenvolvimento de práticas inovadoras na sala de aula. Os participantes deste estudo foram quatro professores que atuam nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada por meio da metodologia da história oral, que possibilitou uma reflexão sobre as narrativas dos professores em relação à formação continuada. Os dados foram coletados por meio de entrevistas de história oral temática, com roteiro prévio de perguntas abertas, nas quais buscou-se categorizar a realidade social da população estudada. Para a análise das entrevistas, foi realizada uma leitura das narrativas, que, transformadas em documentos, puderam ser interpretadas. Com o resultado, identificamos que as reuniões são parte de um processo de formação continuada que acontece a longo prazo, que se dá de diferentes maneiras em diversos contextos. Acontecem de forma esporádica: em 2016, as reuniões aconteciam uma vez por mês; em 2017, aconteceram quatro reuniões durante o ano, necessárias para os professores no sentido de aprofundar seu conhecimento sobre determinado assunto, trocar experiências e interagir com os professores de outras áreas, e inevitáveis, porque as reuniões ocupavam o espaço da reunião pedagógica – na instituição, chamada de reunião de área – essa reunião compõe a carga horária dos professores, por isso eles não podem faltar a ela. Também foi possível identificar, nas narrativas, que as reuniões promovem a troca de experiência entre os professores. Ao fazer uma reflexão sobre as reuniões de formação continuada, três dos professores destacaram que houve mudança na sua prática pedagógica, favorecendo o aprendizado do aluno. Quanto às proposições para as reuniões, foi possível perceber que os professores defendem a necessidade de que as reuniões sejam planejadas e organizadas, além de entenderem como mais proveitoso se fossem realizadas reuniões em grupos menores de professores, possibilitando um melhor aproveitamento das atividades de formação nas reuniões.

Palavras-chave: formação continuada; percepção dos professores; educação; história oral.

ABSTRACT

TEACHER'S PERCEPTION OF CONTINUED TRAINING: technical course integrated to high school

The focus of this research project, conducted from 2016 to 2017, is technical course integrated to high school teacher's perception of continued training. The objective was to comprehend the perception of teachers of a technical course integrated to high school of the continued training meetings that are held in a public federal high school institution of located in Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN), which has technical courses, technical courses integrated to high school and extension courses, as well as identifying the possible contributions of continued training to the development of teacher's pedagogical practices. It showed how the process of continued training and the activities were implemented in the institution and that the teachers considered those meetings as instances of development of innovative practices in the classroom. The participants of this study were four teachers who work in technical courses integrated to high school. It is a qualitative study, conducted by means of oral history methodology, which enabled the reflection on teachers' narratives about continued training. The data were collected by means of oral theme history interviews, using a previously planned guide of open-ended questions, by which there was an effort to categorize the social reality of the studied population. The results show that the meetings are part of a long-term process of continued training, which actually takes place in diverse ways and contexts. They are held sporadically: in 2016, there were meetings once a month; in 2017, there were four meetings throughout the whole year and they were important to the teachers as an opportunity to deepen their knowledge about certain issues, exchange experiences and interact with teachers of different fields and also unavoidable, because they were held during the pedagogical meetings of the institution, called area meetings – this meeting is part of the teachers' working hours and, thus, they are mandatory. In their narratives, it was also possible to identify that the continued training meetings favor the exchange of experiences among the teachers. When reflecting upon the continued training meetings, three of them pointed out that there were changes in their teaching practices which favored the teaching-learning process. As for the proposals concerning the meetings, the teachers defended that they be planned and organized, besides emphasizing that they would be more fruitful if conducted in smaller groups, which would make it possible for them to benefit more of the activities developed.

Keywords: continuing education; teacher's perception; education; oral history.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Estudos recentes de artigos, dissertações e teses	21
Quadro 2	Artigos, dissertações e teses	21
Quadro 3	Formação dos professores e atuação nos cursos da instituição	46
Quadro 4	Eixos de análise	55
Quadro 5	Perfil dos professores participantes da pesquisa	56
Quadro 6	O que você entende por ser professor?	68
Quadro 7	Percepção dos professores sobre formação continuada	79
Quadro 8	Reflexão sobre as reuniões de formação continuada	87
Quadro 9	Proposições para o processo de formação continuada	94

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPP	Projeto Político Pedagógico
RMVPLN	Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte
UNITAU	Universidade de Taubaté
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Problema	14
1.2	Objetivos.....	14
1.2.1	Objetivo geral	14
1.2.2	Objetivos específicos.....	15
1.3	Delimitação do estudo.....	15
1.4	Relevância do estudo / justificativa	16
1.5	Organização do estudo.....	18
2	REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1	Estudos recentes sobre formação continuada	20
2.2	Intencionalidade das reuniões de formação continuada.....	25
2.3	Formação continuada dos professores: alguns referenciais	29
2.4	Desenvolvimento profissional dos professores.....	33
2.5	Ensino Médio: reformas e formação para o mercado de trabalho	36
2.6	Educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio.....	38
3	METODOLOGIA.....	43
3.1	Tipo de pesquisa – história oral	44
3.2	População / amostra	45
3.3	Instrumentos.....	47
3.4	Procedimentos para coleta de dados	49
3.5	Procedimentos para análise de dados.....	51
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	54
4.1	Perfil dos participantes.....	55
4.2	O que se entende por ser professor	64
4.3	Percepção dos professores sobre formação continuada	69
4.4	Reflexão sobre as reuniões de formação continuada	80
4.5	Proposições para o processo de formação continuada.....	90
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	99
	APÊNDICE A – OFÍCIO	105
	APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	106

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	107
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO	108
Entrevista 1 - Profa. Aydie	108
Entrevista 2 –Prof. Guilherme	111
Entrevista 3 –Prof. Alfredo.....	116
Entrevista 4 –Prof. Oliveira	118
APÊNDICE E - MEMORIAL	122
Minha caminhada até o Mestrado.....	122
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	128
ANEXO B – DECLARAÇÃO	131

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou compreender a percepção dos professores sobre formação continuada, o que eles pensam e o que eles esperam dessa formação. Paralelamente, selecionamos os materiais das propostas de formação continuada de uma instituição de ensino público da rede federal que está localizado na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN) e analisamos esta documentação de modo a avaliar o que foi proposto, qual a aderência dos professores às reuniões e qual a percepção deles sobre todo o processo. Esta análise foi embasada na revisão de literatura, no referencial teórico sobre o tema formação continuada dos professores e na realização de entrevistas temáticas, na qual analisamos as narrativas dos professores.

Desde 2014, trabalho na instituição de ensino pesquisada, ocupando o cargo de pedagoga da área administrativa, área de minha segunda formação, que é pedagogia. Encontrei-me na educação há muito tempo e estar nessa instituição fez com que preocupações antigas, individuais e de formação continuada se tornassem coletivas. Para que acontecesse essa formação dentro da instituição, ocorreram vários encontros, em 2014, com a Diretoria de Ações Pedagógicas. Esses encontros proporcionaram discussões sobre as possíveis ações de formação continuada a serem implantadas dentro dessa instituição de ensino.

Para a realização das reuniões na instituição de ensino, foi necessário criar uma equipe de formação continuada para conduzir as atividades junto com os professores e, como ocupo o cargo de pedagoga da área administrativa, aceitei fazer parte da equipe de formação continuada da instituição e enfrentei vários desafios, sendo eles: ter a adesão dos professores nas reuniões de formação; fazer a organização dos temas a serem trabalhados nas reuniões; estabelecer a dinâmica de trabalho; envolver os professores que atuam em áreas diferentes; estabelecer trocas de experiências e trabalhar em grupo. Essa equipe buscou realizar, junto aos professores, ações de formação para o aprimoramento da prática pedagógica.

Neste contexto das reuniões de formação continuada, os professores refletem sobre sua prática em sala de aula, trocam experiências com os outros professores e buscam nestes encontros o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica, ampliando seus conhecimentos.

Consequentemente, diante da diversidade dos alunos e da realidade social em que nos encontramos, percebemos a importância de se trabalhar em grupos e, com isso, trabalharmos as emoções, as atitudes e o desenvolvimento profissional dos professores.

Tomando a formação continuada como um dos processos de desenvolvimento profissional dos professores, a equipe de formação organiza os temas das reuniões a partir das necessidades apontadas pelos professores em reuniões anteriores e também acolhe temas que são sugeridos pela Diretoria de Ações Pedagógicas. Nesse contexto, a proposta das reuniões é pedagógica e trata de temas voltados para a sala de aula e para os espaços de aprendizagem.

Existem vários tipos e vários programas de formação continuada para os professores, dentre eles podemos destacar os cinco que seguem: programas de capacitação que são desenvolvidos pelas secretarias de educação estadual e municipal; cursos de extensão; especialização; incentivo à pesquisa para realização de cursos de mestrado e doutorado; formação continuada em serviço.

A instituição de ensino público da rede federal realiza esta formação continuada em serviço, dentro do contexto escolar dos professores, favorecendo uma troca de experiências entre as diferentes áreas e as diferentes formações dos professores. Por ser uma instituição que oferece cursos superiores de licenciatura, engenharia, cursos técnicos profissionalizantes e cursos técnicos integrados ao Ensino médio, contamos com uma realidade institucional em que as reuniões precisam abranger todas as áreas, pois temos professores que atuam em vários cursos dentro da instituição.

A equipe de formação participa de reuniões na Reitoria com a Diretoria de Ações Pedagógicas e recebe orientações para o desenvolvimento das atividades com os professores. Além das reuniões com a Diretoria de Ações Pedagógicas, existem também os encontros de formação de formadores, que acontecem uma vez por ano.

Nesses encontros, são discutidos os temas que foram abordados nos encontros anteriores e os temas que serão abordados nas próximas reuniões da equipe na instituição. Além disso, também são levantados os pontos positivos e os negativos das atividades que foram desenvolvidas e os possíveis ajustes necessários para os próximos encontros. A equipe de formação leva em consideração as necessidades apontadas pelos professores e também é um espaço que a equipe utiliza para trocar experiência entre as outras equipes.

A partir da análise das narrativas dos professores, pretendemos indicar caminhos e perspectivas para ampliar a adesão e estabelecer elos de maior engajamento dos

professores – do ensino técnico integrado ao Ensino Médio, técnico e superior – com a formação e com a adoção de novas práticas em sala de aula.

Nesse sentido, surge a necessidade de compreender a percepção dos professores sobre as reuniões de formação continuada que acontecem dentro da instituição.

1.1 Problema

A partir da participação e da vivência como pedagoga e como membro da equipe de formação continuada, passamos a nos preocupar com a baixa adesão dos professores no processo de formação que acontece na instituição de ensino público da rede federal. Muitas são as resistências dos professores para participar, dentre elas o horário em que acontecem as reuniões, a realização do trabalho em equipe, a efetivação de troca de experiências, o envolvimento com professores de outras áreas e a participação nos encontros de formação.

Considerando a formação continuada dos professores como um dos processos de desenvolvimento profissional em que o professor exerce um papel importante no contexto no qual está inserido, assim como na formação do aluno, e por acreditarmos ser a formação continuada um importante caminho a ser percorrido pelos professores na busca por um aperfeiçoamento de conhecimentos e, posteriormente, por uma melhoria de sua prática, surgiu como problema para esta pesquisa: quais as percepções atribuídas pelos professores ao processo de formação continuada?

Sendo assim, a questão apresentada reflete a preocupação da equipe de formação continuada de proporcionar aos professores uma formação dialógica e vinculada à prática, favorecendo uma troca de experiência entre os professores de diferentes áreas, ação esta inviabilizada, no caso da não participação dos professores ou de posicionamentos resistentes por parte deles.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Compreender as percepções de professores de um curso técnico integrado ao Ensino Médio sobre a formação continuada.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar as possíveis contribuições da formação continuada para o desenvolvimento da prática dos professores;
- analisar os documentos e as propostas institucionais de formação continuada;
- relacionar semelhanças e diferenças apresentadas em documentos oficiais da instituição, narrativas dos professores e propostas institucionais sobre o processo de formação continuada e de desenvolvimento profissional;
- avaliar, a partir das narrativas dos professores, as reuniões de formação continuada e propor estratégias para a melhoria das reuniões.

1.3 Delimitação do estudo

A pesquisa foi realizada com o objetivo de compreender as percepções dos professores sobre as reuniões de formação continuada que aconteciam na instituição pública federal de ensino abordada nesta pesquisa, localizada na região metropolitana do Vale do Paraíba. Os cursos oferecidos pela instituição são: cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, cursos técnicos concomitantes e subsequentes, licenciaturas, engenharias, pós-graduação e cursos de extensão.

Para atender à demanda dos cursos, há 64 professores, que estão distribuídos entre as áreas técnicas, superior e ensino técnico integrado ao Ensino Médio. Sendo assim, dentro da instituição há professores formados nas áreas de engenharia, de gestão e das licenciaturas.

Para que a formação continuada acontecesse na instituição de ensino, foi necessário criar uma equipe. Assim, pudemos ver, a partir da documentação institucional consultada, que a reitoria, localizada no município de São Paulo e responsável por 37 *campi* espalhados dentro do estado, criou nos *campi* equipes de formação continuada que podiam ser compostas por diretores, técnicos administrativos, pedagogos e professores, sendo os membros desta equipe, nesse momento de implantação, escolhidos por indicação do diretor de cada instituição.

A equipe da instituição de ensino era composta por pedagogos, técnicos em assuntos educacionais, psicólogo e docentes, que, conjuntamente com esta pesquisa, realizava as reuniões uma vez por mês no espaço da reunião pedagógica.

1.4 Relevância do estudo / justificativa

A relevância desta pesquisa se fundamenta em três dimensões distintas e complementares: a primeira, institucional; a segunda, pessoal, e a terceira, acadêmica. Entendemos essas três dimensões como complementares, posto que se entrelaçam, mas são apresentadas separadas neste texto apenas por uma questão de organização da escrita.

Em um primeiro momento, destaca-se que, institucionalmente, compreende-se a necessidade de promover a formação contínua do corpo docente e a sensibilização para o trabalho com diversas práticas pedagógicas. Essa é preocupação presente no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e também no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição estudada.

Assim, a articulação entre teoria e prática e a reflexão sobre a própria prática fundamentada e contextualizada passa a ser de grande importância para o bom andamento das atividades docentes dentro da instituição. De modo que a instituição assume seu papel na articulação e na promoção de reuniões para garantir a formação continuada de seus professores em serviço.

Na instituição estudada, entendemos que isso também deva ser relevante para que os docentes troquem experiências com os professores de outras áreas, ou seja, favoreça o aperfeiçoamento da prática pedagógica, a melhoria do desenvolvimento das atividades junto aos discentes e o envolvimento entre os professores, favorecendo o diálogo. Entretanto, será importante saber se essa opinião é compartilhada por parte dos professores entrevistados por esta pesquisa.

Em segunda instância, pode-se dizer que o envolvimento pessoal com o projeto institucional se deu graças ao desempenho de atividades profissionais junto à equipe pedagógica. Dessa maneira, mediante a participação na equipe de formação continuada e nas reuniões de formação junto aos professores da instituição, passamos a nos preocupar com as demandas apresentadas por parte dos professores que apresentavam seus temas e suas necessidades de aprendizado particulares, associados ou não a um levantamento institucional realizado pela reitoria.

Esses professores são formados em diversas áreas, como engenharia, processamento de dados, gestão, enfermagem e licenciatura, ou seja, são áreas diferentes trabalhando no mesmo espaço. Esse fato me chamou a atenção sobre qual era a percepção desses profissionais sobre as reuniões de formação continuada. A diversidade dos campos de formação apresentou desafios para o trabalho conjunto, que demandava da equipe

pedagógica um acompanhamento contínuo de processos de ensino, de aprendizagem e de avaliação.

Motivados por tais desafios, propusemo-nos a desenvolver estudos teóricos a respeito da formação continuada.

Assim, academicamente, podemos justificar a importância de tal estudo. Sendo assim, as referências consultadas apresentam-se como algo de importância para os professores no sentido de fazer com que eles ampliem seus conhecimentos e melhorem sua prática em sala de aula.

Relacionando prática profissional e pesquisa acadêmica, podemos dizer que, nesse contexto, passamos a nos preocupar com o significado e com as contribuições das reuniões de formação continuada para a prática dos professores em sala de aula e nos espaços de aprendizagem, favorecendo o seu desenvolvimento profissional e consequentemente pessoal.

Segundo Marcelo Garcia (1999), o desenvolvimento profissional e o desenvolvimento do profissionalismo dos professores referem-se

[...] ao próprio professor como pessoa, como profissional, como sujeito que aprende. Se noutras alturas enfatizamos o conceito de desenvolvimento, agora referimo-nos à importância de aprofundar o profissional como dimensão necessária da formação de professores (MARCELO GARCIA, 1999, p. 145).

Partindo deste contexto, o desenvolvimento profissional do professor afeta toda a comunidade escolar e, por isso, espera-se das reuniões de formação continuada contribuições para uma melhoria da prática pedagógica, possibilitando o desenvolvimento da profissão.

Quanto à formação continuada, Oliveira (2016) destaca que:

A formação continuada transforma-se no espaço desejado para a concretização do desenvolvimento profissional delineado pelos estudiosos e, por meio desse espaço, órgãos educacionais iniciam reformas em suas políticas de formação para alcançá-la (OLIVEIRA, 2016, p. 264).

Nessa perspectiva, justifica-se a pesquisa na busca por resultados que nos mostrem as percepções de professores em relação às reuniões de formação continuada que acontecem na instituição para a prática pedagógica dos professores em sala de aula e para o desenvolvimento profissional do professor no contexto em que estão inseridos.

1.5 Organização do estudo

Este estudo está organizado em quatro seções, sendo elas: introdução, revisão de literatura, metodologia e resultados e discussões.

Na introdução, nos preocupamos em descrever sobre o tema, ou seja, o que os professores entrevistados pensam e o que eles esperam das reuniões de formação continuada que acontecem na instituição assim como a percepção deles sobre as reuniões. Também estão compreendidos na introdução o problema, os objetivos, a delimitação, a justificativa e a organização do estudo.

Na seção revisão de literatura, preocupamo-nos com estudar os seguintes temas: estudos recentes sobre formação continuada, fazendo um levantamento de artigos, dissertações e teses; intencionalidades das reuniões de formação continuada, item em que nos preocupamos com a intenção que a instituição tem em proporcionar aos professores as reuniões de formação continuada; formação continuada dos professores, em que nos preocupamos em apresentar o referencial teórico para esta pesquisa; desenvolvimento profissional dos professores, pensando na formação continuada; Ensino Médio: reformas e formação para o mercado de trabalho, item em que nos preocupamos em apresentar um pouco da trajetória do Ensino Médio, e, por último a educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio.

Na terceira seção, optamos por descrever a metodologia da história oral, tipo de pesquisa, população/amostra, os instrumentos utilizados, os procedimentos para coleta de dados e a análise de dados. Os conceitos de história oral temática são apresentados de forma com que o leitor possa se familiarizar com esses procedimentos metodológicos.

Já na quarta seção, por meio da realização das entrevistas, foi possível organizar cinco eixos temáticos que são apresentados na análise, sendo eles: o eixo que trata do perfil dos participantes, destacando a idade, o tempo de atuação como professor, a formação e os cursos em que atua na instituição; no segundo eixo, buscamos compreender o que o entrevistado entende sobre ser professor; no terceiro eixo, buscamos compreender a percepção dos professores sobre a formação continuada; o quarto eixo é dedicado a fazer uma reflexão sobre as reuniões de formação continuada que envolvem a participação dos professores, como as reuniões ampliaram o conhecimento, se já usou os conhecimentos adquiridos nas reuniões em sua prática em sala de aula e se pode destacar mudanças na prática pedagógica advindas das reuniões, e, por último, o quinto eixo foi pensado em dar proposições para o processo de formação continuada.

A quinta seção dedicamos às considerações finais, na qual sistematizamos a importância da percepção dos professores, envolvidos na pesquisa, sobre as reuniões de formação continuada que acontecem na instituição.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O propósito desta sessão é fazer um levantamento dos estudos recentes sobre formação continuada dos professores, desenvolvimento profissional e educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio. Esse levantamento dos estudos recentes é interessante para o desenvolvimento desta pesquisa, pois os professores precisam ampliar seus conhecimentos para acompanhar as mudanças que vêm ocorrendo na educação e na sociedade.

Nessa perspectiva de mudança, os professores se deparam com turmas heterogêneas, ou seja, precisam adequar suas estratégias de ensino para atender aos diversos alunos que vêm de culturas e contextos diferenciados. E, na instituição de ensino pesquisada, além das turmas serem heterogêneas, os professores atuam em cursos superiores, técnicos, de ensino técnico integrado ao Ensino Médio e nos cursos de extensão, ou seja, o ambiente de trabalho também é diverso.

Nesse contexto de diversidade, a instituição, por meio das reuniões de formação continuada, busca aprimorar o conhecimento dos professores para que eles possam desenvolver suas atividades em sala de aula e, com isso, contribui com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Por isso, no item seguinte, apresentamos estudos recentes sobre formação continuada e desenvolvimento profissional dos professores.

2.1 Estudos recentes sobre formação continuada

Ao apresentar um panorama dos estudos sobre a formação continuada e o desenvolvimento profissional dos professores, temos como objetivo traçar apontamentos feitos por pesquisadores sobre a temática. Procedeu-se ao levantamento de trabalhos científicos no banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Banco de Dissertações da Universidade de Taubaté (UNITAU).

Para o levantamento dos artigos, teses e dissertações foram mantidos todos os filtros, a fim de direcionar a busca por referenciais favoráveis ao estudo, usando os descritores “formação continuada”, “desenvolvimento profissional dos professores” e “educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio”.

Após a realização da pesquisa, foram encontrados vários artigos, várias dissertações e várias teses relacionadas com os descritores, ou seja, pesquisas desenvolvidas sobre o tema, conforme disposto no quadro 1:

Quadro 1. Estudos recentes de artigos, dissertações e teses

Banco de dados	Filtros	Textos	Descritores	Nº de textos	
Banco de teses e dissertações da USP	Todos os índices Brasil	Dissertações	Formação Continuada de Professores	51.609	
		Teses		50.200	
CAPES		Artigos	Formação Continuada de Professores	627	
			Formação Continuada	1.174	
			Desenvolvimento Profissional dos Professores	412	
			Visão dos Professores Sobre Formação Continuada	16	
			Educação Profissional de Nível Técnico Integrada ao Ensino Médio	18	
Banco de dissertações da UNITAU			Dissertações	Formação Continuada de Professores	7
Textos selecionados				104.063	

Fonte: elaborado pela autora, a partir de dados coletados no banco de teses e dissertações da USP, CAPES e banco de dissertações da UNITAU. Dezembro/2017.

Considerando os descritores de busca “formação continuada”, “desenvolvimento profissional dos professores” e “educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio”, foram encontrados 104.063 estudos realizados até dezembro de 2017.

A partir da pesquisa apresentada, no banco de dados da USP, foram selecionados artigos, dissertações e teses defendidas nos períodos de 2004 até 2017, conforme o quadro 2:

Quadro 2. Artigos, dissertações e teses

Ano de publicação	Artigos	Dissertações	Teses
2004	1	-	-
2005	1	-	-
2006	1	-	-
2007	1	1	-
2008	1	3	3
2009	1	3	1
2010	2	4	1
2011	2	2	2
2012	1	2	2
2013	1	4	2
2014	2	6	3
2015	1	5	2
2016	2	2	1
2017	1	-	-
Total Selecionado	18	32	17

Fonte: elaborado pela autora, a partir de dados coletados no Banco de Teses e Dissertações da USP e CAPES. Dezembro/2017.

Pela pesquisa apresentada, dos 18 (dezoito) artigos, selecionamos 3 (três) artigos de acordo com o tema educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio e 3 (três) artigos relacionados com o tema percepção dos professores sobre formação continuada, das 32 (trinta e duas) dissertações e 17 (dezesete) teses, foram selecionados os estudos de maior relevância para o trabalho de acordo com o tema formação continuada, sendo 03 (três) dissertações e 03 (três) teses, os quais mostraremos a seguir com uma síntese da proposta dos autores dos trabalhos selecionados.

Justifica-se a escolha destas pesquisas realizadas neste período compreendido entre 2004 até 2017 devido à relação com o tema formação continuada dos professores e educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio.

Dos 18 artigos, selecionamos 3 (três) mais centrais para as discussões deste trabalho. O primeiro deles, o artigo de Hobold e Silva (2014), com o tema Percepção de docentes sobre as ações de formação continuada, promovidas pela rede municipal de ensino, apresenta as percepções dos docentes em relação às ações de formação continuada.

O artigo de Pinheiro *et al* (2015), com o tema Percepção dos professores dos cursos técnicos e tecnológicos sobre a formação continuada, mostra que a educação profissional e tecnológica demonstra uma distância entre a formação específica e a pedagógica, ou seja, o profissional que atua nos cursos técnicos e tecnológicos precisam de uma formação pedagógica, mas o estudo de Pinheiro *et al* (2015) mostra que a experiência profissional, o trabalho executado e as conversas informais, entre os pares, contribuem para formação dos professores. No entanto, os professores precisam de uma formação continuada que os leve a compreender o processo pedagógico para o desenvolvimento de suas atividades em sala de aula. O nosso estudo busca compreender a percepção dos professores sobre as reuniões de formação continuada, e vai de encontro com o artigo de Pinheiro *et al* (2015) por estarmos tratando de educação profissional.

Oliveira *et al* (2017), em seu artigo de Educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio, traça um panorama geral da educação profissional brasileira. Esse estudo contribui para o nosso estudo no sentido de estarmos discutindo sobre ensino técnico integrado ao Ensino Médio.

Souza (2007), em seu trabalho Formação continuada dos professores e professoras do Município de Barueri: compreendendo para poder atuar, preocupa-se com as transformações percebidas pelos professores em sua prática docente frente aos cursos de formação continuada. O autor descreve um processo de desenvolvimento de um curso de

formação continuada realizado no município, em que foi pesquisado um grupo de professores de Matemática que fizeram o curso de formação continuada oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Barueri.

O estudo que foi realizado difere da pesquisa de Souza (2007) nos seguintes aspectos: os professores que foram entrevistados não são professores de uma mesma disciplina, sua formação é em áreas distintas e a formação continuada oferecida não é um curso, mas reuniões que acontecem esporadicamente no espaço da reunião pedagógica.

Sobre inclusão escolar e formação continuada, Leodoro (2008) desenvolveu uma pesquisa em que envolvia a inclusão, a formação continuada de professores e as políticas educacionais, e com os resultados foi possível analisar a evolução nas políticas de formação continuada em relação à inclusão dos alunos com necessidades especiais nas classes comuns.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida por Leodoro (2008) contribuiu para este estudo no que se refere à formação continuada dos professores. No caso da pesquisa citada, essa formação continuada era direcionada para o lado da inclusão dos alunos com necessidades especiais. No caso deste estudo, a formação continuada oferecida pela instituição é voltada para as necessidades dos professores.

Silva (2009), em sua tese *Ensinando e aprendendo num programa de formação continuada: reflexos de um trabalho coletivo*, teve como objetivo entender o papel do trabalho coletivo na formação continuada dos professores de Física e, para fazer a análise, ele partiu de dois aspectos básicos: a prática do professor e as implicações do trabalho coletivo. Percebe-se que o autor escolheu trabalhar com um grupo de professores de Física e, para nosso estudo, selecionamos professores com formação em áreas diferentes, pois a nossa reunião de formação continuada engloba os professores que atuam em diversos cursos da instituição.

Silva (2015), em seu trabalho *Formação continuada de professores no espaço escolar e o exercício do saber formacional de diretores e coordenadores em São Bernardo do Campo: contribuições para uma profissionalidade emergente*, identificou na formação de professores em serviço os percursos realizados por diretores e coordenadores pedagógicos na construção de saberes necessários à formação de professores. O estudo realizado ocorreu dentro do espaço escolar em reuniões pedagógicas, por isso, sua dissertação aproxima-se do estudo que foi realizado no sentido de que as reuniões de formação aconteciam no espaço das reuniões pedagógicas, assim como aconteceu na

instituição pesquisada, da qual utilizávamos o espaço de uma reunião pedagógica por mês.

Pensando nas políticas públicas de formação continuada de professores, Fanizzi (2015), em sua tese de doutorado, teve como objetivo investigar de que modo a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo concebe e implementa as políticas públicas de formação continuada de professores dos anos iniciais de Matemática, com a meta de melhorar a aprendizagem dos alunos e, assim, elevar os índices de desenvolvimento das avaliações externas e, pensando no sentido de formação continuada para melhorar a aprendizagem dos alunos, verifica-se que a pesquisadora também investigou se as reuniões de formações continuada oferecidas pela instituição trouxeram melhorias para a prática desenvolvida pelos professores em sala de aula.

A tese de doutorado de Trevizan (2016) sobre formação continuada e profissionalização docente contribuiu com elementos novos sobre a questão da formação continuada de professores. Apresenta a ideia de que a educação continuada pode ser um dos elementos constitutivos do processo de profissionalização dos professores, mas para isso é preciso estar envolvido com outras ações para tornar-se viável, são elas: fatores sociais, econômicos e políticos, que tem relação com a formação, organização e prestígio. Sendo assim, a tese de Trevizan (2016) contribui para este estudo no sentido de encontrar meios para que a formação continuada seja efetivada na instituição e se torne uma prática contínua para os professores.

Em relação ao banco de dados da UNITAU, foram selecionadas duas dissertações que, por dar relevância ao tema da formação continuada, trazem contribuições necessárias ao estudo pretendido. Elas serão apresentadas na sequência.

Com o trabalho *Formação e Professores: construindo práticas por uma cultura de paz*, Assis (2016) aborda a temática da formação continuada de professores, tendo como objetivo identificar a visão de um grupo de professores a respeito de um programa de formação denominado práticas restaurativas. A pesquisa aponta questões interessantes sobre a visão desse grupo, algo que também é objetivo deste trabalho. Entretanto, a presente pesquisa difere do estudo realizado – e de outros com os quais tivemos contato – no sentido que não estamos vendo apenas um grupo homogêneo de professores e, sim, reflexões de um grupo bastante heterogêneo em suas formações e práticas profissionais.

Esse, entre outros trabalhos, apresenta uma metodologia menos dialogada, em que a instituição prepara previamente uma formação que será destinada a um grupo de professores. Em nossa experiência, tentamos analisar outro modelo de formação, que, a

partir do diálogo, estabelece questões comuns para professores que, com distintas formações, atuam também em diferentes níveis de educação.

Esta pesquisa difere do estudo realizado no sentido de que foi pesquisado um programa de formação, enquanto o estudo realizado pesquisou sobre reuniões de formação continuada que aconteciam no espaço da reunião pedagógica.

Com o trabalho *Visões dos professores sobre a aprendizagem profissional: contribuições da formação continuada*, Silva (2016) pesquisou sobre o perfil dos professores do Ensino Fundamental I da Rede Municipal de Jacareí – SP e analisou a percepção dos professores sobre a participação na formação continuada das atividades didático-pedagógicas oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação. Essa pesquisa se aproxima do estudo realizado, pois procurou entender a percepção dos professores sobre a formação continuada que acontece na instituição.

Justifica-se a escolha desses artigos, dessas teses e dissertações pelo fato de os assuntos abordados serem sobre formação continuada de um determinado grupo de professores, ou seja, os pesquisadores não selecionaram grupos diferentes de professores, e, sim, grupos ligados a uma determinada disciplina, enquanto o nosso estudo pesquisou um grupo de professores que atua em cursos diferentes, em disciplinas diferentes e que têm formação em áreas específicas, mas desenvolvem suas atividades na instituição e participam das reuniões de formação continuada.

2.2 Intencionalidade das reuniões de formação continuada

Em 2015, entrou em vigor a Resolução Nº 138/2015, de 08 de dezembro de 2015, que aprova a política de formação continuada de professores na instituição de ensino pública da rede federal.

Essa política de formação continuada tem como definição a realização de atividades e ações que são voltadas para o desenvolvimento profissional e para o aperfeiçoamento dos professores, são atividades que proporcionam uma reflexão sobre os saberes pedagógicos dos professores, discussão sobre o trabalho educativo, valorização dos saberes e que possa dar subsídios para os professores no desenvolvimento de suas atividades (RESOLUÇÃO nº 138/2015).

São objetivos dessas ações de formação continuada promover a valorização do professor; fazer uma reflexão sobre sua prática; realizar estudo sobre referencial teórico

para subsidiar a prática do professor em sala de aula; promover discussões entre os professores (RESOLUÇÃO nº 138/2015).

A formação continuada da instituição de ensino pública da rede federal ocorre, majoritariamente, de duas maneiras: a primeira, são atividades internas e externas, que podem ser cursos, reuniões, encontros, congressos, jornadas, seminários, palestras, oficinas etc. A outra maneira é a formação continuada que acontece na instituição de ensino, que são os encontros de formação continuada e as reuniões pedagógicas, alvo do estudo deste trabalho.

Para entender como se deu o início dessas reuniões de formação continuada na instituição de ensino, temos que, em junho de 2012, por meio de intermediação de políticas públicas, o Governo Federal instalou nessa Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte mais um *campus* que integra a Rede Federal de ensino, pertencendo à Reitoria, que está localizada em São Paulo, ou seja, no início desta pesquisa a instituição contava com 4 anos, sendo assim, em setembro de 2014, a Pró-reitora de Ensino, com o objetivo de atender algumas demandas dos professores, criou uma Diretoria de Ações Pedagógicas, com a finalidade de constituir uma equipe de formação continuada nas instituições de ensino.

Em uma das reuniões, iniciamos uma discussão com a Diretoria de Ações Pedagógicas sobre as atividades que foram desenvolvidas na instituição e sobre possíveis ações de formação continuada a serem implementadas.

Após essa discussão, a instituição formou uma equipe de formação continuada para participar das reuniões e de videoconferências junto à Diretoria de Ações Pedagógicas. Essa equipe era composta por uma pedagoga, uma técnica em assuntos educacionais e o diretor adjunto educacional.

Nessas reuniões com a Diretoria de Ações Pedagógicas, as instituições partilhavam ideias, faziam reflexões e apontavam ações para serem implementadas.

Dentre as ações que foram implementadas estavam: fazer um levantamento da formação dos professores e das necessidades apontadas pelos professores, sistematizar as reuniões pedagógicas, as oficinas de metodologia e didática, planejar as ações de formação, discutir o Projeto Político Pedagógico, acolher alunos e fazer planejamento.

Em 2015, na instituição, ocorreu a primeira reunião de planejamento do semestre e foram abordados três temas, sendo eles: avaliação diagnóstica, habilidades/competências e evasão.

As equipes das instituições trocavam materiais, experiência e angústias vivenciadas durante as reuniões que aconteciam nas instituições de ensino.

Em 2015, após a primeira reunião de planejamento, na instituição, percebemos que nossa equipe não era suficiente e que não estávamos conseguindo realizar um trabalho que satisfizesse os anseios dos professores. Nesse momento, convidamos um professor para fazer parte da equipe e para conduzir as reuniões de formação continuada com os professores.

Em uma das reuniões com as equipes de formação, fomos informados que houve uma fusão entre a Diretoria de Ações Pedagógicas com a Diretoria de Projetos Especiais.

A Diretoria de Projetos Especiais realizava reuniões mensais, presenciais e por videoconferência, com as equipes de formação continuada das instituições. Além das reuniões, aconteciam Encontros de formação de formadores para as equipes de formação continuada.

Nesse encontro, pensamos em uma proposta de trabalho com o tema: “Avaliação: o “X” da questão” e, para cada mês, uma sugestão de tema a ser trabalhado na instituição, sendo eles: avaliação diagnóstica: desafios e desdobramentos; avaliação formativa: concepção e processo; recuperação contínua e paralela; conselho de classe; avaliação e teorias da aprendizagem; instrumentos de avaliação; avaliação institucional; avaliações externas.

Os temas eram sugestões para as equipes trabalharem com os professores, mas as instituições tinham autonomia para trabalhar outros temas, de acordo com a necessidade dos professores.

Para subsidiar os trabalhos na instituição, a equipe de formação continuada contava com material que estava disponibilizado na “nuvem”, ou seja, em drive virtual de compartilhamento de arquivos, como: textos, relatos de experiência, prática pedagógicas, artigos, charges, vídeos, referência bibliográfica, sugestões de leituras, entre outros.

Para que as ações fossem institucionalizadas, em dezembro de 2015, foi aprovada a Resolução de Políticas de Formação Continuada. Essa Resolução constitui-se de um conjunto de atividades e de ações voltadas para o processo de desenvolvimento e de aperfeiçoamento profissional dos docentes.

No mês de fevereiro de 2016, tivemos o Segundo Encontro de Formação Continuada, organizado pela Pró-reitora de Ensino por meio da Diretoria de Projetos

Especiais. Nesse encontro, discutimos propostas de temas para serem trabalhados no decorrer do ano letivo.

Após o segundo encontro de formação, foi disponibilizada uma sequência de sugestões de temas para as equipes de formação continuada trabalharem em suas instituições, sendo elas: perfil de estudante: o real x o ideal; estudante trabalhador: especificidades e possibilidades; avaliação, recuperação e retenção; vulnerabilidade: condições sociais dos estudantes; racismo/políticas afirmativas e cotas; metodologias diversificadas; relação professor-aluno.

Em março de 2016, saiu a primeira portaria que constitui a comissão de formação continuada de professores na instituição, que era composta por quatro professores e uma pedagoga da área administrativa.

Na instituição, no decorrer do ano de 2016, a equipe de formação continuada realizou 14 reuniões para discutir a temática que seria trabalhada com os professores nas reuniões de formação continuada.

Com os professores, foram realizadas sete reuniões no decorrer do ano, com uma participação média de 53 professores. Nessas reuniões, foram trabalhados os seguintes temas: ensino aprendizagem; organização didática; avaliação.

Ao trabalhar com esses temas, conseguimos atender em parte os temas propostos pela Diretoria de Projetos Especiais e adequá-los à realidade local da instituição.

Nas reuniões de formação continuada dos professores, foram utilizados os seguintes recursos: vídeos, *slides* e textos de apoio.

Quanto à dinâmica e à metodologia, foram utilizados: exposições orais, reflexões individuais, dinâmica de grupos, compartilhamento de resultados, elaboração de material coletivo.

No mês de novembro de 2016, a reunião realizada com as equipes de formação continuada, na Pró-reitora de Ensino, por meio da Diretoria de Projetos Especiais, foi para avaliar as ações que foram desenvolvidas nas instituições no decorrer do ano letivo de 2016 e para planejar as ações para o ano letivo de 2017.

Em 2017, aconteceram quatro encontros de formação continuada na instituição, em que os temas abordados foram: inovação no ensino e metodologias ativas, *talk-show* sobre inclusão, o respeito no âmbito escolar, escola e saúde mental: um desafio para os professores. Nesse ano, também ocorreram reuniões na Reitoria em São Paulo, e a equipe se reunia para organizar os temas das reuniões.

2.3 Formação continuada dos professores: alguns referenciais

A formação continuada dos professores é essencial para alcançar uma educação de qualidade, considerando as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade e nas organizações dos currículos institucionais. Por isso, é fundamental que os professores busquem ampliar seus conhecimentos em meio a tantas mudanças que envolvem a educação.

Os professores buscam na formação continuada uma maneira de aperfeiçoar seus conhecimentos e de dar continuidade a sua formação inicial, proporcionando aos estudantes um ensino de qualidade para que, ao término de seus estudos, tenham adquirido as competências e habilidades necessárias para o desenvolvimento de suas atividades profissionais.

O referencial teórico para reflexão sobre formação continuada dos professores abrange os trabalhos de: Gatti (2016), Marcelo Garcia (2009), Imbernón (2011), André (2009) e Tardif (2012).

Para Gatti (2016, p. 168), “os professores desenvolvem sua profissionalidade tanto pela sua formação básica e na graduação, como nas suas experiências com a prática docente, pelos relacionamentos inter-pares e com o contexto das redes de ensino”.

Nesse sentido, podemos perceber que a formação dos professores acontece, também, no decorrer de sua carreira, na troca de experiências com outros professores, no contexto da sala de aula e nas reuniões pedagógicas, sempre levando em consideração o contexto em que a instituição está inserida.

Nesse sentido de contexto e trabalho coletivo e pensando na formação continuada, André (2009) destaca que:

Entendendo que a produção de conhecimento é um processo social e portanto coletivo, parte-se do pressuposto de que os conhecimentos produzidos num estudo se somarão a outros conhecimentos advindos de outros estudos e num movimento de associação e de diferenciação darão origem a sínteses provisórias, sugerindo novas investigações. A apropriação dos resultados dessas investigações ocorrerá em função das necessidades dos atores e de seus contextos específicos, no jogo das relações e das práticas sociais/culturais (ANDRÉ, 2009, p. 275).

Considerando as palavras de André (2009), podemos perceber que, quando adquirimos conhecimentos, eles se somarão às experiências que já temos. Além disso, podemos melhorar a nossa prática profissional.

Em outras palavras, Tardif (2012) destaca a importância da experiência do trabalho enquanto fundamento do saber. Nesse sentido, o autor pontua:

Se admitirmos que o saber dos professores não provém de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional, essa própria diversidade levanta o problema da unificação e da recomposição dos saberes no e pelo trabalho [...] (TARDIF, 2012, p. 21).

Podemos entender por estas palavras que o saber do professor é construído no decorrer de sua carreira profissional e na troca de experiências. Além disso, para o professor, a busca por uma formação continuada faz com que amplie seu conhecimento e busque uma melhoria em sua prática profissional.

Na opinião de Imbernón (2011, p. 55), “uma formação deve propor um processo que dote o professor de conhecimentos, habilidades e atitudes para criar profissionais reflexivos ou investigadores”, ou seja, o professor deve buscar uma formação que o leve a fazer uma reflexão sobre sua prática profissional, podendo, assim, perceber os pontos que foram positivos e os pontos que foram negativos, agindo com serenidade e buscando uma melhoria de sua atuação em sala de aula.

Diante deste cenário, Imbernón (2011, p. 33) acrescenta que “a competência profissional, necessária em todo processo educativo, será formada em última instância na interação que se estabelece entre os próprios professores, interagindo na prática de sua profissão”.

Nessa perspectiva, pode-se perceber a importância da interação entre os professores e soma-se a isso a busca por uma formação continuada. Essa formação pode ampliar o conhecimento e, com isso, favorecer na troca de experiência entre os professores.

Outro aspecto importante é a formação inicial dos professores que, de acordo com Marcelo Garcia (1999, p. 77), “é uma função que, progressivamente ao longo da história, vem sendo realizada por instituições específicas, por um pessoal especializado e mediante um currículo que estabelece a sequência e o conteúdo instrucional do programa de formação”.

Pensando na formação continuada, não podemos esquecer da formação inicial que também é muito importante, como destaca Imbernón (2011):

A formação inicial é muito importante, já que o conjunto de atitudes, valores e funções que os alunos de formação inicial conferem à profissão será submetido

a uma série de mudanças e transformações em consonância com o processo socializador que ocorre nessa formação inicial. É ali que se geram determinados hábitos que incidirão no exercício da profissão (IMBERNÓN, 2011, p. 57).

Pode-se perceber que, na formação inicial, o professor já começa a fazer um levantamento de informações que poderão subsidiar seu trabalho. Ele presta atenção nos outros professores e, com isso, aprende novas técnicas e metodologias de ensino, ou seja, ele adquire competências e habilidades para serem desenvolvidas em sua prática profissional.

No sentido de formação inicial, Gatti (2011, p. 151) acrescenta: “[...] desde o início que, falando em formação de docentes, refiro-me tanto à formação pré-serviço como à continuada, ambas faces de uma mesma problemática”.

Também nesse contexto de formação inicial e continuada, Libâneo (2013) destaca que:

O termo *formação continuada* vem acompanhado de outro, a *formação inicial*. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional (LIBÂNEO, 2013, p. 187).

Vale destacar que a formação continuada é um aperfeiçoamento profissional de técnicas e práticas desempenhadas pelo professor. Nesse sentido, podemos perceber a importância de estar sempre em busca de um aprimoramento da prática profissional. O professor que busca uma formação continuada está ampliando seu conhecimento, proporcionando uma melhoria na qualidade do ensino e promovendo o seu desenvolvimento profissional.

Assim, pode-se considerar os caminhos da formação continuada como um meio de melhorar a prática dos professores e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos alunos no decorrer do curso.

Pode-se dizer que, quando o professor busca uma formação continuada que o faça desenvolver-se profissionalmente, ele está buscando meios mais eficientes que possam dar subsídios para que ele venha a melhorar sua prática profissional e pedagógica, aprimorando seus conhecimentos e, com isso, favorecendo para os alunos um aprendizado eficiente e de qualidade.

Gatti (2011) acrescenta, em suas considerações, as necessidades do dia a dia do professor e nos diz que:

Pouco se fala e se discute sobre as necessidades que seu dia a dia lhe coloca e as implicações disso para sua vida, seu pensar e seu atuar. Cremos que é preciso ir mais além e recuperar o arsenal de experiências e conhecimentos que o professor acumulou, coisa que nenhum estudo leva em conta nem tenta fazer. Fala-se do professor ou ao professor como uma tábua rasa, o mesmo se dando como aluno, inclusive no ensino superior (GATTI, 2011, p. 153).

A prática é uma vivência que deve ser compartilhada com outros profissionais para que juntos possam trocar ideias e experiências vivenciadas no seu dia a dia dentro da sala de aula. Partindo dessa troca de vivência, a formação continuada pode atuar de uma forma mais significativa, orientando para uma melhor aplicação do aprendizado na prática.

Vale destacar a importância das vivências em sala de aula, tanto no início da carreira como no decorrer dela, ou seja, partir das necessidades dos professores para melhorar sua atuação junto aos estudantes.

Conforme Marcelo Garcia (2009):

Muito se tem escrito sobre influência que as actuais mudanças sociais estão a ter na sociedade propriamente dita, na educação, nas escolas e no trabalho dos professores. Sempre soubemos que a profissão docente é uma “profissão do conhecimento”. O conhecimento, o saber, tem sido o elemento legitimador da profissão docente e a justificação do trabalho docente tem-se baseado no compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos (MARCELO GARCIA, 2009, p. 8).

No decorrer da carreira do professor, ele vivencia situações no dia a dia que o levam a refletir sobre o que deu certo ou não. Isso proporciona mudanças em sua prática e, nesse sentido, Gatti (2011) acrescenta que:

Tudo isso reforça a ideia de que, para que mudanças em concepções e práticas educacionais de professores ocorram, é necessário que os programas que visam a inovações educacionais, aperfeiçoamentos, atualizações tenham um entrelaçamento concreto com a ambiência psicossocial em que esses profissionais trabalham e vivem (GATTI, 2011, p. 182).

Estas mudanças que ocorrem nas concepções e práticas educacionais dos professores fazem com que eles busquem uma formação continuada que amplie e que acrescente conhecimento para agregar o já existente, o do início da carreira.

Quanto aos professores iniciantes, Imbernón (2011, p. 64) destaca que:

Os futuros professores e professoras também devem estar preparados para entender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a concepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto (IMBERNÓN, 2011, p. 64).

Nesse contexto, percebe-se a necessidade de uma formação continuada para acompanhar as transformações que vêm surgindo e a abertura para mudanças que acontecem na sociedade que interferem direta ou indiretamente na vida do estudante. Os professores precisam estar em constante formação e com abertura para novas concepções e metodologias, preocupando-se, assim, com uma busca constante por melhorias.

Também nesse sentido, Marcelo Garcia (1998) nos diz que:

[...] uma das novidades mais relevantes nos últimos anos foi o início de pesquisas centradas não só no processo de aprender a ensinar dos professores, quer experientes, quer especialistas, como também a preocupação em analisar, de uma perspectiva mais global e sistêmica, os processos de mudança e inovação a partir de dimensões organizacionais, curriculares, didáticas e profissionais. Assim foram-se desenvolvendo estudos que analisam e avaliam os modelos de desenvolvimento profissional, bem como a diferentes fases desse processo (MARCELO GARCIA, 1998, p. 63).

A partir das palavras de Marcelo Garcia (1998), percebe-se ainda que nos preocupamos com as mesmas ansiedades, que ainda estamos buscando uma melhora na educação e que, apesar do tempo e das mudanças, a educação caminha em busca de um desenvolvimento profissional dos professores.

Para se pensar no processo de desenvolvimento profissional dos professores, é preciso refletir um pouco sobre o início dessa profissão que se dá com a formação inicial. Entendemos, neste trabalho, que é a partir dela que o professor começa a se desenvolver nos caminhos de sua profissão e que a formação continuada pode e deve acontecer no decorrer de sua carreira de várias formas: em serviço, em cursos de capacitação e em programas de formação continuada. E, enfim, compreendemos que as instituições podem encaminhar os docentes para um programa ou podem oferecer essa formação em serviço, envolvendo seus próprios recursos humanos, como é o caso estudado por esta pesquisa.

2.4 Desenvolvimento profissional dos professores

Procura-se, nesta seção, descrever sobre o desenvolvimento profissional dos professores, pensando na formação continuada, que é considerada um dos caminhos para

se alcançar o desenvolvimento, a partir do referencial teórico de Gatti (2011), Marcelo Garcia (2009), Imbernón (2011), André (2009) e Tardif (2012).

Nessa perspectiva, Marcelo Garcia (2009) conceitua desenvolvimento profissional docente como:

O conceito de desenvolvimento profissional docente tem vindo a modificar-se na última década, motivado pela evolução da compreensão de como se produzem os processos de aprender a ensinar (MARCELO GARCIA, 2009, p. 10).

Podemos considerar o desenvolvimento profissional dos professores como uma evolução em sua carreira para melhorar seu desempenho como professor e para desenvolver novas técnicas com os estudantes. O desenvolvimento profissional acontece a longo prazo, ou seja, na troca de experiência com os colegas, nos cursos de aperfeiçoamento, nas reuniões pedagógica, enfim, é uma busca constante de melhorias na sua carreira profissional.

Também em relação ao desenvolvimento profissional dos professores, Imbernón e Cauduro (2013) destacam que:

O desenvolvimento profissional necessita de novos sistemas de trabalho e novas aprendizagens que são requeridas dos professores para levar a cabo sua profissão e daqueles aspectos de trabalho e de aprendizagem associados às escolas como instituições onde trabalham um grupo de professores. A formação se legitimará então, quando contribua para esse desenvolvimento profissional de professores no âmbito de escola/universidade e de qualificação das aprendizagens profissionais (IMBERNÓN E CAUDURO, 2013, p. 19).

Nessa perspectiva, percebemos que o desenvolvimento profissional do professor depende de vários fatores que envolvem a instituição e não só a formação do professor. Sendo assim, Imbernón (2011), ao refletir sobre a formação do profissional de educação, acrescenta que

[...] não devemos esquecer, porém, que a formação do profissional de educação está diretamente relacionada ao enfoque ou à perspectiva que se tem sobre suas funções. Por exemplo, se se privilegia a visão do professor que ensina de forma isolada, o desenvolvimento profissional será centrado nas atividades em sala de aula; se se concebe o professor como alguém que aplica técnicas, uma racionalidade técnica, o desenvolvimento profissional será orientado para a disciplina e os métodos e técnicas de ensino; se se baseia em um profissional crítico-reflexivo, ele será orientado para o desenvolvimento de capacidades de processamento da informação, análise e reflexão crítica, diagnóstico, decisão racional, avaliação de processos e reformulação de projetos, sejam eles profissionais, sociais ou educativos (IMBERNÓN, 2011, p. 52).

Podemos entender por essa reflexão que a formação do profissional da educação está ligada diretamente a sua prática, suas competências e suas habilidades de conduzir suas aulas, ou seja, o professor precisa estar em constante formação para que sua prática melhore cada vez mais, mas a instituição deve oferecer condições para os professores colocarem em prática seu aprendizado, favorecendo o seu desenvolvimento profissional.

Dessa forma, Marcelo Garcia (2009) aponta que

[...] pensamos que a denominação de desenvolvimento profissional se adequa melhor à concepção do professor enquanto profissional do ensino. Por outro lado, o conceito “desenvolvimento” tem uma conotação de evolução e continuidade que, em nosso entender, supera a tradicional justaposição entre formação inicial e formação contínua dos professores (MARCELO GARCIA, 2009, p. 9).

Nesse sentido, o conceito de desenvolvimento profissional não está simplesmente ligado à formação inicial ou à formação contínua. Ele faz parte de um processo dentro de um contexto de evolução profissional. Nesse processo, várias situações do profissional professor estão ligadas à formação e os leva a progredir em sua carreira.

Por isso, para Marcelo Garcia (2009) diz que,

[...] o desenvolvimento profissional docente é um campo de conhecimento muito amplo e diverso. [...] mas seja qual for a orientação que se adopte, é necessário que se compreenda a profissão docente e o seu desenvolvimento constituem um elemento fundamental e crucial para assegurar a qualidade da aprendizagem dos alunos (MARCELO GARCIA, 2009, p. 19).

Assim, o autor relaciona a importância do desenvolvimento profissional docente à melhoria da qualidade do ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem. De maneira ampla, pode-se dizer que a instituição estudada compartilha, ao menos teoricamente com esta premissa, posto que supõe a formação de seus professores, muito embora o modelo de formação continuada em serviço proposto – com as reuniões – seja bastante diferente do que é apontado como tradicional, por Marcelo Garcia. Segundo o autor, “[...] não existe modelo de formação com maior tradição e reconhecimento do que os cursos de formação” (1999, p. 177). Entretanto, é preciso pensar que não ser tradicional pode não ser algo negativo. As reuniões podem apontar uma forma mais compartilhada e interativa – partindo das demandas dos próprios professores – de produções do conhecimento sobre a própria docência e seus modos de fazer. O desafio, parece estar na forma de fazer acontecer essa formação de maneira competente.

Retomando os escritos de Marcelo Garcia (1999, p. 139), ele aponta o “[...] desenvolvimento profissional dos professores como uma *encruzilhada de caminhos*, como a *cola* que permite unir práticas educativas, pedagógicas, escolares e de ensino [...]”, e as reuniões podem ser caminhos para esta troca. Este estudo aponta potencialidades, mas ainda vê – por meio da fala dos professores – alguns limites que precisam ser trabalhados para que as trocas de caminhos possam realmente permitir a união de práticas educativas de ensino.

Em concordância com o autor, podemos dizer que são várias as formas de se alcançar o desenvolvimento profissional e que a formação continuada é uma delas. Nessa perspectiva, podemos pensar no desenvolvimento profissional dos professores durante sua carreira.

2.5 Ensino Médio: reformas e formação para o mercado de trabalho

Com a promulgação da Lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB), o Ministério da Educação (MEC), após a aprovação da Lei 9.394/96, veio implementando reformas para o Ensino Médio. Uma delas foi a separação do Ensino Médio do técnico, sendo a educação técnica um complemento da educação básica.

Com o passar dos anos, as exigências do mercado de trabalho foram aparecendo e surge a necessidade de ter pessoas qualificadas para atuar nesse mercado.

Em uma lógica que pensa formação como sinônimo de instrumentação para o trabalho, em que a educação se submete aos ditames do mercado, pensou-se ser necessário reformular o Ensino Médio.

Não só o Ensino Médio foi repensado, mas alguns artigos da LDB 9.394/96 sofreram alterações para melhor atender aos interesses dessas novas premissas da educação.

Sendo assim, a Lei 9.394/96, em seu Art. 1º parágrafo 2º, em que está escrito que “[...] a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social [...]”, e, no Art. 2º, deixa-se claro que a educação “[...] tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Também no Art. 22, está escrito que a educação básica, que é composta pela educação infantil, ensino fundamental e Ensino Médio, “[...] tem por

finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Desde a promulgação da Lei 9394/96 e do Decreto Lei 2.208/97, que regulamenta o parágrafo 2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei 9.394/96, o Ensino Médio vem passando por mudanças para atender a nova legislação, principalmente no que diz respeito ao ensino técnico profissionalizante.

Esse ensino técnico favorece o desenvolvimento do aluno no mercado de trabalho, ou seja, o aluno que cursa o ensino médio técnico ou cursa o Ensino Médio em uma instituição e o técnico em outra na modalidade concomitante/subsequente, sendo assim, ao término, o aluno terá uma profissão técnica e poderá atuar no mercado de trabalho.

Junto com a reforma do Ensino Médio, o currículo também sofreu mudanças para atender a nova legislação, sendo um currículo diversificado e flexibilizado, ou seja, o novo currículo para os cursos técnicos envolve a base nacional comum e a parte diversificada.

Entretanto, mesmo considerando a validade da implementação dessa política pública, é preciso ponderar sobre as condições de sua implementação. Nesse sentido, cabe perguntar: o que adianta estudar em uma escola de tempo integral que não oferece as condições necessárias para o bom desempenho dos alunos? Uma escola, em especial a de tempo integral, precisa de um ambiente voltado para o bem-estar de seus educandos. Ou seja, os alunos precisam encontrar no espaço escolar cultura, arte, lazer, aprendizado, professores comprometidos, tecnologias, direção empenhada em solucionar os problemas apontados pelos alunos. Ao fazer esta ponderação, cabe lembrar que muitos críticos destacam que a nova organização do Ensino Médio pretende tirar disciplinas que são tão importantes quanto as que querem que os alunos cursem.

Nesse sentido, aponta-se que essa reforma do Ensino Médio pode vir a prejudicar o desempenho dos alunos, fazendo com que as classes sociais se diferenciam uma das outras, ou seja, assim como diz Frigotto (2016, p. 331) é “[...] uma traição aos alunos filhos dos trabalhadores, [...] uma reforma que legaliza a existência de uma escola diferente para cada classe social”.

Nesse contexto, o da diferenciação das classes sociais, podemos dizer que, mesmo com a reforma do Ensino Médio, as escolas particulares vão continuar a oferecer um leque de disciplinas optativas para seus alunos, fazendo com que eles se aproximem mais do saber, enquanto, nas escolas públicas, serão oferecidas apenas as disciplinas apontadas

pela reforma do Ensino Médio, e isso não é justo para quem estuda nas escolas públicas, uma vez que seu aprendizado fica limitado a certo contexto.

Essa Lei 13.415/2017 vai acarretar mudanças no Ensino Médio em tempo integral e ainda não podemos dizer que isso irá melhorar, pois as instituições ainda não fizeram as mudanças apresentadas no texto da nova base nacional comum curricular (BNCC). Nos anos de 2016 e 2017, houve muitas discussões em torno do assunto.

Os cursos técnicos integrados ao Ensino Médio terão de adequar o currículo à nova BNCC, alterando o projeto pedagógico dos cursos.

Quando se apontam para alterações no projeto pedagógico do curso parece fácil fazer mudanças, mas a realidade é outra, não é só mudar, existe um contexto a ser analisado na construção de um projeto pedagógico do curso, e isso envolve discussão em torno do assunto para se chegar no produto final, não é tão simples suprimir disciplinas e reduzir carga horária. Diz Frigotto (2016, p. 331): “[...] é medíocre e fetichista o argumento de que hoje o aluno é digital e não aguenta uma escola conteudista [...]”, ou seja, voltando à realidade da nossa sociedade, nem todos os alunos têm acesso ao mundo digital, e estes precisam e necessitam de uma escola pública comprometida com a realidade da sociedade, fazendo com que nossos alunos alcancem o aprendizado pleno, podendo concorrer às vagas oferecidas pelas universidades federais.

Assim, como diz Domingues *et al.* (2000, p. 64), “[...] toda mudança curricular é parte de uma política de desenvolvimento do país, e, portanto, o currículo deve expressar coerência e articulação com esse projeto”, ou seja, pensa-se na educação favorecendo os interesses políticos do país, mas não se pensa na educação para o desenvolvimento da sociedade. Se se pensasse nesse desenvolvimento, haveria um olhar aguçado para o ensino, um planejamento que pudesse melhorar a qualidade do ensino público oferecido, uma valorização dos profissionais da educação.

Quanto ao ensino técnico integrado ao Ensino Médio, o capítulo que segue explicará sobre esta modalidade de educação profissional.

2.6 Educação profissional de nível técnico integrada ao Ensino Médio

Com a promulgação do Decreto n.º 5.154/04, há a regulamentação do § 2º do art. 36 e os artigos 39 a 41 da Lei n.º 9394/96, e a Lei n.º 11.741/08, que altera dispositivos da Lei n.º 9394/96, estabelecendo diretrizes e bases da educação nacional, há o

redimensionamento, a institucionalização e a integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica.

De acordo com Oliveira (2017), o Decreto n.º 5.154/04 reestabeleceu

[...] a possibilidade de oferta de um ensino médio de caráter politécnico, com currículos que podem integrar-se à formação científica, tecnológica e cultural, cujo escopo é formar indivíduos capazes de articular as dimensões do fazer, do pensar e do sentir” (OLIVEIRA, 2017, p. 5).

Nesse sentido, a educação profissional pode ser oferecida integrada ao Ensino Médio, possibilitando a entrada no mercado de trabalho, ou seja, na modalidade de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, os alunos terminam o Ensino Médio com uma profissão e nas modalidades concomitantes, os alunos cursam o Ensino Médio em uma escola e o técnico em outra; na subsequente situação, os alunos já cursaram o Ensino Médio e têm a oportunidade de dar continuidade aos estudos, sendo assim procuram esta modalidade para cursar um curso técnico.

Importa dizer, antes que, antes de a instituição ser implantada na região, foi feito um estudo sobre o eixo tecnológico, passando por audiência pública, após foi decidido quais cursos seriam oferecidos na região.

A Lei n.º 11.741/08 redimensiona, institucionaliza e integra as ações da educação profissional técnica de nível médio, educação de jovens e adultos e educação profissional e tecnológica.

Na seção IV-A da Lei n.º 9.394/96, o texto é destinado à educação profissional técnica de nível médio, estabelecendo que a educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida, mediante a articulação com o Ensino Médio, subsequente para aqueles que já terminaram o Ensino Médio, e deverá observar os objetivos e definições estabelecidos pelo Conselho Nacional de Educação, as normas do sistema de ensino e as exigências de cada instituição.

Nos termos da Lei n.º 11.741/08, conforme Decreto n.º 5.154/04, em consonância com a Lei n.º 9394/96, estatuto e Plano de Desenvolvimento Institucional, a instituição pesquisada “[...] tem por finalidade ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades” (ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA, 2013, p. 6), e o objetivo central da instituição estudada é

[...] agregar à formação acadêmica a preparação para o mundo do trabalho, discutindo os princípios das tecnologias a ele relativas. Compreende-se, para isso, que seja preciso derrubar as barreiras entre o ensino técnico e o científico, articulando trabalho, ciência e cultura, na perspectiva da emancipação humana (PPP, 2015 – 2019, p. 13).

Esta instituição pesquisada oferece cursos técnicos concomitante e subsequente, técnico integrado ao Ensino Médio, superior em licenciaturas e engenharia, especialização e cursos de extensão.

Nesse contexto de ensino, Lima (2013, p. 109) aponta que “[...] o ensino técnico integrado ao ensino médio propõe ensinar conteúdos culturalmente acumulados e ser a base profissional que capacita o jovem para ingressar no mercado de trabalho e dar prosseguimento aos seus estudos”.

Nesse sentido, percebemos que o ensino oferecido pela instituição pesquisada prepara o aluno para o mundo do trabalho e tem a preocupação de “formar o estudante de forma ética, responsável, autônoma e criativa” (ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA, 2013, p. 7).

Para que tudo isso aconteça, os professores, de acordo com Lima (2013, p. 120), “[...] desempenha um papel importantíssimo na formação do aluno, assim sendo há a necessidade do profissional do magistério ter uma visão crítica da sociedade – dada pela formação inicial e continuada”.

Nesse contexto de formação continuada e de acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional, a instituição tem como objetivo específico “[...] aprimorar a formação continuada dos professores a fim de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem” (PDI, 2014 – 2018, p. 110). Nesse sentido, em setembro de 2014, a Pró-reitora de Ensino, objetivando atender às demandas apresentadas pelos professores em reuniões realizadas, criou uma Diretoria de Ações Pedagógicas, com a finalidade de promover a formação continuada dos professores.

A Diretoria de Ações Pedagógicas promove – mensalmente – encontros, reuniões presenciais e videoconferência com a equipe de formação continuada para subsidiar os trabalhos nas instituições. Nestas reuniões, havia o compartilhamento das experiências vivenciadas nas reuniões de formação continuada e o surgimento de propostas para as próximas reuniões.

A equipe de formação continuada segue as orientações da Diretoria de Ações Pedagógicas e das necessidades apontadas pelos professores nas reuniões pedagógicas,

as quais acontecem uma vez por semana na instituição e compõem a carga horária do professor.

Nessas reuniões com a Diretoria de Ações Pedagógicas, as instituições partilhavam ideias, faziam reflexões e apontavam ações para serem implementadas.

Dentre as ações que foram implementadas, estavam: fazer um levantamento da formação dos professores e das necessidades apontadas pelos professores, sistematizar as reuniões pedagógicas, as oficinas de metodologia e de didática, fazer o planejamento das ações de formação, discutir o Projeto Político Pedagógico, acolher os alunos e fazer o planejamento.

Em uma das reuniões com as equipes de formação, fomos informados que houve uma fusão entre a Diretoria de Ações Pedagógicas com a Diretoria de Projetos Especiais.

A Diretoria de Projetos Especiais realizava reuniões mensais, presenciais e por videoconferência, com as equipes de formação continuada das instituições. Além das reuniões, aconteciam encontros de formação de formadores para as equipes de formação continuada.

Nesse encontro, pensamos em uma proposta de trabalho com o tema: “Avaliação: o “X” da questão” e para cada mês uma sugestão de tema a ser trabalhado na instituição, dentre eles: avaliação diagnóstica: desafios e desdobramentos; avaliação formativa: concepção e processo; recuperação contínua e paralela; conselho de classe; avaliação e teorias da aprendizagem; instrumentos de avaliação; avaliação institucional; avaliações externas.

Os temas eram sugestões para as equipes trabalharem com os professores, mas as instituições tinham autonomia para trabalhar outros temas, de acordo com a necessidade dos professores.

Para subsidiar os trabalhos na instituição, a equipe de formação continuada contava com material que estava disponibilizado na nuvem, como: textos, relatos de experiência, prática pedagógicas, artigos, charges, vídeos, referência bibliográfica, sugestões de leituras, entre outros.

Para que as ações fossem institucionalizadas, em dezembro de 2015, foi aprovada a Resolução de políticas de formação continuada. Essa Resolução constitui-se de um conjunto de atividades e ações voltadas para o processo de desenvolvimento e de aperfeiçoamento profissional dos docentes.

Após a aprovação da Resolução sobre a política de formação continuada de professores, em dezembro de 2015, as equipes passam a ser constituídas por, no mínimo,

02 e, no máximo, 08 servidores, os quais participaram de uma eleição simplificada para garantir a gestão democrática e a qualidade do trabalho, sendo necessário apresentar uma carta de intenção com uma proposta de trabalho, além de estudos ou pesquisas na área.

A equipe de formação continuada, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (2015 – 2019), busca

[...] a valorização do profissional, assim como a constante reflexão sobre a prática docente, concebendo o campus como local privilegiado de construção e produção de conhecimentos, onde é necessário estabelecer discussões contextualizadas sobre o fazer pedagógico (PPP, 2015 – 2019, p. 88)

Nesse sentido, a instituição pesquisada se preocupa com a formação continuada do professor proporcionado a eles momentos de reflexão e troca de experiência com professores que atuam nos diversos cursos.

Este estudo tem como objetivo compreender a percepção de professores de um curso técnico integrado ao Ensino Médio, sobre formação continuada. Para tanto, o capítulo que segue explicará os pressupostos metodológicos utilizados nesta pesquisa bem como apresentará os sujeitos que partilharam suas percepções sobre a experiência estudada.

3 METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é compreender a percepção dos professores sobre as reuniões de formação continuada que acontecem na instituição de ensino público da rede federal e, assim, identificar, a partir das entrevistas, se há contribuições das reuniões de formação continuada para o desenvolvimento da prática docente em sala de aula.

Para alcançar este objetivo, optou-se por uma abordagem qualitativa que, segundo Weller e Pfaff (2013, p. 30), “[...] defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas”.

A escolha desta abordagem se justifica por se tratar de uma pesquisa em educação e sobre a percepção docente e nos dá acesso, por meio do registro de narrativas, às experiências desses professores. Assim, pode se dizer que a abordagem qualitativa e o registro de narrativas permitem considerar a produção de significados por parte dos sujeitos pesquisados.

Quanto à importância da pesquisa de natureza qualitativa, Weller e Pfaff apontam que:

[...] no campo da educação as abordagens qualitativas não são relevantes apenas no desenvolvimento de pesquisas e teorias ou na avaliação de programas e políticas educacionais, mas também no processo de ensino/aprendizagem e durante a formação de futuros profissionais que irão atuar no campo da educação (WELLER; PFAFF, 2013, p. 17).

Partindo dessas considerações, percebe-se que a abordagem de natureza qualitativa nos possibilitou fazer uma reflexão sobre a percepção dos professores sobre a formação continuada. Além disso, permitiu também que a pesquisadora refletisse sobre processos de ensino aprendizagem e de formação profissional, considerando o processo de sua própria formação continuada no curso de mestrado.

Paralelamente, a escolha da história oral na feitura de uma pesquisa qualitativa a partir do registro de narrativas permite o acesso à percepção dos professores. Assim, a história oral é entendida como “[...] um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 12), permite acessar um grupo de professores que qualitativamente analisarão o processo de formação continuada da instituição. E, dessa forma,

A experiência passa a ser valorizada. Não por serem essas pessoas “testemunhas” [...], mas, sim porque estas pessoas podem ao falar de suas experiências, contar uma versão do passado e repensar uma vida a partir das inquietações e tensões do presente” (RIBEIRO, 2007, p. 37).

Assim, podemos destacar outro elemento central para a escolha do registro das narrativas: a valorização do sujeito e de seus interesses. Pensando nessa relação, Brisola e Marcondes (2011) destacam que:

A pesquisa qualitativa privilegia a singularidade do sujeito, pois a atitude de escuta e o interesse por parte do pesquisador desperta no outro o impulso de revelar-se mediante a narrativa oral por exemplo. Com ela, é possível caminhar na direção do resgate da experiência de vida pessoal, familiar, profissional e social da pessoa humana, indo para além dos aspectos circunstanciais materiais e estruturais que a envolve (BRISOLA; MARCONDES, 2011, p. 126).

Nessa perspectiva de história oral, Brisola e Marcondes destacam ainda que:

O uso da metodologia História Oral, cujo recolhimento das informações se dá por meio de entrevistas, pode ser realizado sempre que se pretender produzir dados a partir dos relatos orais daqueles a serem entrevistados numa determinada pesquisa. [...] permite trazer à tona dados relevantes do cotidiano dos entrevistados. [...] sem falar que com esta metodologia é possível colocar em evidência a fala apresentada sob a ótica dos sujeitos da pesquisa (BRISOLA; MARCONDES, 2011, p.127).

Assim, tal metodologia se encaixou nos objetivos pretendidos neste trabalho, pois queríamos, por meio das entrevistas, ter acesso aos detalhes e descobrir as percepções dos professores sobre a formação continuada.

3.1 Tipo de pesquisa – história oral

Segundo Meihy e Holanda (2015, p.17), define-se história oral como sendo um “[...] recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”.

Para a realização das entrevistas de história oral temática, precisamos do entrevistador e do entrevistado, um completa o outro, ou seja, o entrevistador é quem está desenvolvendo a pesquisa e o entrevistado é a pessoa que será ouvida.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que busca, a partir da constituição das narrativas dos entrevistados, ter acesso a informações para entender problemáticas particulares e subjetivas e ter as entrevistas como sua fonte principal. Lüdke e André destacam que,

[...] ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. [...] está é, aliás, uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. [...] A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 38-39).

Nesse sentido, percebe-se que, por meio das entrevistas, é possível obter respostas para temática estudada, que é a percepção dos professores sobre a formação continuada.

Partindo do problema em busca de respostas, a partir de uma pesquisa de história oral temática, Lüdke e André (2013, p.1) nos dizem que “[...] para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele”.

A pesquisa foi realizada pelo método da abordagem qualitativa a partir de entrevistas de história oral temática e com roteiro prévio de perguntas (Apêndice C), composto de perguntas abertas, nas quais se buscou categorizar a realidade social da população estudada e suas percepções sobre a formação continuada dos professores.

Nessa perspectiva, podemos pensar a pesquisa qualitativa como um meio que nos permite ter várias possibilidades e interpretações sobre a formação continuada dos professores a partir das entrevistas de história oral. As entrevistas de história oral valorizam as narrativas dos entrevistados, levando em consideração as experiências vivenciadas por eles e, com o uso de gravadores, facilitamos nosso trabalho.

3.2 População / amostra

A instituição pesquisada oferece cursos técnicos na modalidade concomitante e subsequente, técnicos integrados ao Ensino Médio e superior nas áreas de engenharia e licenciatura, e também oferece cursos de extensão.

A população pesquisada constituiu-se da totalidade dos professores da instituição de ensino público da rede federal localizada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

No quadro 3, a seguir, é apresentada a formação dos colaboradores desta pesquisa.

Quadro 3. Formação dos professores e atuação nos cursos da instituição

Nº de professores	Última formação	Cursos em que podem atuar
18	Doutorado em Engenharia	Cursos técnicos Ensino técnico integrado ao Ensino Médio Engenharia
25	Mestrado em Engenharia	Cursos técnicos Ensino técnico integrado ao Ensino Médio Engenharia
6	Graduação em Engenharia	Cursos técnicos Ensino técnico integrado ao Ensino Médio
7	Doutorado em Educação	Ensino técnico integrado ao Ensino Médio Licenciatura
8	Mestrado em Educação	Ensino técnico integrado ao Ensino Médio Licenciatura
1	Licenciatura com especialização	Ensino técnico integrado ao Ensino Médio

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados na instituição de ensino. Novembro/2016.

Tendo em vista que as entrevistas foram dialógicas e em profundidade, selecionamos para desenvolver a pesquisa, dentre os 64 (sessenta e quatro) professores que constituem a população pesquisada, 19 (dezenove) deles que atuam nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, destes entrevistamos 04 (quatro) professores. Tais professores se disponibilizaram a participar da pesquisa e expor suas impressões. Além disso, o objetivo da pesquisa propõe compreender a percepção dos professores, percepção esta que será qualitativamente analisada nas 04 (quatro) entrevistas. Em nossa compreensão e na de Ribeiro, é “[...] essencial destacar que os relatos dessas pessoas não dizem respeito apenas à vivência individual, mas fazem referências e estabelecem relações com experiências de todo um grupo, ou mesmo de uma sociedade” (RIBEIRO, 2002, p. 25).

Dessa forma, para além do número dos entrevistados, este trabalho valoriza a qualidade das informações e experiências narradas. Assim, a análise propõe uma leitura atenta das entrevistas de história oral temática que abordarão o tema da formação continuada em serviço.

Nesse sentido, “[...] quando se diz que história oral é mais do que uso de entrevistas, fundamenta-se tal postura na qualificação do tipo de entrevista e torna-se

necessário ser rigoroso e fiel às decisões sobre o gênero escolhido” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 34).

Foi usado como critério de seleção para as entrevistas os professores que atuam nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio.

Os professores entrevistados foram convidados a participar da pesquisa de abordagem qualitativa por meio de entrevistas de história oral temática, que, segundo Meihy e Ribeiro,

Por partir de um assunto específico e previamente estabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido. A objetividade, portanto, é mais dirigida, ainda que seja inviável supor objetividade absoluta em expressões da fala espontânea. A hipótese de trabalho neste ramo da história oral é testada com insistência e, por isso, o recorte do tema deve ficar de tal maneira explícito que conste das perguntas a serem feitas ao colaborador. Não se deve confundir nesse caso “pergunta” com “estímulo” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 88).

Nesse sentido, percebe-se a importância da população na busca de soluções que mais se aproximam da temática estudada. As narrativas dos professores sobre a formação continuada foram de grande relevância para alcançar os objetivos esperados para esta pesquisa.

Depois de registradas e transcritas as entrevistas, procedemos a análise dos dados. Dessa forma, a narrativa dos professores sobre a formação continuada nos levou a um entendimento mais amplo sobre a temática estudada.

3.3 Instrumentos

Neste trabalho, foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados a análise documental da instituição de ensino sobre a formação continuada e entrevistas dialógicas com os professores.

Quanto à análise dos documentos da instituição de ensino sobre a formação continuada, foi feito um levantamento de documentos oficiais (Projeto Político Pedagógico, Plano de Desenvolvimento Institucional e documentos de políticas públicas que instituem a formação continuada na instituição), no sentido de analisar seu percurso, seus objetivos e seu desenvolvimento.

Para possibilitar o registro, a organização e a sistematização das narrativas dos professores sobre formação continuada, a entrevista foi escolhida como instrumento de coleta de dados pois, conforme Meihy e Ribeiro (2011), as entrevistas, mesmo que temáticas, podem ser abertas, conduzidas com roteiro.

De fato, as entrevistas de história oral temática levam em consideração um determinado tema e sua objetividade, deixando que o entrevistado expresse seus sentimentos, vivências, dúvidas e angústias sobre a temática pesquisada. Sobre esse aspecto, Meihy e Ribeiro apresentam:

Dado seu caráter específico, a história oral temática ressalta detalhes da história pessoal do narrador que interessam por revelarem aspectos úteis à instrução dos assuntos centrais. Esse gênero de história oral não só admite o uso de roteiros ou questionário, mas, mais do que isso, estes se tornam peça fundamental para a aquisição dos detalhes procurados (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.89).

Para desenvolver a pesquisa, utilizamos como instrumentos de coleta de dados as entrevistas realizadas mediante roteiro com 16 perguntas abertas (Apêndice C), que foram gravadas em áudio e, em seguida, transcritas e analisadas. Segundo os procedimentos de história oral, não se deve interromper o entrevistado, deixando que ele narre suas histórias de modo livre, e este fato acarretou no registro de experiências que, muitas vezes, não eram esperadas por esta pesquisa. As entrevistas foram realizadas na instituição de ensino em que os professores lecionam. Dessa forma, os professores tinham intimidade com o local, o que facilitou em relação às questões profissionais de suas experiências que são foco do presente estudo.

Quanto aos dados coletados por meio das entrevistas, eles permanecerão em posse da pesquisadora por um período não inferior a 05 (cinco) anos, quando então serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes.

De posse das narrativas, da documentação da instituição de ensino e do referencial teórico, realizamos a análise, de modo a articular informações provenientes dessas três diferentes fontes, a saber: oral, escrita e bibliográfica.

Assim, nesta pesquisa as entrevistas foram trabalhadas nas seguintes etapas: realização, gravação, transcrição e conferência a partir dos pressupostos da história oral.

Complementando os passos dessa escolha metodológica, Ribeiro comenta sobre

[...] uma prática de pesquisa para apreensão de narrativas feita por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a elaboração de documentos. Nesse sentido, o barateamento dos recursos tecnológicos – gravadores, filmadoras – facilita o trabalho de registro das fontes orais e ajuda a promover estudos referentes a experiência social de pessoas e de grupos próximos ao cotidiano da escola (RIBEIRO, 2008, p. 101).

É este cotidiano escolar que forma o cenário para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como a percepção dos professores nos permitirá um estudo sobre a experiência social da formação continuada em serviço para este grupo de professores.

3.4 Procedimentos para coleta de dados

Por utilizar seres humanos para a coleta de dados, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), que tem a finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Após sua aprovação, por meio do Parecer consubstanciado do CEP, CAAE: 64557217.0.0000.5501, foi iniciada a realização da coleta de dados.

A escolha dos colaboradores aconteceu da seguinte forma: a pesquisadora fez convite aos professores que participavam das reuniões de formação continuada, dando preferência aos professores que atuaram e que atuam nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, não houve uma escolha do professor por parte da pesquisadora, o convite foi feito aos professores, mas apenas os quatro aceitaram ser colaboradores da pesquisa.

Para que fossem realizadas as entrevistas, precisamos seguir alguns passos importantes, a saber: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

Na pré-entrevista, foram apresentados para os colaboradores o projeto de pesquisa, os procedimentos de coleta e análise dos dados das narrativas, a necessidade de utilização de equipamentos eletrônicos para o registro das entrevistas e, em seguida, agendamos as datas, horários e os locais onde as entrevistas foram gravadas. Explicamos para os colaboradores que as entrevistas seriam de história oral temática, na qual se valoriza a integralidade das narrativas dos colaboradores, e aprofundamos, a partir de um roteiro de perguntas, na medida em que foi necessário, as questões abordadas por eles com referência à sua formação continuada. Também foi apresentado o Termo de consentimento livre e esclarecido (conforme Anexo A) aos indivíduos que aceitaram

participar do estudo, sendo-lhes garantido o sigilo de sua identidade bem como assegurada sua saída do presente estudo se assim desejassem, a qualquer momento.

Na fase seguinte, que foi a da realização das entrevistas, preparamos o local e deixamos o colaborador à vontade. As entrevistas aconteceram no local de trabalho dos colaboradores, em uma sala da instituição, em dias diferentes para cada colaborador, respeitando suas disponibilidades.

Após a realização das entrevistas, que é a fase da pós-entrevista, fez-se a transcrição das narrativas dos colaboradores, que compreende a passagem literal do texto oral para o texto escrito, levando em consideração os vícios de linguagem, expressões regionais e marcadores conversacionais que caracterizam a oralidade.

Meihy e Ribeiro apontam que, durante a realização das entrevistas e a transcrição, deve-se atentar para:

Um ponto importante em qualquer projeto de história oral remete à combinação entre o ritmo das realizações das entrevistas e as transcrições. É necessário evitar o acúmulo de gravações e distâncias prolongadas entre uma etapa e outra. Isso gera uma ansiedade no colaborador que por vezes passa a descreditar no trabalho do pesquisador. É comum ocorrer situações em que, depois de finda a gravação, o colaborador conta algo importante e que não consta da fita. Quando isso ocorrer, recomenda-se que seja chamada a atenção do colaborador e solicitada a autorização para incluir no texto, se for o caso (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 105).

Após a transcrição das narrativas, fez-se um trabalho de textualização das entrevistas, para que se possa gerar um texto de leitura agradável e fluida, inserindo perguntas e repostas em uma narrativa direta e reduzindo o excesso de marcadores conversacionais e possíveis gírias que podem prejudicar a compreensão e a clareza do texto. Esse processo foi finalizado como um trabalho de tradução criativa, que se preocupa eminentemente com a reconstituição da informação original (entrevista).

Depois de transcritas e feitas as conferências das entrevistas, chega o momento em que o pesquisador apresenta o texto editado aos colaboradores, a fim de obter a autorização oficial para seu uso. Nesta etapa, os colaboradores têm total liberdade para sugerir inclusões, exclusões ou modificações na entrevista, pois a partir dela se chegará à versão final do texto.

Quanto a validar as narrativas, Meihy e Ribeiro destacam que:

Validar uma narrativa é ato de respeito e atitude de maturidade de oralistas. O texto produzido pelos encontros entre os entrevistadores e os entrevistados, obrigatoriamente, tem valor interno. O cruzamento com outros textos –

oriundos ou não de entrevistas – é parte de análise dos resultados, fato que deve ser prevenido desde o projeto (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 111).

Ao término da etapa de construção do corpo do documento, poderá, eventualmente, ser estabelecida uma nova fase de reflexão teórica sobre o material construído e de possível diálogo com as outras fontes.

A conferência das entrevistas foi feita por meio de mensagens trocadas por *e-mail*. Entretanto, essa fase foi bastante desafiadora, pois os entrevistados demoraram para responder o *e-mail* confirmando o texto enviado a eles de suas entrevistas. De acordo com Meihy e Ribeiro (2011, p. 111), “[...] validar equivale a fazer valer ou à ação de tornar efetivo, o que independe de qualquer parâmetro lógico, racional, coerente ou coeso, o que se tem é a relatividade do conceito de verdade”.

Após a conferência das entrevistas, iniciamos a análise dos dados entre o referencial teórico, os documentos institucionais e as narrativas dos professores.

O núcleo documental desta pesquisa foi composto por entrevistas de história oral temática, levando em consideração os documentos da instituição de ensino sobre formação continuada, as narrativas e o referencial teórico.

Não foi objeto deste trabalho contrapor o discurso dos entrevistados aos documentos da instituição de ensino com o propósito de encontrar a “verdade” ou conferir, por exemplo, as datas dos acontecimentos. O que importou para o presente estudo foram as experiências de ordem objetiva e subjetiva expressas por meio das narrativas das pessoas que as vivenciaram.

3.5 Procedimentos para análise de dados

A análise dos dados coletados foi composta por entrevistas gravadas, transcrição e reprodução fiel da fala do sujeito entrevistado e análise da documentação da instituição sobre a formação continuada.

Tendo em vista que os professores falaram sobre suas experiências, a análise das suas narrativas foi feita de forma que podemos afirmar que a experiência vivida se torna fonte da narração.

No contexto de história oral temática, Meihy e Ribeiro destacam que:

[...] em história oral temática, equipara-se o uso da documentação oral ao das fontes escritas. A subjetividade perde parte da sua consistência, nesses casos.

A história oral temática é, quase sempre, usada como técnica, pois articula, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 88).

Após a transcrição das entrevistas, foram feitos recortes das narrativas dos professores e, em seguida, esses recortes foram analisados, levando-se em consideração as observações do pesquisador sobre as manifestações e o comportamento reflexivo e prático de determinada realidade percebida durante as entrevistas.

De acordo com Meihy e Holanda (2015, p. 132), “[...] quando se pensa na análise das entrevistas em si, em sentido de história oral pura, o que deve ser passível de considerações é a análise dos “fatos observáveis”, das narrativas concretas. Isso faz com que se considerem os fatos narrados como ‘verdades últimas’”.

Os dados coletados a partir da seleção de documentos da instituição sobre a formação continuada e das entrevistas foram analisados. Nesse sentido, para a melhor organização da análise dos dados, as narrativas foram tratadas em grandes eixos, levando em consideração o contexto em que foram realizadas as entrevistas. Segundo Brisola e Marcondes,

[...] é importante analisar o contexto no qual as informações são geradas, focando atentamente as falas apresentadas nas entrevistas semi-estruturadas, buscando-se identificar os motivos que levam o sujeito da pesquisa a pronunciar-se da forma como faz. Também é relevante não considerar a narrativa apresentada como última palavra do sujeito e trabalhar com a expectativa de que o sujeito pode compartilhar da análise realizada (BRISOLA; MARCONDES, 2011, p. 133).

Também para Meihy e Ribeiro, é importante o aval do entrevistado, que deve saber qual ordem será dada em sua narrativa e, quanto à validação, pode-se dizer que

[...] um dos mais complexos e importantes recursos oferecidos pela história oral é a *validação*. Essa é uma etapa de finalização de todo o processo de interação com o colaborador. Nele confere-se o texto produzido por meio do diálogo, desde o primeiro contato, verifica-se e corrige-se possíveis erros e enganos, legitima-se esse trabalho de interação de forma não hierarquizada e valida-se a possibilidade de produção de conhecimento a partir do documento gerado (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 111).

Ou seja, há o respeito absoluto com relação às narrativas dos entrevistados, pois eles dedicaram um período do seu tempo para dialogar com o entrevistador.

Assim, de modo geral, pode-se dizer que, depois de registradas e transcritas, procedemos uma análise dos dados. Para essa análise das entrevistas de história oral

temática, foi utilizada a tematização das narrativas nos eixos de análise que organizam o texto que segue na parte 4 desta dissertação, no qual se apresentam os resultados e as discussões sobre a percepção dos professores sobre as reuniões de formação continuada que acontecem na instituição de ensino público da rede federal.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, preocupamo-nos com a análise das entrevistas, buscando, no referencial teórico e na documentação da instituição, subsídios necessários para se chegar a um entendimento sobre as narrativas dos professores em relação às reuniões de formação continuada que acontecem na instituição. Para tanto, esta seção do trabalho apresenta um perfil dos docentes entrevistados – que trabalhará o ingresso na profissão e sua organização identitária –, seguido de 4 subseções em que se apresenta respectivamente o que é ser professor, as percepções, reflexões e proposições apresentadas pelos professores sobre as reuniões realizadas pela instituição e que fazem parte do programa de formação continuada.

Essa organização decorre de uma compreensão do processo de construção da narrativa. Assim, em primeiro lugar, as entrevistas tratam da concepção dos professores entrevistados sobre seu próprio ofício docente. Nesse momento, organizamos a análise de maneira a entender o que significa ser professor para o grupo entrevistado. Em seguida, tivemos acesso às percepções, ou seja, vimos emergir uma noção geral, uma representação mental que distinguia estes encontros de outras experiências formativas, uma sensação que pode ser manifestada com base na experiência. Na sequência, pudemos estimular esses professores a refletir, ou seja, a pensar sobre suas percepções e, de certa maneira, a produzir um conhecimento, voltando-se sobre sua própria experiência e prática. Nesse terceiro momento, as análises das entrevistas puderam, portanto, nos conduzir a uma melhor compreensão sobre o processo de formação continuada, suas demandas e razões de existir. Por último, puderam olhar para si e para as demandas institucionais. Cada entrevistado pode, a seu modo, examinar as práticas e produzir suas proposições. Tais propostas apresentam uma avaliação da ação de formação continuada apresentada pela instituição e sugerem correções que podem, depois da sistematização presente neste trabalho, ser colocadas em prática na instituição.

Assim, com os resultados desta pesquisa, foi possível compreender a percepção dos professores sobre a formação continuada e se esta formação contribuiu para sua prática pedagógica. Verificamos, a partir das narrativas e das análises dos documentos, quais foram os efeitos dessa formação para o contexto educacional e, principalmente, na sala de aula em que os professores entrevistados estão inseridos.

No quadro 4, apresentamos resumidamente o que pensamos trabalhar em cada eixo de análise.

Quadro 4. Eixos de análise

Eixos de análise	Pensando nos eixos temáticos
Perfil dos participantes	Idade Tempo de atuação como professor Formação Cursos em que atua na instituição Disciplinas que leciona
O que se entende por ser professor	O que é ser professor para cada um dos colaboradores
Percepção dos professores sobre a formação continuada	O que o professor entende sobre formação continuada Como os professores veem o processo de formação continuada A percepção do professor mudou durante estes anos na instituição
Reflexão sobre as reuniões de formação continuada	Participação do professor nas reuniões de formação continuada que acontecem na instituição As reuniões ampliaram o conhecimento dos professores Os professores usam os conteúdos abordados nas reuniões Houve mudanças na prática pedagógica dos professores após a participação nas reuniões de formação continuada
Proposições para o processo de formação continuada	Como devem ser conduzidas as reuniões

Fonte: Elaboração da própria autora desta dissertação.

A seguir, iniciamos a análise, apresentando o perfil dos participantes, o que nos leva a conhecer um pouco da trajetória dos entrevistados.

4.1 Perfil dos participantes

De acordo com a Organização Didática (2013, p. 10), em seu Art. 18, “[...] o corpo docente da instituição estudada será constituído por professores do magistério do ensino básico, técnico e tecnológico e por professores substitutos, visitantes, temporários e aprovados em concurso público ou processo seletivo simplificado”.

Nesse contexto institucional, traçamos o perfil dos professores entrevistados e, com o objetivo de preservar o anonimato, adotamos como identificação dos docentes os seguintes nomes: Profa. Aydie, Prof. Guilherme, Prof. Alfredo e Prof. Oliveira. Esses nomes foram escolhidos pela pesquisadora, são nomes fictícios que intencionam manter as identidades anônimas, conforme regras do Conselho de Ética e Pesquisa da UNITAU. A razão da escolha dos nomes é manifestação da subjetividade da pesquisadora. Assim, esses nomes representam pessoas que tiveram um grande significado pessoal na formação profissional, por sempre terem incentivado o trilhar de uma carreira na educação. Sendo assim, achamos que esta seria uma homenagem a uma trajetória de formação profissional que vem se desenvolvendo e que hoje tem como desafio formar novos profissionais.

Esses nomes referem-se a professores que impactaram positivamente no sentido de me fazer compreender o significado e a importância de não desistir e sempre buscar uma formação que pudesse ampliar o meu conhecimento e, com isso, poder contribuir positivamente nas funções que exerço dentro das instituições em que trabalhei e na qual atualmente me encontro.

O quadro a seguir apresenta o perfil dos professores entrevistados de acordo com sua idade, tempo de atuação como professor, formação, cursos em que atua na instituição e disciplinas que leciona.

Quadro 5. Perfil dos professores participantes da pesquisa

Identificação	Profa. Aydie	Prof. Guilherme	Prof. Alfredo	Prof. Oliveira
Idade	36 anos	36 anos	30 anos	42 anos
Tempo de atuação como professor	10 anos	10 anos	5 anos	17 anos
Formação	Graduação em Enfermagem, Especialização em Licenciatura em Enfermagem, Mestrado em Enfermagem	Letras Português Mestrado em Letras	Engenharia de Controle e Automação	Processamento de Dados Especialização em Língua Inglesa
Cursos em que atua na instituição	Cursos técnicos integrados ao Ensino Médio	Cursos Técnicos Profissionalizantes Licenciatura em Química e Matemática Cursos de Extensão	Cursos técnicos e Cursos técnicos integrados ao Ensino Médio	Cursos técnicos
Disciplina que leciona	Organização e segurança do trabalho	Professor de Línguas nessas áreas. Nos cursos de Extensão, trabalha com literatura.	Projeto Integrador Controle de Processos	Informática Básica e Programação

Fonte: Elaboração da própria autora desta dissertação.

Os dados dos professores entrevistados mostram que eles estão dentro de uma faixa etária entre 30 e 42 anos, e seu tempo de atuação como professor varia entre 05 e 17 anos. Por serem professores que atuam em cursos técnicos integrados ao Ensino Médio e técnico profissionalizante, a formação desses profissionais abrange as diferentes áreas do conhecimento, a saber: Humanas, Exatas e Biológicas. Os professores já atuaram e/ou atuam em cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. O Prof. Guilherme atua, também, nos cursos de Licenciatura em Matemática e Química. Quanto às disciplinas que leciona, há uma variação de curso para curso. Sobre o ingresso na área da educação dos quatro

professores entrevistados, apenas um deles disse que sua escolha profissional pela docência vem de uma experiência desenvolvida paralelamente ao Ensino Médio:

Foi um processo que se deu ao longo do ensino médio, foi disparado a partir do momento que eu comecei a ter um contato maior com a leitura de livros. Um processo que passou pela escola, mas ao lado dela também, o motivador principal não foi a escola, foi o processo fora dela em contato com livros, e também o contato com música (PROF. GUILHERME).

Pode-se pensar que, para o Prof. Guilherme, ingressar na área da educação foi um processo desenvolvido durante o período em que cursava o Ensino Médio, a partir de seu contato com a leitura de livros e com a música. É interessante notar que isso aconteceu fora da escola formal, mas, ao mesmo tempo, ao lado dela (uma formação paralela que ganhou centralidade em sua experiência profissional).

Para Wille (2005), “[...] os processos de ensino e aprendizagem formal se justapõem às experiências e vivências musicais não-formais e informais dos adolescentes fora da escola”. Nesse sentido, podemos pensar que, para o Prof. Guilherme, essas atividades que eram realizadas em paralelo com o Ensino Médio o levaram a seguir o caminho da docência, o contato com a música e o contato com os livros foram importantes e motivadores da escolha da sua profissão.

O Prof. Guilherme passou por uma experiência que marcou significativamente sua vida, fazendo com que se tornasse professor, e essas experiências vieram de atividades extraclases. Assim, sua vivência com música se desdobra em uma escolha profissional. A vida da docência foi, portanto, modelada pela vivência de atividades que envolviam a educação não formal.

Nesse sentido, cabe lembrar reflexões tecidas por pesquisadores da área de história oral e narrativas, que definem a experiência como algo fundamental para a construção de caminhos na vida. A partir da leitura de Walter Benjamin, destaca-se que “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (BENJAMIN, 1985, p. 201). Assim, como sintetizou Ribeiro, experienciar “[...] é viver no corpo e na alma” (RIBEIRO, 2007, p. 179).

Por outro lado, o referencial de leituras, como as de Tardif (2012), aponta que a história de vida dos professores é fundamental, pois cada professor compõe sua própria subjetividade a partir de sua vivência, de sua afetividade e de seus valores. O autor destaca

ainda que tais elementos compõem a prática docente desses professores de modo que vida e trabalho se tornam dois lados de uma mesma moeda.

Tendo isso em mente, o Prof. Guilherme apontou, em sua história, que começou a lecionar música e isso fez com que ele escolhesse o curso de Licenciatura, como podemos ver em seu relato:

Inicialmente comecei dando aula de violão e nesse processo descobri que dar aula era uma coisa que fazia muito sentido para mim, e a relação que eu tive depois com a palavra escrita, por meio das leituras também, se juntou a isso e fez com que eu escolhesse o curso de Letras. Então, são processos que não passaram necessariamente ou pelo menos diretamente pela escola. Foram experiências às margens da escola, ligadas a ela pelo contato com os livros, mas aconteceram fora do espaço escolar (PROF. GUILHERME).

Tardif (2012), ao comentar sobre a pesquisa de Raymond, Butt e Yamagishi (1993), destaca que:

As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático. Acrescentam-se também a isso experiências marcantes com outros adultos, no âmbito de atividades extraescolares ou outras (atividades coletivas: esportes, teatro etc.) (TARDIF, 2012, p. 73).

Nessa medida, pode-se traçar um paralelo e afirmar que experiências de educação não formal anteriores – ligadas à música – influenciaram o professor Guilherme. Contudo, é preciso ir mais fundo, e verificar que, como mostra Tardif – no excerto acima –, essa formação anterior pode ser relacionada a uma experiência marcante de convívio com os livros e com a própria experiência da docência, que permitiram a produção de sentidos pessoais e possibilitaram inserção em novas relações de formação na busca pelo curso de Letras. Como se vê em sua narrativa, Guilherme percorreu um caminho da música para o ensino de música e para a escrita e da escrita para o curso de Letras. Depois desse percurso, foi possível voltar à docência, agora em outra área, e de maneira mais escolarizada e profissionalizada. Assim, as atividades desenvolvidas anteriormente fizeram com que refletisse e, posteriormente, tomasse a decisão de se tornar um professor, levando em consideração as experiências que deram sentido e marcaram sua vida.

Nesse sentido, Tardif (2012, p.77) acrescenta que “[...] tais experiências são suficientemente importantes e gratificantes para ter determinado a escolha da carreira.” Fuhrmann e Paulo (2014) complementam isso, dizendo que

[...] o tipo de aprendizado informal sofre influência de situações cotidianas, geralmente sem nenhum controle externo, [...] não há roteiro, método ou mesmo objetivos definidos nessa prática educativa. Outro tipo de aprendizado não escolar é o não formal, que pressupõe certo controle e uma sistematização sobre um determinado conteúdo disciplinar extraclasse (FUHRMANN; PAULO, 2014, p. 554).

Para Tardif, as experiências são importantes para determinar uma escolha. Fuhrmann e Paulo enfatizam que a influência de um aprendizado informal não tem um controle externo, ou seja, não tem um objetivo, mas o aprendizado não formal, que tem um controle e que pode ser considerado uma atividade extraclasse, são atividades educativas, mesmo que o educador não tenha uma formação, mas que as atividades são de programas socioeducativos e da educação popular.

São as atividades informais e não formais que fizeram com que o Prof. Guilherme escolhesse o curso de Letras, essas atividades que se iniciaram paralelamente ao Ensino Médio, por meio da leitura e da música, proporcionaram a ele escolhas e atitudes que o marcaram e à sua vida e deram continuidade à sua formação, que se desdobrou da graduação em um mestrado e em um doutorado em diferentes universidades.

Nesse sentido, gostaríamos de retomar alguns argumentos da reflexão feita anteriormente sobre o Ensino Médio, frente à possibilidade da reforma. Isso porque se pode ver que a experiência do Prof. Guilherme com atividades informais e com a música foi fundamental para sua escolha profissional. Ou seja, revela-se a importância de experienciar diferentes formas de contato com a diversidade de conhecimentos, posto que eles podem todos compor um cenário em que se pode escolher um caminho a ser seguido na vida ou na profissão.

Ao perguntar para o Prof. Guilherme sobre sua formação inicial, ele destacou que:

Sou formado em Letras, Letras Português, na Universidade Estadual de Montes Claros. Tenho Mestrado também na área de Letras, na área de Teoria Literária e Crítica da Cultura, e estou fazendo doutorado agora, também na área de Teoria Literária e Literatura Comparada na UFMG (PROF. GUILHERME).

É possível verificar, nos seus relatos, que ele é um professor, que apesar de estar há 10 anos lecionando, está buscando ampliar seu conhecimento. Para Marcelo (1999), é necessário entender o início da carreira para entender que o processo de formação é considerado como desenvolvimento profissional, na medida em que buscamos adquirir mais conhecimento, competências e atitudes para melhor desempenhar nossas atribuições. Nesse contexto, o Prof. Guilherme nos mostra que, no decorrer de seu

desenvolvimento profissional, iniciando pelas aulas de música, depois como professor de Letras, ele passou por um mestrado e atualmente está cursando um doutorado, enfim é um professor que está se capacitando para melhor desenvolver atividades com seus alunos.

Quando perguntamos ao Prof. Guilherme sobre os cursos em que ele já atuou e em que atua na instituição de ensino, ele nos disse que:

Em dez anos eu tive vontade de trabalhar, sempre na educação básica, e trabalhei. [...] trabalhei com a educação básica no Estado de Minas Gerais, trabalhei com ensino superior em Universidades, também em Minas, e dentro da Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica eu já pude trabalhar com cursos na área de Informática, Produção de Moda, Comunicação Visual, Enfermagem, Automação, Mecânica, Eletrotécnica, Química, Matemática, aí sempre atuando como professor de línguas nessas áreas (PROF. GUILHERME).

O Prof. Guilherme gosta de trabalhar com a educação básica, mas também trabalhou em outras modalidades do ensino, tanto técnica quanto superior. Para esse professor, trabalhar na educação básica era a realização de uma vontade que ele tinha, e essa vontade se concretizou, favorecendo uma realização profissional e pessoal.

Em seu relato, o Prof. Guilherme destaca os cursos de extensão como um trabalho afetivo de abordar: “[...] fora os cursos de extensão que é uma coisa que gosto de desenvolver que possibilitam que eu trabalhe com literatura, com coisas que respeito mais, é uma escolha mais afetiva de abordar”.

Nesse relato do Prof. Guilherme sobre os cursos de extensão, identificam-se dois pontos importantes: o gosto pela literatura e o lado afetivo de abordar o assunto. Ou seja, é um momento em que ele desenvolve as atividades de uma maneira mais relacionada a ele, ao seu gosto e à sua história de vida por gostar de literatura e por ser um assunto que ele respeita.

A partir das leituras de Gatti, é possível compreender que o Prof. Guilherme tem uma identidade profissional que foi constituída ao longo de sua experiência docente, por isso

[...] esse profissional é um ser em movimento, construindo valores, estruturando crenças, tendo atitudes, agindo em razão de um tipo de eixo pessoal que o distingue de outros: sua identidade. Associadas à identidade estão as motivações, os interesses, as expectativas, as atitudes, todos elementos multideterminantes dos modos de ser de profissionais (GATTI, 2011, p. 162).

Tal identidade é orientadora de escolhas. Embora o Prof. Guilherme já tenha atuado em vários cursos, os cursos em que mais gosta de atuar são os de extensão, com os quais estabelece maior identidade na medida em que é possível trabalhar com maior afetividade e estabelecer vínculos com os conteúdos. Ou seja, parece ser neste curso que ele estabelece uma maior empatia com a prática docente. Sobre isso, Gatti (2011) nos fala da associação da afetividade com a identidade, em que os interesses do profissional prevalecem.

A Profa. Aydie, outra entrevistada, ao ser perguntada sobre seu ingresso na área da educação, relatou que: “Na área da educação, ingressei através do concurso para professor substituto em uma Universidade Federal [...]”, ou seja, ela iniciou na área da educação por meio de concurso público para substituir um professor, e não aparece em seus relatos como ela decidiu seguir a carreira de professora.

Quanto a sua formação inicial, Profa. Aydie, em seu relato, nos diz: “Eu fiz o curso superior (graduação) em Enfermagem durante cinco anos, em paralelo fiz a Licenciatura plena na área de educação, junto com o bacharelado, porém em dois diplomas separados. Tenho também mestrado acadêmico, que durou dois anos”.

Podemos perceber, em sua entrevista, que a Profa. Aydie busca uma ampliação do seu conhecimento, ou seja, ela fez a graduação, a licenciatura e o mestrado, e dessa forma atua como professora em diversos cursos.

Mostrando esta trajetória de formação contínua, a professora evidencia que a formação continuada faz parte do desenvolvimento profissional autônomo do professor, como nos diz Marcelo (1999, p. 150), “[...] correspondendo a uma concepção de desenvolvimento profissional, segundo a qual os professores decidem aprender por si mesmos aqueles conhecimentos ou competências que consideram necessários para o seu desenvolvimento profissional ou pessoal”.

Quanto a sua atuação profissional, a Prof.^a Aydie destacou que:

No início da minha vida profissional trabalhei em hospital, como enfermeira assistencialista. Depois trabalhei na área de saúde pública no Programa de Saúde da Família (PSF) e como professora substituta em uma Universidade Federal. [...] ao mudar de cidade, tive a oportunidade de trabalhar em uma maternidade pública e de ministrar aulas em Escolas Particulares nos Curso Técnicos de Enfermagem por alguns meses, até ser aprovada no concurso, onde estou a nove anos atuando de forma exclusiva nos cursos técnicos integrados ao ensino médio (PROFA. AYDIE).

Podemos destacar, no relato da Profa. Aydie, que, antes de ser professora, trabalhou como enfermeira, passando por alguns setores até prestar o concurso para professora substituta, no qual permaneceu um bom período.

Ao perguntar à Profa. Aydie em quais cursos ela atua como professora na instituição, ela relatou: “Eu já atuei no curso técnico de enfermagem e superior de enfermagem. Atualmente, estou ministrando disciplinas nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio”.

O Prof. Alfredo, outro entrevistado, destaca um momento de sua vida que o levou a ser professor, como percebemos em sua fala:

Estava procurando emprego, estava trabalhando na área industrial, e estava procurando um outro emprego e surgiu uma oportunidade de trabalhar como professor substituto no CEFET – MG. Fiquei um tempo como professor substituto e depois vim via concurso, aqui, para a instituição (PROF. ALFREDO).

Percebe-se na sua narrativa que, ao procurar outro emprego, se deparou com a possibilidade de ser professor substituto e que essa escolha deu certo, pois hoje ele é professor de outra instituição de ensino.

Quanto a sua formação inicial, o Prof. Alfredo declarou que foi na área de “Engenharia de Controle e Automação”. Ao perguntar ao Prof. Alfredo sobre os cursos em que atua, ele nos disse: “Atualmente, eu atuo nos cursos integrados ao Ensino Médio e nos cursos técnicos”.

O Prof. Alfredo tem 30 anos de idade e há 05 anos atua como professor. É jovem e está no início de sua carreira como docente, ainda não buscou uma formação na área educacional, mas atua em vários cursos técnicos, inclusive nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio.

O último professor entrevistado, o Prof. Oliveira, tem 42 anos e atua como professor há 17 anos, ou seja, tem uma experiência de longos anos que o fez crescer a cada passo que tinha que avançar em sua carreira.

Quanto ao seu ingresso na área da educação, o Prof. Oliveira disse que:

Bom, depois que acabei a faculdade de processamento de dados fiz um intercâmbio, morei um ano e meio no exterior, na Inglaterra, e fiquei por esse tempo todo estudando inglês. Quando voltei, a área de computação estava muito complicada porque era uma época, esse ano foi em 1998, final de 1998, época que tinha muita crise e em 1999 eu precisava arranjar um emprego. Voltei para o Brasil e não arranjei nenhum emprego na área de informática. Quando um amigo falou que eu podia dar aula de inglês, comecei a dar algumas

aulas de inglês para alguns amigos, não cobrava nada, foi aí que me identifiquei com a área e desde então nunca mais parei de dar aula. Isso aconteceu em janeiro de 1999 (PROF. OLIVEIRA).

O Prof. Oliveira, ao passar pela crise do desemprego e lecionar aulas de inglês para os amigos, se identificou com a possibilidade de ser professor e, a partir disso, não parou mais de lecionar. Ou seja, despertou nele o interesse por ser professor.

Quanto à formação inicial, o Prof. Oliveira diz: “Sou formado em Processamento de Dados pela Universidade de Taubaté e tenho especialização em Língua Inglesa também pela Universidade de Taubaté”.

Ao perguntar ao Prof. Oliveira em quais cursos ele já atuou e em quais ele atua, ele aponta: “Aqui já atuei e atuo nos cursos técnicos, que têm a disciplina de Informática, em que dou aula de informática básica e programação”.

A Profa. Aydie, assim como os Prof. Alfredo, chegaram à docência por meio de processo seletivo de professor substituto, não eram formados para serem professores, mas, diante do momento que eles estavam vivendo e com o surgimento da possibilidade de participar de um processo seletivo, simplesmente fizera a inscrição e de repente estavam lecionando.

Isso nos faz crer que a experiência dos professores de disciplinas técnicas parece ser diferente da dos demais. Neste perfil traçado, importa dizer que existem diferentes identidades entre os docentes que compõem o universo de entrevistados por esta pesquisa. Os docentes que se formaram em cursos de licenciatura são professores profissionais, ou seja, se formaram para atuar na docência. Por outro lado, os professores como Aydie e Alfredo têm suas profissões, assumindo identidades de enfermeiro e engenheiro e as compoem com a da docência. O Prof. Guilherme estudou para ser professor, e isso fez diferença em sua vida, ele teve um preparo para chegar à docência, e o fez por vontade própria e gosta do que faz.

Já o Prof. Oliveira também não se profissionalizou inicialmente na docência, como Guilherme descobriu sua aptidão e constituiu seu conhecimento para atuar como professor, em atividades extraescolares. Assim, não era professor, mas, ao dar aula de Inglês, identificou-se com a atividade e se descobriu professor, assumindo uma identidade docente, após sua primeira formação, que foi em processamento de dados, mas teve a oportunidade de participar de um curso de formação pedagógica enquanto estava na Inglaterra.

Para este trabalho, importa destacar estas vidas, pois entendemos que um processo de formação continuada que não leve as subjetividades – e especificidades da vida e da percepção dos professores – não será efetivo. Isto pode ser explicado à medida que não contará com o engajamento dos professores, mas, mais que isso, não produzirá conhecimento significativo.

4.2 O que se entende por ser professor

Partimos do pensamento de Day (2001, p. 15), para quem “O sentido do desenvolvimento profissional dos professores depende das suas vidas pessoais e profissionais e das políticas e contextos escolares nos quais realizam a sua atividade docente”. A partir da ideia de levar em consideração a vida pessoal e o contexto escolar em que os professores estão inseridos, buscamos nas narrativas o que eles entendem por ser professor.

Em relação a ser professor, três dos entrevistados demonstraram um sentimento pessoal e um envolvimento com os alunos de uma forma carinhosa, como podemos perceber em suas narrativas.

Para a Profa. Aydie, ser professor é:

Ser professora é um desafio diário. (Deu uma risada). Tem que ter dedicação e ter paciência para lidar com seres humanos. Quem não atua como professor talvez imagine que ser professor é simplesmente entrar em sala e ficar falando sem parar o que você aprendeu para você mesmo, não imagina que muitos alunos têm dificuldade de se concentrar no que você está falando, tem dificuldade de permanecer sentados na sala, muitos têm dificuldade inclusive de ler e de escrever corretamente. Alguns conteúdos eu falo, faço desenhos na lousa, repito, explico de outra forma, traduzo os termos técnicos, exemplifico, contextualizo e ainda repito na aula seguinte para checar se foi assimilado e observo que, para alguns alunos, o conteúdo não foi assimilado. Acredito que deve ser por eles não terem interesse e motivação de estarem ali estudando, pois uma parte da turma está presente fisicamente, mas com o pensamento longe, mexendo no celular ou fazendo alguma outra atividade (PROFA. AYDIE).

A Profa. Aydie, em sua narrativa, demonstra ser dedicada e busca outras alternativas para fazer com que seus alunos compreendam o conteúdo, mas se depara com algumas dificuldades quando os alunos não têm interesse e, com isso, não conseguem assimilar o conteúdo apresentado.

Nesse contexto, a Profa. Aydie destacou a importância de ter paciência e dedicação, porque ser professor é lidar com os alunos em todos os aspectos que envolvem a educação escolar, é tentar entender o que se passa com eles, as suas necessidades, os desafios que eles precisam enfrentar, a colaboração da família e o envolvimento com os colegas, para ela o mais difícil é

[...] lidar com a falta de interesse dos jovens que não querem estudar e também é um desafio tentar fazer com que os alunos participem das atividades propostas quando estas não valem “nota”. Acredito que a maioria ou grande parte dos alunos precisa ter a família colaborando, participando das reuniões da escola e nos ajudando a tornar produtivos os momentos no ambiente escolar, não sei, acho que é mais a parte psicológica dos alunos que precisa ser “trabalhada”, se o psicólogo da escola pudesse ministrar palestras para os alunos e para os pais dos alunos, objetivando fazer uma abordagem relacionada à motivação e autoestima (PROFA. AYDIE).

A falta de interesse, com diz a Profa. Aydie, é um obstáculo no aprendizado dos alunos e para o professor é um desafio a ser enfrentado. Para ela, se a família colaborasse, ajudaria no aprendizado dos alunos, também aponta a necessidade de o psicólogo da instituição ministrar palestras de motivação e autoestima para os alunos e para os pais, ou seja, um trabalho em conjunto com os pais, alunos e instituição.

Nesse entendimento de ser professor, Gatti afirma que o professor

[...] não é uma entidade abstrata, um protótipo idealizado [...] ele é uma pessoa de um certo tempo e lugar. Datado e situado, fruto de relações vividas, de uma dada ambiência que o expõe ou não a saberes, que podem ou não ser importantes para sua ação profissional. E é assim que precisa ser compreendido. Os professores têm sua identidade pessoal e social que precisa ser compreendida e respeitada: com elas é que se estará interagindo em qualquer processo de formação, de base ou continuada, e nos processos de inovação educacional (GATTI, 2011, p. 167).

O professor tem sua própria identidade e age de uma determinada maneira com seus alunos. A Profa. Aydie aborda o conteúdo de diversas maneiras, utilizando de várias técnicas para fazer com que o aluno compreenda e assimile o que está sendo ensinado, ou seja, é a importância que ela dá a sua profissão, mesmo lidando com a falta de interesse de alguns alunos.

Ao falar sobre ser professor, o Prof. Guilherme nos disse que:

[...] o entendimento meu de ser professor tem a ver com o entendimento meu do que é ser pessoa. Quando fui fazer escolha de qual curso superior eu queria fazer, eu estava em um momento bastante confuso e foi quando tive contato maior com a leitura, com a literatura, foi um processo muito de descobrir, não

na área de enfrentamento, nada disso, descobrir um caminho de me entender no mundo. E nesse sentido fiz essa escolha inicialmente porque queria me entender, mas percebi também que esse processo, meu, de entendimento, não se daria de maneira isolada de relação com o outro, mesmo porque o caminho que encontrei e que fez mais sentido foi a linguagem e necessariamente esse projeto dependeria do outro. Ser professor é depender um pouco do outro, nesse sentido, é um processo constante de descoberta de si mesmo, que assume como seu fundamento a necessidade do outro. Então, ser professor é antes de ser uma ação altruísta de que eu penso no outro é também uma maneira bastante particular que encontrei de me fazer com algum sentido no mundo, mas é também uma possibilidade que eu vejo de contribuir um pouquinho com esse mundo a partir do contato que eu tenho com os alunos, mas, sobretudo, acredito que ser professor é ter uma relação bastante afetiva com o alvo, correr um risco grande porque você não tem certeza de nada do que você faz, de que aquilo que você disse, uma prática que você realizou com a turma, que aquilo chegou até o aluno, mesmo com o processo de avaliação, a possibilidade de você mensurar ou obter a resposta daquilo são muito limitadas porque no fundo o que você deposita é algo que pode repercutir só daqui a muito tempo.

O Prof. Guilherme, no seu entendimento do que é ser professor, demonstra que foi um processo de descoberta do que é ser pessoa, e que o contato com a leitura e a literatura fez com que ele se encontrasse e descobrisse um caminho a seguir e que esse caminho dependeria do outro, então, para ele, ser professor é depender um pouco do outro e isso mostrou a ele o sentido de estar no mundo e contribuir com este mundo no contato com os alunos, ou seja, o Prof. Guilherme passou por várias etapas de entendimento até chegar a ser professor, mas essas etapas proporcionaram a ele a constituição do que ele é hoje, um professor que tem uma relação afetiva com o alvo, que são os alunos, que se preocupa com o aprendizado do aluno, pois entende que o que ele ensina hoje pode ser compreendido pelo aluno um bom tempo depois.

Para o Prof. Guilherme, a escolha por ser professor gerava dúvida e ele lembrou de uma passagem de sua vida, como descrito abaixo:

Quando escolhi ser professor, por exemplo, no meio da minha dúvida eu lembrava, e não sei porque, ou talvez porque inconscientemente já tinha algumas respostas e começou a vir na minha memória lembranças muito nítidas de algumas professoras que eu tive e todas elas eram professoras de português, mas eu não lembrava delas explicando matéria, verbo, nada disso, mas eu lembrava com muita clareza do tom de voz, do jeito que ela olhava, do jeito que elas viviam, acho que a semente que elas plantaram foi justamente essa percepção de que a linguagem é a maneira de se aproximar do outro, acho que foi uma semente que talvez nem elas mesmo, nem elas sabiam que estavam plantando. Então ser professor é um pouco, é lidar com essa incerteza própria da vida também, eu acho (PROF. GUILHERME).

A esse respeito, Tardif e Raymond (2000, p. 219) afirmam que “[...] as experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático”,

ou seja, a vivência que o Prof. Guilherme teve com suas professoras repercutiu em sua escolha, a maneira como elas agiam em sala de aula, de uma maneira ou de outra, contribuiu na escolha da sua profissão.

O Prof. Guilherme termina sua fala nos dizendo que ser professor é lidar com a incerteza própria da vida. Ao analisarmos sua fala, é possível perceber que, para ele, foi um caminho que foi construído aos poucos e era confuso, mas que, ao ter contato com os livros, ele descobriu e percebeu que ser professor é depender um pouco do outro e é também um processo constante de descoberta.

Para o Prof. Alfredo, ser professor é ser facilitador, apontar um norte, motivar os alunos, como podemos perceber em sua narrativa:

Pode até parecer meio clichê, mas entendo que o papel do professor tem que ser realmente de facilitador, de realmente apontar um norte e motivar os alunos a seguir naquilo ali, porque não adianta querer só simplesmente transmitir conhecimento ou ficar jogando conhecimento, não adianta (PROF. ALFREDO).

Já o Prof. Oliveira considera que ser professor é um conjunto de profissões em que muitas vezes o professor atua em outras áreas para entender o aluno. Para ele, é muito gratificante ver seus alunos seguindo a carreira e é o que mais o motiva a ser professor, como podemos perceber em sua narrativa:

Ser professor é um conjunto de profissões em que, às vezes, na maioria das vezes, você é professor, em algumas vezes você é psicólogo, às vezes você é advogado, às vezes você discute relacionamentos familiares, é uma mistura de tudo isso, mas é muito gratificante ser professor, porque você vê os alunos. No começo, tinha como profissão, é uma profissão, no começo minha visão era essa. Só que depois, quando se passaram alguns anos, e nos meus relacionamentos com os alunos, eu vi que alguns se tornaram gerentes de empresas, outros viraram empresários, outros continuaram trabalhando nas empresas, mas conseguiram oportunidades melhores. Vi que não era simplesmente só uma função de professor, só uma profissão, algo muito mais, você participa da vida das pessoas e marca essa sua participação. Quando comecei sem nenhuma intenção, dando aulas para alguns amigos e depois de ver essa, como vou dizer, o sucesso das pessoas, isso me motiva muito. O que me motiva assim em prioridade número um, o que me motiva a vir dar aula, é o sucesso das pessoas quando eles saem da escola e lembram 'eu estudei lá e tive tais professores', isso me motiva muito (PROF. OLIVEIRA).

Day (2001), em relação ao desenvolvimento profissional dos professores, diz que depende do contexto em que eles estão, e Gatti (2011) afirma que o professor é de um certo tempo e lugar e que precisa ser compreendido, ou seja, o professor precisa interagir

e refletir sobre sua prática e sobre suas atitudes, buscando melhorar seu desenvolvimento profissional.

Finalmente, obtemos nas narrativas dos entrevistados o que eles entendem por ser professor, como veremos resumido no quadro a seguir.

Quadro 6. O que você entende por ser professor?

Profa. Aydie	<ul style="list-style-type: none"> • É um desafio diário. • Tem que ter dedicação e paciência. • O mais difícil é lidar com a falta de interesse dos jovens que não querem estudar.
Prof. Guilherme	<ul style="list-style-type: none"> • O entendimento meu de ser professor tem a ver com o entendimento meu do que é ser pessoa. • Ser professor é depender um pouco do outro. • É um processo constante de descoberta de si mesmo. • Ser professor é antes de ser uma ação altruísta de que eu penso no outro é também uma maneira bastante particular que encontrei de me fazer com algum sentido no mundo. • É ter uma relação bastante afetiva com o alvo. • Correr um risco grande porque você não tem certeza de nada do que você faz. • É lidar com a incerteza própria da vida.
Prof. Alfredo	<ul style="list-style-type: none"> • É o facilitador, de realmente apontar um norte e motivar os alunos a seguir.
Prof. Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> • É um conjunto de profissões, algumas vezes você é professor, outras você é psicólogo. • É gratificante ser professor. • Você participa da vida das pessoas e marca essa sua participação. • O sucesso das pessoas quando saem da escola me motiva.

Fonte: elaborado pela autora.

Considerando o que disse a Profa. Aydie, ser professor é um desafio diário, pois é preciso ter paciência para lidar com a falta de interesse dos alunos e dedicação para superar os desafios enfrentados na docência.

Para o Prof. Guilherme, ser professor é o entendimento dele do que é ser pessoa, é depender um pouco do outro, é um processo de descoberta de si mesmo, é ter uma relação afetiva com o alvo, é correr risco e lidar com a incerteza da própria vida.

Já o Prof. Alfredo acha que ser professor é ser o facilitador, apontar um norte e motivar os alunos a seguir em frente.

Para o Prof. Oliveira, ser professor é um conjunto de profissões, porque, ao mesmo tempo em que você é professor, você também é psicólogo, mas para ele é gratificante ser professor, pois ele participa da vida do aluno, marca essa participação e pode ver o sucesso dos alunos quando eles saem da instituição.

Sendo assim, percebemos diferentes compreensões do significado de ser professor, o que certamente está ligado a diferentes percepções da função do professor.

Entender esse universo de representações mentais dos professores é importante para compreendermos o que eles podem esperar do processo de formação continuada. Compartilhamos com Imbernón (2011) que a formação continuada está relacionada à perspectiva que o professor tem de suas funções. Ou seja, conhecer como os professores se veem é fundamental para que equipes pedagógicas institucionais possam elaborar um processo de formação continuada com significado e que realmente possibilite o desenvolvimento profissional.

4.3 Percepção dos professores sobre formação continuada

A formação continuada na instituição pesquisada “se dá por meio de um conjunto de atividades e ações voltadas para o processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional dos docentes” (PPP, 2015 – 2019, p. 88).

Ao perguntar aos professores o que eles entendiam como formação continuada, como eles viam esse processo e se sua percepção mudou durante esses anos na instituição, percebemos que os professores têm um leque de respostas, mas apontam para a importância de dar continuidade à formação.

A Profa. Aydie, ao falar sobre como vê o processo de formação continuada, destaca:

Formação continuada é um termo bem amplo, na realidade é um processo que inicia em um determinado período e vai sendo construído no cotidiano escolar, em longo prazo. Esse processo não é rápido, deve ocorrer continuamente e não tem um fim determinado, porque tem o objetivo de fazer o docente refletir sobre a sua atuação enquanto docente. Acredito que busca melhorar a prática docente, ampliar o conhecimento profissional e solucionar assuntos específicos do contexto escolar, no sentido de tentar resolver os diversos problemas da prática pedagógica. Eu considero super importante investir na formação continuada dos professores e, ao mesmo tempo, percebo que é difícil mensurar até que ponto cada professor foi habilitado para aquele determinado conteúdo. Vejo que esse processo de formação continuada nos faz refletir sobre a nossa atuação em sala de aula e, também, nos faz repensar as estratégias de ensino para atuar de forma melhor e mais produtiva (PROFA. AYDIE).

A Profa. Aydie quis dizer que, quando pensamos em uma formação continuada, essa formação não acontece rapidamente e, sim, a longo prazo, pois é um processo contínuo que surge a partir de uma necessidade apontada pelos professores ou pela equipe gestora. Esta formação pode se dar pela necessidade do próprio professor querer se

aperfeiçoar em determinado assunto e também pode ser medida pela instituição, ao exigir dos docentes atenção, dedicação, reflexão e discussões relevantes ao tema.

Entretanto, quando demandada pela instituição, é preciso atentar para que não seja autoritária ou unidirecional. Como pontuou Gatti (2011), é preciso, nesse processo, levar em conta o conhecimento do professor. Ou ainda, que os organizadores dessas formações continuadas tenham em mente, que, como afirmou Tardif (2012), o saber de um professor provém de muitas fontes e que sua experiência de trabalho é uma delas.

Assim, é evidente que uma instituição de ensino deve ter a autoridade e a preocupação com a continuidade da formação de seus docentes, como vimos na articulação de trabalhos indicados na revisão de literatura, como os de Silva (2015), sobre a *Formação Continuada de Professores no Espaço Escolar e o Exercício do Saber formacional de Diretores e Coordenadores em São Bernardo do Campo*: contribuições para uma profissionalidade emergente, ou de Souza (2007), sobre a *Formação Continuada dos Professores e Professoras do Município de Barueri*: compreendendo para poder atuar. Mas é preciso acumular as críticas e ponderações de que a autoridade institucional não se transforme em autoritarismo unidirecional. Nas palavras de Tardif (2012), é preciso considerar o saber docente como modelador de identidades e que, portanto, para modelar identidades, é preciso articular saberes de todos os profissionais de uma instituição (tanto docentes, quanto equipe pedagógica).

Tendo isso em mente, para a professora Aylie é importante investir na formação continuada dos professores, mas antes é preciso saber até que ponto determinado professor precisa de determinado conteúdo. Para o que a professora parece estar alertando é que nem todos precisam do mesmo tipo de formação continuada, justamente por terem sido suas trajetórias profissionais tão distintas. Essa ponderação parece ser ainda mais pertinente à medida que as reuniões são para todos os professores da instituição, e estes professores atuam em cursos diferentes, tiveram processos formativos diferentes e significam a docência de formas distintas. Também, foi possível observar no relato da Profa. Aylie que, para ela, a formação continuada busca melhorar a prática docente, amplia o conhecimento, contribui para o desenvolvimento das atividades pedagógicas em sala de aula e faz o docente refletir sobre sua atuação.

Sua concepção de educação continuada, que destaca a importância da autorreflexão do docente, mantém coerência com aspectos apontados por André (2016) no que diz respeito a que

[...] essa reflexão crítica implica, portanto, planejar e rever a nossa ação e registra nosso trabalho com base em leituras fundamentadas em discussões coletivas, em práticas compartilhadas e, aparados nessas ponderações, fazer as mudanças necessárias. [...] os ajustes necessários para que a nossa ação seja mais efetiva (ANDRÉ, 2016, p. 19).

Quando o professor faz uma reflexão crítica do seu trabalho, consegue avaliar o que foi feito e apontar caminhos para melhorar sua atuação em sala de aula. A formação continuada em serviço, se bem organizada, pode fazer com que o professor troque experiências com outros docentes e, juntos, encontrem soluções para melhorar o seu desempenho profissional. Esses espaços de diálogo entre iguais aparecem nas vozes que compõem esta pesquisa.

Nesse mesmo contexto de reflexão, Costa (2004) destaca que

[...] o cotidiano escolar se torne um espaço significativo de formação profissional é importante que a prática pedagógica seja reflexiva no sentido de identificar problemas e resolvê-los e acima de tudo, seja uma prática coletiva, construída por grupos de professores ou por todo o corpo docente de determinada escola. Sendo assim tem-se uma rica construção de conhecimento em que todos se sentem responsáveis por ela (COSTA, 2004, p. 71)

Também Costa (2004, p. 71) orienta que “[...] para a escola se constituir enquanto *locus* de formação continuada, se faz necessária a promoção de experiências internas de formação, que esta iniciativa se articule com o cotidiano escolar e não desloque o professor para outros espaços formadores”.

Nesse contexto que envolve a formação continuada, a instituição, em seu Projeto Político Pedagógico (2015 – 2019), menciona que:

[...] a formação continuada *in loco* busca a valorização do profissional, assim como constante reflexão sobre a prática docente, concebendo o Campus como local privilegiado de construção e produção de conhecimento, onde é necessário estabelecer discussões contextualizadas sobre o fazer pedagógico (PPP, 2015 – 2019, p. 88)

A formação continuada *in loco*, como acontece na instituição, proporciona aos professores uma troca de experiências entre as diferentes áreas, ou seja, essa formação tem a intenção de contribuir para o aprendizado do professor e para a melhoria de sua prática em sala de aula e no contexto escolar. Nas palavras de André (2009), essas trocas podem gerar “sínteses provisórias” que sistematizam conhecimentos da prática. Desse movimento, advém a importância de compartilhar ações e pensamentos.

O Prof. Guilherme, reconhecendo que a formação continuada é um processo, destaca que depende da consciência do professor para que a formação aconteça. Nesse sentido, ele afirma que formação continuada

[...] é um processo que é inevitável, mas que ele se torna mais eficiente se ele acontece no nível de consciência do professor, ou seja, se ele tem uma consciência clara de que a sua formação é um processo, ou seja, ela nunca é definitiva e nunca é finalizada e que este processo se dá de diferentes maneiras, em diferentes contextos, e em diferentes tempos também, podendo inclusive ser mais formalizada quando você ingressa de fato em um curso, você escolhe fazer um curso de aperfeiçoamento ou é possibilitado a fazer um curso de aperfeiçoamento. A formação continuada se dá também, no próprio exercício da prática, no momento em que, para organizar sua forma de trabalho, o professor necessariamente precisa fazer pesquisa, tem que buscar transformações, tem que desenvolver outras habilidades (PROF. GUILHERME).

Considerando a fala do Prof. Guilherme sobre formação continuada e sobre o processo em si, é possível perceber uma ligação entre o processo de formação e a consciência do professor. E é possível interpretar que Guilherme, ao falar da consciência do professor no processo de formação continuada, pode estar se referindo aos processos de: 1) reconhecimento da realidade e a necessidade de suas modificações, 2) convicção da responsabilidade ou dever de continuar aprendendo sempre, 3) referência ao próprio pensar, que garante o protagonismo do professor na formação continuada.

Assim, o professor precisa reconhecer os limites de sua própria atuação, que deve estar em constante desenvolvimento profissional, e, com isso, estar ciente da importância de se fazer uma formação continuada, ampliar seu conhecimento e buscar por novas práticas. O processo precisa partir primeiramente do interesse do professor, ou seja, o professor precisa entender que a formação continuada é importante para ampliar o seu conhecimento e para melhor atuar no contexto em que ele está inserido. Nas palavras de Imbernón (2011), os profissionais devem estar abertos. Além disso, o Prof. Guilherme parece lembrar que isso só acontecerá caso o processo de formação envolva o pensar do professor, que deve, portanto, desempenhar papel preponderante.

Quando o Prof. Guilherme fala que a formação deve acontecer no nível de consciência do professor, Prada, Freitas e Freitas (2010, p. 369) acrescentam que “[...] o processo de aprendizagem acontece quando, conscientemente (isto é, passado pela crítica), se incorporam ou não ao desenvolvimento individual e coletivo esses conhecimentos e as relações que os constituem”.

Como complemento ao argumento de que a formação continuada deve instrumentalizar a prática docente, o Prof. Alfredo a destaca como

[...] um processo contínuo, como o próprio nome diz, mas de oferecer atualização, ferramentas e coisas para o professor, mas é uma coisa que também entendo que não substitui a formação formal de uma licenciatura, de um curso específico. [...] vejo que isso acontece de uma forma esporádica, o que acaba dificultando, porque é uma coisa muito esporádica para que você se lembre do que aconteceu no último encontro, enfim. [...] é um processo que vejo que tem muita resistência por parte dos professores, porque parte daquele pressuposto de que alguém que tem a mesma formação do que eu vai ensinar a fazer o meu trabalho (PROF. ALFREDO).

Percebe-se na fala do Prof. Alfredo que a formação continuada é uma atualização e que não substitui uma licenciatura de um curso específico e que, por acontecer de uma forma esporádica, perde-se a continuidade, o que dificulta o processo de formação continuada.

Dito isso, retomamos as reflexões propostas por Libâneo (2013), que defende que a formação continuada deve ser compreendida como prolongamento da formação inicial que objetiva o aprofundamento teórico e prático do exercício profissional (tendo em vista a inserção do docente em seu contexto de trabalho). Ressaltamos também que isso está em consonância com o proposto pelo Projeto Político Pedagógico da instituição estudada, que define que a formação continuada deve promover a articulação entre “teoria e prática, com o objetivo de refletir sobre a própria prática de maneira fundamentada e contextualizada” (PPP, 2015 – 2019, p. 88).

Entretanto, como o Prof. Alfredo afirmou, as reuniões na instituição acontecem de forma esporádica, utilizando o espaço de uma reunião de área¹ mensal. Nessa reunião, todas as áreas estão juntas e é abordado um assunto que seja relevante para todas as áreas, ou seja, para todos os cursos da instituição. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2015 – 2019, p. 88), “os encontros são realizados mensalmente, com duração de uma hora e quarenta minutos”.

É preciso pensar que essa estrutura, embora organize e possibilite institucionalmente os encontros, também impõe condições que nem sempre são as melhores para que aconteçam as interações entre as equipes ou entre os docentes. Nesse sentido, retomamos as reflexões de Marcelo Garcia (2009) sobre a transformação do conhecimento em aprendizagens relevantes. Além disso, as formações esporádicas e com

¹ Reunião de área é a reunião que o coordenador do curso realiza com seus professores uma vez por semana.

duração de uma hora apenas talvez não sejam capazes de proporcionar o entrelaçamento concreto com ambiência psicossocial dos profissionais (trabalho e vida), proposto por Gatti (2011).

Prada, Freitas e Freitas destacam que

Os docentes em exercício constroem novos conhecimentos, ideias e práticas, pois é a partir daquilo que já possuem e sabem que continuam seu desenvolvimento. A construção da formação docente envolve toda a trajetória dos profissionais, suas concepções de vida, de sociedade, de escola, de educação, seus interesses, necessidades, habilidades e também seus medos, dificuldades e limitações (PRADA; FREITAS; FREITAS, 2010, p. 370).

Dessa forma, os novos conhecimentos se juntam aos já existentes, proporcionando ao professor possibilidades de melhoria no desenvolvimento de sua prática em sala de aula.

Para o Prof. Oliveira, formação continuada é

[...] um estudo de forma contínua a fim de você estar sempre apto e preparado para aquela sua função. [...] aqui na nossa Instituição a gente tinha uma reunião mensal até o semestre passado, nesse semestre, não sei, a gente não teve nenhuma ainda. Acho importante, acho que sim, claro que se fosse uma vez por semana seria ainda melhor, mas acho que isso seria inviável pela disponibilidade dos professores e tudo mais [...] (PROF. OLIVEIRA).

O Prof. Oliveira deixa claro que formação continuada é um estudo que acontece de forma contínua e que prepara o professor para determinada função. Também mencionou a falta das reuniões no semestre atual e questionou sobre a possibilidade de as reuniões acontecerem uma vez por semana. Esses dois fatos mostram uma percepção positiva em relação ao processo de formação continuada. O professor demonstra, em sua fala, compreender o valor dessas formações para um melhor desempenho da profissão.

As reuniões na instituição, no ano de 2016, aconteciam uma vez por mês; já em 2017, foram apenas quatro encontros no decorrer do ano, fazendo com que os encontros de formação continuada ficassem um pouco distante uns dos outros. Isso parece ter sido sentido pelos professores, de modo que será importante que a própria instituição repense e revalorize seu próprio trabalho.

As reuniões de formação continuada não acontecem semanalmente pois, como o próprio Professor Oliveira afirmou, são muitas as demandas. As reuniões de áreas dividem o tempo com as de formação e são necessárias por serem momentos em que os professores se reúnem para discutir sobre seus alunos e sobre suas práticas pedagógicas.

Essas reuniões de área são reuniões do curso, ou seja, participam os professores e o coordenador do curso.

As reuniões de formação continuada, por sua vez, abrangem todas as áreas e buscam abordar assuntos que sejam relevantes para todos os docentes do ponto de vista da prática pedagógica. Nesse sentido, a equipe de formação continuada, em 2016, trabalhou os seguintes temas: ensino e aprendizagem, organização didática e avaliação. Já no ano de 2017, foram trabalhados os temas inovação no ensino e metodologias ativas; *talk-show* sobre inclusão; o respeito no âmbito escolar; escola e saúde mental: um desafio para os professores.

Para Prada (2007, p. 113), “[...] ser educador é educar-se permanentemente, pois o processo educativo não se fecha, é contínuo. [...] num processo permanente onde a formação de professores em serviço é entendida como uma ‘formação contínua’, no cotidiano e a partir do cotidiano profissional destes”.

Para analisar o ponto de vista dos professores é de grande importância levar em consideração se as respostas sobre suas percepções se modificaram ao longo dos anos de trabalho na instituição. Essas respostas são elementos para que possamos refletir sobre diversas temáticas e questões.

Assim, a Profa. Aylie afirmou que “[...] modificou um pouco. Senti que atualmente é mais difícil ministrar aulas para os adolescentes devido ao avanço tecnológico [...] e mantê-los motivados para o mundo real, em sala de aula, torna-se um desafio constante”.

Nesse contexto de sala de aula, o Projeto Político Pedagógico acrescenta que é

[...] a partir de situações reais de sala de aula, que podem ser filmagens, relatos por escrito ou orais, o grupo de docentes as analisa, faz reflexões e produz conhecimento acerca da prática docente, baseando-se em temas centrais propostos a casa encontro como, por exemplo, planejamento, organização social da sala de aula, interações em sala de aula e avaliação. (PPP, 2015 – 2019, p. 88)

Por isso, a equipe de formação continuada tenta atender as demandas apresentadas pelos professores em reuniões de planejamento e, a partir dessa demanda, desenvolver atividades que colaborem com a prática docente dos professores.

Considerando que a formação continuada é um processo, Silva, em um grupo de trabalhos, acrescenta que

[...] as tarefas e as vozes dos professores são importantes para que pensemos o que será feito no encontro seguinte, mas é também uma receita, um exemplo

que esperamos seja seguido, alterado e reescrito por cada um, mostrando, arriscando e mudando, para que o que se faz faça sentido, um caminho que só existe quando se passa por ele (SILVA, 2009, p. 32).

Nesse sentido, e complementando o que diz Silva (2009), Hobold e Silva (2014, p. 4) dizem que “[...] compreende-se que é na escola que as práticas formativas se articulam com os contextos sociais dos professores e da comunidade escolar. Os professores passam a ter um papel ativo na construção do saber [...]”.

O Prof. Guilherme fez vários comentários referentes às mudanças na sua percepção, como podemos perceber no início da sua fala:

Sim, aqui nesse *campus* praticamente estou há menos de dois anos, mas o trabalho com a educação básica, técnica e tecnológica me possibilitou inclusive perceber que uma área de formação específica pode ser e pode ter conexões muito interessantes quando você pode trabalhar em contextos de formação profissional, diferente também. A possibilidade de trabalhar com cursos, como, por exemplo, Produção de Moda e Técnico em Informática, são áreas muito diferentes, mas exigem que a relação que eu enquanto professor tenho com a minha matéria de trabalho, meu conteúdo de trabalho seja necessariamente diferente nos dois contextos, o que significa que aquilo que é com o que eu trabalho no meu caso, professor de Línguas, nunca é a mesma coisa, seja abordar, trabalhar conteúdo específico como substantivo numa turma de Produção de Moda por exemplo pode trazer possibilidades muito diferentes do que trabalhar substantivo por exemplo dentro do curso de Informática (PROF. GUILHERME).

Nesse primeiro momento, o Prof. Guilherme destaca que, ao trabalhar em vários cursos de áreas diferentes, ele precisa saber o que é importante para determinado curso, de forma a produzir um conteúdo mais interdisciplinar e como deve abordar os temas e, a partir daí, ele percebe que a formação inicial é insuficiente e que o conteúdo específico não pode ser aplicado em todos os cursos da mesma forma. Assim, passa a valorizar a formação continuada, que tem trazido para ele um crescimento na medida em que:

[...] desloca o meu conhecimento de trabalho o tempo inteiro e eu tenho que ficar repensando e reorganizando, não só sobre o que é trabalhado, mas também as metodologias de abordagem, o fato de trabalhar também com contextos muito diferentes, por exemplo educação básica é especificamente técnica os cursos técnicos e educação superior também exigem que haja uma adaptação constante na maneira como você trabalha, às vezes, quando eu trabalho com produção de textos, por exemplo, no curso superior, são habilidades que precisam ser desenvolvidas, são muito semelhantes às habilidades que serão desenvolvidas na educação básica no ensino médio, no entanto o tempo para que se faça isso, o tipo de público, o interesse, a importância da dependência que tem aquele conjunto de formação daquele aluno no caso do aluno do ensino médio e no caso do aluno do ensino superior muda completamente. Isso acaba influenciando a maneira como esse conteúdo pode ser trabalhado, de que maneira se quer uma resposta e um chegar até o aluno de uma maneira mais significativa (PROF. GUILHERME).

Para o Prof. Guilherme, todo esse processo acaba influenciando na maneira de expor o conteúdo para as turmas e faz com que os alunos aprendam o que é esperado para seus cursos. O professor precisa entender o contexto dos cursos para preparar suas aulas, pois, para cada disciplina ministrada, em diferentes cursos, o conteúdo é diverso e precisa de uma atenção do professor para adaptá-lo à realidade da turma.

Nesse sentido, Silva (2009) complementa dizendo que

O trabalho de formação é um processo composto de diversas etapas e atividades, que pretendem atender os interesses imediatos dos professores [...] é um caminhar com as próprias pernas, [...] traz consigo todos os problemas e dificuldades de conteúdos já bastantes conhecidos, e começa propondo alternativas seguras, pois considera que as práticas correntes somente serão mudadas se os professores se sentirem seguros, não puserem em risco a sua percepção de competência, sua auto-estima – resumindo, se conseguirem um aprendizado de qualidade (SILVA, 2009, p. 32).

Complementando o texto de Silva (2009) e as narrativas do Prof. Guilherme, o Plano de Desenvolvimento Institucional (2014 – 2018, p. 170-171) da instituição estudada possibilita o “[...] aprimoramento contínuo da qualidade das atividades acadêmicas, por meio de ações de formação continuada de docentes, discussões, encontros, entre outras formas, é uma prioridade, para a atuação cada vez mais comprometida, contextualizada e reflexiva do professor”.

Já a fala do Prof. Alfredo em relação à percepção sobre a formação continuada deixa claro que “[...] o que modificou muito foi, quero dizer, certa forma de que modificou sim, mas acho que modificou porque eu acreditava que a formação continuada, que ela fosse mais, que fosse possível ela substituir a formação formal, e hoje não acredito mais que ela seja”. Nas palavras do Prof. Alfredo, é possível perceber que ele pensava que a formação continuada pudesse substituir uma formação formal, mas que, no decorrer dessa experiência, ele percebeu que não é possível isso acontecer, mas acredita que houve uma modificação a partir da participação nas reuniões.

Neste sentido, Prada complementa dizendo que

[...] a formação continuada dos profissionais da educação é uma necessidade para atender às exigências do cotidiano de seu exercício profissional, às solicitações dos estudantes e da sociedade em geral. Contudo, para construir conhecimentos sobre ela, e transformar as práticas cotidianas dos professores, requer-se a criação de espaço para o estudo, análise e socialização da formação continuada entre os próprios docentes. Os coletivos dos professores no cotidiano escolar, com o tempo e as diversas situações sociais, políticas e econômicas, rotinizam suas práticas, sendo necessário para transformá-las, construir novas relações de espaços, tempos, pessoas e conhecimentos, tanto

os do cotidiano como os universalmente sistematizados (PRADA, 2007, p. 114-115).

Nesse contexto, do exercício profissional, a instituição aprova uma Resolução para a política de formação continuada dos professores, realizada nos *campi*. Essa política “[...] constitui-se em um conjunto de atividades e ações voltadas para o processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional dos docentes” (RESOLUÇÃO nº 138/2015, p. 2).

Para o Prof. Oliveira não foi uma novidade, pois ele já tinha conhecimento e já teve outras oportunidades. Ele diz que:

Muita coisa do que foi falado nas reuniões, já tinha conhecimento e graças a Deus tive a oportunidade de participar de um curso de formação pedagógica, que não comento muito, estudei na Inglaterra, fiz um curso de pedagogia na Inglaterra por professores da Universidade de Cambridge. Esse curso me deu uma base muito grande, isso aconteceu no ano de 2001, logo que eu estava terminando a especialização na UNITAU, esse curso foi fantástico e não esqueço desse curso que eu aprendi técnicas, não aprendi a como usar as técnicas, aprendi técnicas. E uma vez que você aprende a técnica, você já sabe como aplicar no momento certo na hora certa para quais alunos, isso aí me deu uma base muito forte e sempre me preocupo com a minha formação. Independente da formação continuada aqui, eu faço cursos online, eu procuro cursos a distância, procuro informações pela internet, é uma forma de ter minha formação continuada pessoal (PROF. OLIVEIRA).

O Prof. Oliveira preocupa-se com sua formação, buscando outras alternativas para ampliar seu conhecimento, não espera apenas que a instituição ofereça cursos ou formação continuada, pois para ele é importante o professor se preocupar com sua formação continuada para ampliar seu conhecimento e poder contribuir com o aprendizado dos alunos. Sobre isso, Prada, Freitas e Freitas acrescentam que

[...] essa construção da formação é contínua e não fica restrita a uma instituição, à sala de aula, a um determinado curso, pois os docentes podem formar-se mediante seu próprio exercício profissional, partindo da análise de sua própria realidade e de confrontos com a universalidade de outras realidades que também tem fatos do cotidiano, situações políticas, experiências, concepções, teorias e outras situações formadoras (Prada, Freitas e Freitas, 2010, p. 370).

Complementando o que Prada (2010) disse, a formação continuada, realizada na instituição de ensino pesquisada, busca ampliar os conhecimentos dos professores além do que foi proporcionada na formação inicial, mas o professor tem total liberdade para buscar em outros meios a complementação de que necessita para o seu desenvolvimento

profissional, ou seja, o Prof. Oliveira não espera obter uma formação continuada apenas nas reuniões, ele amplia seu conhecimento buscando externamente outras alternativas.

Também Day (2001, p. 233) acrescenta que: “A formação contínua é uma área necessária e potencialmente rica do desenvolvimento profissional contínuo dos professores [...]”, por isso a instituição tem a intenção de fazer com que a formação continuada promova parte do desenvolvimento do professor, ampliando seu conhecimento e contribuindo para sua prática em sala de aula.

A partir das narrativas analisadas, foi elaborado um quadro-resumo com o posicionamento dos professores Aydie, Guilherme, Alfredo e Oliveira sobre formação continuada, conforme apresentado a seguir:

Quadro 7. Percepção dos professores sobre formação continuada

Prof. Aydie	<ul style="list-style-type: none"> • Formação continuada é um termo bem amplo, um processo que inicia em um determinado período e acontece a longo prazo. • Não é nada rápido. • É importante investir em formação continuada dos professores. • Faz o docente refletir sobre a sua atuação e melhorar sua prática. • Amplia o conhecimento. • Possibilita reflexões sobre as estratégias de ensino.
Prof. Guilherme	<ul style="list-style-type: none"> • É um processo inevitável na trajetória de um professor. • É mais eficiente quando acontece no nível de consciência do professor. • A formação não é definitiva e nem finalizada. • É um processo que se dá de diferentes maneiras em diferentes contextos e tempos. • Pode ser mais formalizada quando se ingressa em um curso. • Acontece no próprio exercício da prática.
Prof. Alfredo	<ul style="list-style-type: none"> • É um processo contínuo que oferece atualização e ferramentas para o professor. • Não substitui a formação formal de uma licenciatura. • Acontece de forma esporádica. • É um processo que sofre resistência por parte dos professores.
Prof. Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> • É um estudo de forma contínua. • Prepara o professor para exercer sua função. • É importante e seria melhor se as reuniões acontecessem uma vez por semana. • Mas uma vez por semana seria inviável pela disponibilidade dos professores.

Fonte: elaborado pela autora.

Podemos destacar, nas narrativas dos professores, que a formação continuada é um processo longo, contínuo e necessário, pois dá suporte para o professor no desenvolvimento de suas atividades com os alunos e amplia seu conhecimento. As reuniões também possibilitam momentos de diálogo e de reflexão entre os professores, proporcionando uma troca de experiência. Os professores Alfredo e Oliveira destacam

que as reuniões poderiam acontecer mais vezes e de forma não esporádica, como vem acontecendo.

Na sequência, a partir das narrativas dos professores, iremos fazer uma reflexão sobre as reuniões de formação continuada para entendermos esse processo de formação em serviço.

A partir da análise das falas dos professores e dos referenciais teóricos, fica claro que aprender a ensinar é algo importante. Mas fica evidente também, como alerta Imbernón (2011), que a formação está relacionada à perspectiva de que o professor tem de suas funções. Assim, sua compreensão sobre o que é ser professor afeta seu envolvimento no processo formativo, assim como a compreensão institucional do papel do professor também afeta esse processo.

Neste sentido, é cada vez mais fundamental que a formação contribua de forma efetiva para o desenvolvimento profissional e para a qualificação das aprendizagens profissionais (IMBERNÓN; CAUDURO, 2013) e que tanto os docentes quanto a instituição tenham clareza disso. Assim, poderão dividir objetivos, preparações, protagonismos, experiências e os ganhos desse processo.

4.4 Reflexão sobre as reuniões de formação continuada

Ao refletir a partir das narrativas dos professores sobre as reuniões de formação continuada que acontecem na instituição, foi possível perceber que os professores participam por acharem que é importante e por ser uma obrigatoriedade, ou seja, são convocados para participar das reuniões. Essa narrativa sobre a importância e a obrigatoriedade das reuniões de formação continuada fica clara na fala da Profa. Aydie, ao responder à pergunta sobre a participação nas reuniões de formação continuada que acontecem na instituição

Particpei de todas as reuniões de formação continuada e achei bem importantes. As reuniões que aconteceram têm caráter obrigatório para todos os docentes, algumas reuniões me surpreenderam, pois é um momento em que temos a oportunidade de realmente parar outras atividades e refletir um pouco sobre a nossa atuação em sala de aula, em relação a vários aspectos, por exemplo: como melhorar a forma de avaliações dos alunos e como podemos passar melhor o conteúdo para os alunos (PROFA. AYDIE).

Profa. Aydie, em sua narrativa, disse que, apesar de as reuniões terem sido importantes, são de caráter obrigatório, esse caráter obrigatório, após a aprovação da Resolução nº 138/2015, não aparece, mas o parágrafo único do art. 8º da Resolução (2015, p. 5) deixa claro que “[...] a presença dos docentes será registrada em lista de presença organizada pela equipe de formação continuada do campus, a partir de orientações da Pró-reitoria de ensino, visando à certificação de participação ao final de cada ano”. Podemos perceber, em seu relato, que as reuniões contribuíram para a melhoria de sua prática em sala de aula.

Nesse contexto de reflexão sobre a prática, Passos (2016) acrescenta que

[...] a reflexão feita pelos professores mostra que, baseados em trocas de experiências, da proximidade entre professores polivalentes e especialistas, é possível avançar na reflexão da prática pedagógica, promovendo situações favoráveis para o desenvolvimento profissional de cada um (PASSOS, 2016, p. 181).

Também sobre esta orientação de reflexão, Imbernón afirma:

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de autoavaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes (IMBERNÓN, 2011, p. 51).

Tanto Passos quanto Imbernón falam da reflexão como um caminho que deve ser percorrido pelo professor, pois, quando refletimos sobre nossa prática, podemos perceber em que precisamos melhorar, mas para que isso aconteça precisamos ter um olhar crítico sobre o trabalho que foi realizado e compreender a necessidade de fazer os ajustes necessários.

Quanto à obrigatoriedade, Prof. Alfredo nos diz: “É, participo quando sou convocado”.

Apesar de as reuniões, antes da aprovação da Resolução nº 138/2015, terem sido de caráter obrigatório, ou seja, por convocação, não podemos esquecer que essas reuniões tinham como propósito contribuir para o desenvolvimento dos professores em sala de aula. Nesse contexto, Prada acrescenta que “[...] esta formação continuada em serviço implica novos pensamentos que transformam concepções e práticas políticas, acadêmicas e de construção de conhecimentos [...]” (PRADA, 2007, p. 115).

A formação em serviço tem a intenção de sanar as dificuldades apontadas pelos professores no ambiente de trabalho e, com isso, acontece a troca de experiência, a reflexão sobre a prática e a construção de novos conhecimentos para o professor.

Ao perguntar ao Prof. Oliveira se ele participa das reuniões de formação continuada e por quais motivos, ele respondeu da seguinte maneira:

Participo, não faço parte da comissão, mas participo como ouvinte, acho que é muito importante, a gente tem que sempre passar por uma reciclagem, por mais que a gente tenha boas aulas, novas tecnologias surgem, novas ideias surgem, novos métodos surgem e a gente tem que estar sempre atualizado para que a gente possa ter uma aula cada vez mais eficiente e produtiva para os alunos para que eles possam ter uma formação cada vez melhor no mundo globalizado cada vez mais competitivo (PROF. OLIVEIRA).

O Prof. Oliveira deixa claro que participa das reuniões como ouvinte, que essas reuniões são importantes e que o professor precisa passar por uma reciclagem. Para ele, devido às mudanças que surgem com as novas tecnologias, os novos métodos, enfim, os professores precisam estar sempre buscando atualizações para melhor desenvolverem suas atividades na sala de aula e na instituição.

Ao usar a palavra reciclagem, termo este que, segundo Sobrinho, é

[...] bastante utilizado na área educacional, na década de 80, do século XX, transmite a impressão que se quer reaproveitar o conhecimento [...] para haver a 'reciclagem' é necessário considerar o professor uma tábula rasa e substituir toda uma formação e prática anterior por algo que foi transformado através de uma manipulação. Além disso, salvo algumas exceções, as ações planejadas para as denominadas reciclagens – não consideravam as necessidades do professor e sua prática anterior – limitavam-se à atualização de conteúdos específicos. O que redundou em atuações inócuas e desmotivadas. (SOBRINHO, 2006, p. 78)

Nesse sentido, podemos perceber que, ao usar o termo reciclagem, o Prof. Oliveira por estar em uma instituição em que o corpo docente é constituído por boa parte de engenheiros, se explica a utilização de tal termo, pois é um termo bastante utilizado para a área industrial (SOBRINHO, 2006).

A formação continuada oferecida na instituição parte da necessidade dos professores para organizar os temas que são tratados nas reuniões.

O Prof. Guilherme descreve as reuniões de formação continuada como uma necessidade da instituição, como podemos perceber na sua fala a seguir:

[...] o professor na formação continuada, como eu disse, ela é uma coisa constante deve ser uma coisa constante. Existe também uma necessidade Institucional de que isso aconteça e há na instituição ações que direcionam a isso, então é um processo sistematizado de formação continuada com uma equipe que conduz essa participação, ela é necessária, mas é uma exigência da própria profissão (PROF. GUILHERME).

Percebemos, na narrativa do Prof. Guilherme, que ele menciona a obrigatoriedade, mas o faz de uma maneira que nos leva a perceber que as reuniões são obrigatórias pelas ações que são direcionadas e nos leva a perceber a importância quando ele fala que as reuniões são necessárias para o desempenho da profissão.

Sobre esse aspecto de as reuniões serem necessárias para o exercício da própria profissão, o Plano de Desenvolvimento Institucional (2014-2018) estabelece que

[...] ao promover a socialização de cidadãos conscientes de suas singularidades e, acima de tudo, cientes dos aspectos humanos comuns que os unem, [...] deve promover uma educação emancipadora, [...] para tanto, a própria formação continuada, inerente aos docentes, requer a incorporação por estes de práticas pedagógicas que aprofundem a temática da formação cultural da sociedade brasileira (PDI, 2014-2018, p. 151).

O Plano de Desenvolvimento Institucional indica os caminhos a serem seguidos para promover a socialização de cidadãos em vários aspectos e aponta a formação continuada para que os docentes incorporem as práticas pedagógicas e possam contribuir para uma formação mais ampla da sociedade.

Quanto ao sentido de obrigatoriedade, de resistência dos professores na participação das reuniões de formação continuada, Imbernón comenta que:

Participar da formação significa participar de uma maneira consciente, o que implica suas estéticas, seus valores, suas ideologias, fato que nos permite compreender os outros, analisar suas posições e suas visões. Também é fundamental que a formação suponha uma melhoria profissional inteligível e suficientemente explicitada e resulte compreensível. A formação, enquanto processo de mudança, sempre gerará resistências, mas estas terão um caráter mais radical, se a formação for vivida como uma imposição arbitrária, aleatória, não verossímil e pouco útil (IMBERNÓN, 2010, p. 56).

Nesse contexto de formação, Imbernón afirma que o professor tem de estar consciente do que está fazendo, pois não adianta colocar o professor em um formação se ele ainda não compreendeu a real necessidade de tal processo, precisa antes envolver os docentes nesse processo, fazendo com que eles percebam que é necessário buscar novos conhecimentos e que a troca de experiência entre os pares tem a intenção de favorecer um

aprendizado mais amplo, que proporciona aos professores o desenvolvimento de sua prática pedagógica.

Analisando as narrativas dos professores, nesse contexto de obrigatoriedade, é possível perceber que as reuniões de formação continuada não deveriam ser de forma convocatória (graças à aprovação da Resolução nº 138/2015, a participação nas reuniões deixa de ser obrigatória), mas é necessário que o professor entenda a importância de participar das reuniões, que ele tenha consciência de que esse processo de formação é necessário e que trará contribuições para sua prática em sala de aula.

Nesse sentido, Sobrinho (2006, p. 82) acrescenta que “[...] a formação continuada do professor deve superar o tradicional individualismo e acontecer num ambiente coletivo e em busca da autonomia profissional. Com a finalidade de instituir novas relações dos professores com o saber pedagógico[...]”, ou seja, a formação dos professores, quando acontece no ambiente coletivo, busca aprimorar a autonomia dos professores, melhorando suas relações entre os pares e seu conhecimento.

Para subsidiar os trabalhos de formação continuada na instituição, a equipe de formação buscou trabalhar temas que foram apontados pelos professores em reunião com a Pró-reitoria de Ensino, em 2014, em que os professores sinalizaram uma necessidade de capacitação para melhorar sua prática pedagógica em sala de aula.

Ao perguntar aos professores sobre a ampliação do conhecimento após as reuniões de formação continuada, foi possível observar, nas narrativas, que os professores ampliaram o conhecimento e que houve troca de experiência entre os colegas.

Para a Profa. Aydie, as reuniões oferecem uma troca de experiência com os outros professores e ampliam o conhecimento, como menciona em sua narrativa:

Sim, ampliaram. Inclusive, eu gosto de participar das reuniões de formação continuada para conhecer como os meus colegas de trabalho atuam em sala de aula e, principalmente, para ampliar o meu conhecimento profissional porque é um momento em que aprendemos e voltamos a ser alunos, que, na verdade, nunca deixaremos de ser durante a vida inteira (PROFA. AYDIE).

É uma troca de experiência entre os professores de diferentes áreas, é o momento, como diz a Profa. Aydie, em que ela pode entender como os outros professores agem em determinadas situações do dia a dia em sala de aula, aprimorando sua prática profissional e também pode contribuir para que os outros professores ampliem seus conhecimentos.

Nesse sentido, Hobold e Silva destacam que

[...] a formação continuada é algo que deve ser dinâmico, considerando que o processo de aquisição do conhecimento é contínuo, pois se entende que ser professor é estar em permanente constituição, é criar espaços para refletir individualmente e coletivamente sobre as dificuldades enfrentadas no cotidiano da sala de aula, não bastando apenas acumular teorias, mas saber organizá-las e interpretá-las, de modo a transformar e ressignificar suas práticas (HOBOLD; SILVA, 2014, p. 2-3).

Pensando nas palavras de Hobold e Silva (2014), que, ao dizer que a formação deve ser dinâmica, criando espaços para que os professores reflitam sobre sua prática, percebemos que vai ao encontro do que diz a Profa. Aydie, que gosta de participar das reuniões para conhecer como os colegas trabalham em sala de aula, ampliando seu conhecimento com essa troca de experiências.

Também o Prof. Guilherme, em suas palavras, destacou a importância do contato com os professores da área técnica, ou seja, a importância de trocar experiência com outros professores. Nesse sentido, ele nos diz que:

Ampliaram sobretudo na medida que possibilitaram contato maior com os professores de formação mais profissional e técnica. São visões diferentes de enxergar as possibilidades de entrada no conhecimento, e conhecer um pouco mais a maneira como eles pensam me ajuda a entender o espaço no qual eu estou e também a enxergar possibilidades de trabalho em conjunto que sejam mais eficientes, nesse sentido foi bastante interessante (PROF. GUILHERME).

Para o Prof. Alfredo, as reuniões ampliaram o conhecimento, mas não entrou em detalhes; já o Prof. Oliveira disse: “Essa forma, eu diria que seria uma reciclagem, só para relembrar todos os conceitos que eu já aprendi”.

O Prof. Oliveira vê a formação continuada como um caminho que relembra o que foi aprendido na formação inicial e diz que é uma reciclagem, mas a formação continuada tem a intenção de promover novos conhecimentos, ampliando a formação do professor e possivelmente contribuindo com uma melhoria de sua prática em sala de aula.

Quanto ao uso dos conteúdos abordados nas reuniões de formação continuada, a Profa. Aydie diz:

Usei. Em algumas reuniões, o grande grupo compartilhou experiências, e conhecemos as estratégias de ensino que os outros docentes estavam fazendo em sala de aula. Como eles estavam elaborando as avaliações e como estavam ministrando as aulas teóricas mais dinâmicas. Tivemos a oportunidade de saber como o colega trabalha e também de mostrar um pouco como a gente trabalha e faz a turma ser mais participativa (PROF.^a AYDIE).

Para a Prof. Aydie, essas reuniões contribuíram no sentido de compartilhar experiências, conhecimento e estratégias, no sentido de entender um pouco a dinâmica que os outros professores utilizam em sala de aula para melhorar sua prática pedagógica e poder também contribuir com o aprendizado dos outros professores.

Para o Prof. Guilherme, fazer uso do conteúdo o ajudou a fazer um diagnóstico da turma, como menciona em sua narrativa:

Sim, até mesmo para fazer diagnóstico das turmas, quando tenho que trabalhar em uma turma de Ensino Médio integrado, como é o caso daqui, por exemplo, já tenho uma ideia pelo menos preliminar do que é essa formação técnica e de que maneira às vezes os alunos vão estar mais disponíveis para pensar aspectos que são da disciplina e de que maneira isso pode dialogar. Então me ajuda a fazer esse diagnóstico, o fato de ter tido contato nessas formações e um conhecimento maior na especificidade da área de formação profissional (PROF. GUILHERME).

As contribuições das reuniões de formação continuada, para o Prof. Guilherme, contribuíram para sua prática profissional e para o desenvolvimento das atividades com os alunos, a troca de experiências e a reflexão fizeram com ele entendesse um pouco a formação técnica.

Quanto ao Prof. Oliveira, ele disse que já usou os conteúdos, mas não disse em que momento isso aconteceu e nem como foi que isso ocorreu.

Na narrativa do Prof. Alfredo, foi possível perceber que ele não usou os conteúdos abordados nas reuniões de formação continuada. Em sua narrativa ele diz: “Eu já usei coisas de contatos informais com os professores, da gente compartilhar e tal, mas essas coisas específicas dos encontros de formação continuada, não”.

O Prof. Alfredo, por meio de contatos informais com os professores, trocou experiências e compartilhou ideias, ou seja, essa troca de ideias, mesmo sendo informal, amplia o conhecimento do professor.

Nesse contexto de trabalhar em grupo, de trocar experiência com professores de outras áreas, Imbernón destaca que:

É na tolerância e na compreensão dessas diferenças que se encontra o desafio do trabalho em grupo dos professores. E aqui está a importância daqueles que trabalhar com educação, do saber se respeitar e se confrontar para construir alternativas em conjunto. [...] É um coletivo que trabalha com pessoas e que, portanto, pode criar e potencializar transformações sociais por intermédio da educação de seus alunos (IMBERNÓN, 2010, p. 71).

A equipe, ao abordar os temas nas reuniões de formação continuada, tem a intenção de favorecer a troca de experiência entre os professores de diferentes áreas. Os professores compartilham materiais, trocam ideias, discutem situações que aconteceram em sala de aula envolvendo alunos, enfim as reuniões contribuem para a melhoria da prática pedagógica dos professores e para o seu desenvolvimento profissional.

A partir das narrativas, podemos destacar, em resumo, a reflexão dos professores sobre as reuniões de formação continuada conforme o quadro a seguir:

Quadro 8. Reflexão sobre as reuniões de formação continuada

Profa. Aydie	<ul style="list-style-type: none"> • Participou de todas as reuniões de formação. • As reuniões foram importantes. • Eram de caráter obrigatório. • Algumas reuniões surpreenderam. • Foram momentos em que paramos nossas atividades para refletir sobre nossa atuação em sala de aula. • As reuniões ampliaram o conhecimento. • Ao participar das reuniões, tivemos a oportunidade de conhecer como nossos colegas trabalham em sala de aula. • É um momento em que aprendemos e voltamos a ser alunos. • O grupo compartilhou experiências e conhecemos estratégias de ensino que os outros docentes estavam fazendo em sala de aula, como eram elaboradas as avaliações e como estavam ministrando as aulas teóricas mais dinâmicas.
Prof. Guilherme	<ul style="list-style-type: none"> • É uma necessidade da instituição. • Na instituição, há ações direcionadas. • É um processo sistematizado. • Tem uma equipe que conduz as reuniões de formação continuada. • A participação é necessária. • É uma exigência da profissão. • Ampliou o conhecimento, à medida que possibilitou contato maior com os outros professores da área técnica, são modos diferentes de enxergar as possibilidades de entrada no conhecimento. • Possibilitou enxergar outras possibilidades de trabalho em conjunto que sejam mais eficientes. • Contribuiu para fazer o diagnóstico das turmas. • Ter contato com os docentes favoreceu o diálogo com a área profissional.
Prof. Alfredo	<ul style="list-style-type: none"> • Participa das reuniões quando é convocado. • As reuniões ampliaram o conhecimento. • Não usou os conteúdos abordados nas reuniões. • Usou contatos informais com os professores.
Prof. Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> • Participa como ouvinte. • Temos de passar por uma reciclagem. • Surgem novas tecnologias, novas ideias, novos métodos e, para acompanhar as mudanças, precisamos estar atualizados. • Já usei os conteúdos em sala de aula.

Fonte: elaboração pela autora.

Pensando na prática pedagógica, três dos professores entrevistados disseram que houve mudança após a participação nas reuniões de formação continuada. Nesse sentido, os professores entrevistados disseram:

A principal mudança foi não focar só em provas escritas e ampliar as formas de avaliação, busquei avaliar o aluno em todas as aulas, desde a sua participação em sala de aula, não permitindo o uso do celular, o bom comportamento, pesquisas para realizar em casa e trazer na aula seguinte, a execução de trabalhos coletivos construídos em sala de aula, como: estudo dirigido, questionários, seminários, a elaboração de material informativo e debates para favorecer a forma de eles assimilarem melhor o conteúdo (PROFA. AYDIE).

Sim, elas têm contribuído, mas é obvio que é uma coisa que é processual, é importante que elas ocorram e que elas sejam planejadas de maneira consciente para que resulte nisso. Eu acho que, enquanto grupo, a gente pode ir amadurecendo esse processo, enquanto professores que pensam seu próprio processo de formação, a gente pode ir amadurecendo isso e tornando os encontros de formação continuada mais significativos e mais abrangentes de maneira que possa atender as demandas dos diferentes profissionais que a gente tem aqui, tanto os profissionais de formação mais profissional e os professores que são de conteúdos básicos do Ensino Médio, por exemplo. Acho que é importante entender essa diversidade que é o grupo e pensar as reuniões de formação continuada de modo que possa atender todas essas diferenças, articulando e gerando possibilidades de articulação (PROF. GUILHERME).

Por mais que você estude, sempre tem alguém que tem ideias diferentes que, para aquele cenário, são eficientes. [...] então procuro sempre como é falado nas formações continuada, no curso técnico a gente tem que ser bem prático, então passo bastante trabalho para os alunos e a prova acaba sendo projetos, desenvolvimento de projetos, sempre tem que ter algo, procuro sempre [...] na atividade ter um produto final, seja um pequeno parágrafo, um texto, ou um protótipo, enfim alguma coisa nesse sentido para que o aluno possa ver que aquilo lá foi produzido por ele. Acho que isso daí sempre é falado na formação continuada e pelo menos nos cursos técnicos [...] penso, em sempre, em toda atividade, aplicar isso (PROF. OLIVEIRA).

Para a Profa. Aydie, as reuniões de formação continuada proporcionaram mudanças principalmente na forma de avaliar o aluno. Para ela, essa mudança favorece o aprendizado dos alunos, fazendo com que eles se interessem mais pelas aulas, ou seja, há a valorização das atividades desenvolvidas em sala de aula, em casa, em grupos, as pesquisas realizadas, enfim avaliar o aluno dentro do contexto em que ele está inserido.

O Prof. Guilherme considera importante as reuniões de formação continuada, mas, para ele, as reuniões precisam ser planejadas de maneira consciente e, por isso, os encontros com os docentes devem ser significativos para atender as demandas da instituição e dos professores, proporcionando aos docentes uma troca de experiência entre as áreas.

Já o Prof. Oliveira destaca a importância de o aluno ter a possibilidade de ver a sua produção e de ver seu trabalho sendo valorizado, ou seja, o aluno desenvolve um projeto e o coloca em prática. Para o Prof. Oliveira, sempre vão surgir ideias diferentes e, por isso, devemos sempre estar atentos para fazer a diferença em sala de aula, valorizando o trabalho desenvolvido pelos alunos.

Nesse contexto das reuniões de formação continuada, Oliveira destaca que:

A mudança se instala por meio da formação continuada e consegue obter respostas dos professores quando estes desenvolvem um processo colaborativo e cooperativo, no entanto, consegue-se o engajamento de todos somente com incentivos. A motivação para que cada um assuma o controle de seu próprio desenvolvimento profissional é um dos entraves para a formação de professores e um desafio para os professores formadores (OLIVEIRA, 2016, p. 280).

Para que aconteça a formação continuada, o professor precisa ter consciência do processo de formação e estar motivado a participar das reuniões, precisa ter interesse em buscar novos conhecimentos e se envolver no processo com entusiasmo, ou seja, o professor tem um papel importante na realização das reuniões de formação continuada que acontecem na instituição, pois as reuniões são voltadas para atender as necessidades apontadas por eles.

André (2016, p. 18) complementa isso, dizendo que a formação de professores faz com que eles “[...] estejam bem preparados para propiciar as melhores condições de aprendizagem ao aluno”.

Day (2001, p. 213) acrescenta que “[...] há dados que demonstram que a formação contínua pode produzir, e de facto produz, um forte impacto no pensamento e na prática dos professores e, conseqüentemente, de uma forma indireta, na qualidade das experiências de aprendizagem dos alunos na sala de aula”.

Sendo assim, as reuniões de formação continuada, de uma forma ou outra, contribuem para o desenvolvimento, quando atendem as necessidades dos professores. Nesse sentido, Day complementa que:

[...] quando a formação contínua consegue dar atenção às necessidades particulares de desenvolvimentos dos professores e da escola. A interação entre estes elementos é, no entanto, mais complexa do que, muitas vezes, é reconhecido pelos que promovem à formação. As necessidades de desenvolvimento nacionais, distritais, ou escolares devem ser sistematicamente analisadas para ir ao encontro das necessárias e imperativas mudanças, das expectativas e resultados de aprendizagem e dos padrões de ensino (DAY, 2001, p. 213).

No sentido que Day fala da formação continuada na instituição, por meio da equipe de formação continuada, ela realiza as reuniões de formação continuada em serviço e tenta promover a interação entre os professores. Consequentemente, aborda assuntos relacionados com as necessidades apontadas pelos professores, ou seja, a equipe, junto com os docentes, tenta encontrar soluções para a melhoria do trabalho desenvolvido na instituição, mas é um caminho cheio de detalhes para a equipe que promove os encontros, pois ela precisa atender as diferentes áreas e, ao mesmo tempo, as necessidades dos professores, precisa haver um entrosamento entre os professores para não tornar essas reuniões cansativas para uns e produtivas para outros.

Nesse contexto de diversidade, a equipe de formação continuada tem a preocupação de organizar os temas de acordo com as necessidades, mas preocupando-se com as diferentes áreas dos professores para favorecer um aprendizado que acrescente na prática do professor e contribua para o desenvolvimento de suas atividades na instituição.

Dando continuidade às reflexões dos professores e mostrando as possibilidades de contribuições que podem apresentar para seu próprio processo formativo, partimos para as proposições para esse processo de formação continuada que acontece na instituição.

4.5 Proposições para o processo de formação continuada

A Resolução nº 138/2015, em seu art. 2º, apresenta as ações de formação continuada de professores, que tem por objetivos:

[...] promover a valorização do profissional da educação; propiciar a reflexão crítica sobre o fazer pedagógico; realizar a formação continuada de professores; propiciar estudos de referencial teórico e da legislação educacional para subsidiar as ações pedagógicas; contribuir com a prática docente no que tange ao processo de ensino e aprendizagem; incentivar e apoiar as iniciativas de formação continuada promovidas pelos servidores; promover discussões; oferecer suporte pedagógico às demandas identificadas; promover ações para o desenvolvimento e aprofundamento dos saberes docentes; e viabilizar a organização e oferta de encontros (RESOLUÇÃO Nº 138/2015, p. 2-3).

Desse modo, a equipe de formação continuada, da instituição estudada, se preocupa em atender os objetivos da Resolução, atendendo as necessidades apontadas pelos professores.

Nesse sentido e partindo das reuniões de formação continuada e do seu desenvolvimento, perguntamos aos professores entrevistados como eles gostariam que as reuniões fossem conduzidas e quais os temas que eles gostariam que fossem abordados.

Considerando a forma como devem ser conduzidas as reuniões de formação continuada, a Profa. Aydie relata, em sua narrativa, o seguinte:

Gostaria que as reuniões fossem conduzidas em um tempo maior e de forma mais agradável. Elas são muito rápidas e acontecem em um horário muito inconveniente, [...] gostaria muito que as reuniões acontecessem no início e no final de cada semestre, e fossem conduzidas com mais qualidade, durante uma tarde inteira, com intervalo para um café, e, se possível, separando o grande grupo de professores em grupos menores para um melhor rendimento. Algumas reuniões aconteceram assim e percebi que foram mais produtivas quando fomos para salas separadas e ficamos “estudando” nos pequenos grupos e construindo determinadas atividades de forma coletiva, as quais tinham que ser entregues no final da reunião ou apresentadas por um representante de cada grupo no retorno ao auditório (PROFA AYDIE).

Aqui a Profa. Aydie faz várias críticas às reuniões de formação continuada em relação ao tempo, que não é suficiente, à rapidez com que acontecem as reuniões, ao horário, que não é apropriado, enfim, são várias as críticas da professora, mas, olhando por outro ângulo, ela tem razão, ou seja, falta planejamento da equipe e da gestão escolar para que as reuniões aconteçam em um momento que seja adequado a todo o grupo, favorecendo um aprendizado de qualidade e não sendo uma obrigatoriedade a participação nas reuniões.

Em relação aos temas a serem abordados nas reuniões, a Profa. Aydie disse que:

Tem muitos temas. (Deu uma risada). Como motivar os alunos, pois alguns às vezes não gostam de estar em sala de aula, nem de ler no grande grupo ou de estudar em sala? Gostaria de aprender mais dinâmicas de grupo e estratégias de ensino. Como o docente pode preparar melhor as suas aulas teóricas, como usar a tecnologia e a informática para tornar as aulas teóricas mais interessantes, já que os alunos adoram tecnologia. Algum “software” de perguntas e respostas, jogos educativos, algo diferente de prova, seminário e trabalhos de pesquisa, assim, outras estratégias de ensino mais modernas, acho que seria legal (PROFA. AYDIE).

Quanto aos temas, é possível perceber, na narrativa da Profa. Aydie, que ela tem necessidades de aprender um pouco mais sobre estratégias de ensino para melhor desenvolver suas atividades com os alunos.

Para o Prof. Guilherme, as reuniões deveriam ser conduzidas de maneira que pudessem auxiliar os professores no desenvolvimento de suas atividades e, em relação aos temas a serem abordados, ele explica que:

Eu sinto muita falta de um embasamento maior no que diz respeito aos aspectos que são emocionais e psicossociais, que envolvem a prática docente, não do conhecimento técnico específico da matéria, mas das relações que são estabelecidas na sala de aula, dos sinais que o aluno dá, por exemplo, de que há algum problema e que pode ter motivo fora do espaço da sala de aula e que implica em alguma postura dele dentro da sala de aula. Acho que esse tipo de formação é uma coisa que pode auxiliar muito o professor e eu sinto falta no meu processo de ter um pouco mais, é só isso (PROF. GUILHERME).

Prof. Guilherme também faz críticas no sentido da falta de um embasamento maior no que diz respeito aos aspectos que envolvem o emocional e o psicológico do docente para atuar positivamente nas situações diversas que acontecem dentro da sala de aula e que, muitas vezes, são motivadas pelo ambiente externo do aluno, mas que se refletem no seu comportamento em sala de aula, por isso o professor sente essa necessidade.

Quanto ao posicionamento do Prof. Alfredo diante da pergunta sobre como deveriam ser conduzidas as reuniões e quais temas deveriam ser abordados, ele chama atenção para:

Acho que é do jeito que o pessoal fala para a gente conduzir as aulas, sem slides. [...] todas as coisas que falam nos encontros de formação continuada, que você tem que motivar o aluno, que você tem que entender o contexto dele, e coisa e tudo mais, em nenhum momento nessa formação continuada se buscou assim entender que é uma formação de curso técnico, que às vezes a gente não tem o livro didático disponível. Então, em nenhum momento, procura-se a entender as partes específicas. Do mesmo jeito que fala para a gente a condição social do aluno e coisa e tal, em nenhum momento buscou-se entender as condições específicas dos cursos que temos aqui, dos professores que a gente tem aqui, procurou seguir. Datashow é dependência. Dependência de Datashow. Isso é um problema, é um grande problema, tanto pela falta de Datashow que a gente tem quanto pela muleta mesmo porque. Estou num momento, realmente, que nesse semestre, projetor para mim é quando eu preciso colocar um vídeo ou alguma coisa [...] (PROF. ALFREDO).

Nessa narrativa do professor, percebemos outras críticas que envolvem a abordagem das reuniões, uma delas é não entender que boa parte dos professores ministra disciplinas técnicas e que não possui um material didático específico, por isso o Prof. Alfredo sente que essas reuniões deveriam levar em consideração esse aspecto, que para ele é importante.

O ponto de vista do Prof. Oliveira em relação a como deveriam ser conduzidas as reuniões e os temas a serem abordados nos surpreendeu com sua narrativa, como podemos ver a seguir:

Acho que as reuniões, elas são bem conduzidas. As primeiras que nós tivemos elas foram melhores, mas nós tínhamos um número menor, número reduzido de professores. [...] isso aí está diretamente relacionado à quantidade de participantes, como aumentou o número de participantes as reuniões começaram a ficar um pouco mais, não sei usar a palavra, não tão eficientes como estavam sendo, mas elas continuam, nós continuamos compartilhando ideias. Acho que é muito importante que todos tenham conhecimento de como tratar o aluno, de como conversar com o aluno, [...] hoje a gente tem que ter uma participação por parte dos alunos durante a aula. Claro que a gente tem que saber guiá-los porque eles estão lá para aprender e eles não conseguem guiar a aula, então nós é que temos que administrar quais tarefas, o que priorizar, mas assim, em alguns momentos, tem que dar chance para que eles possam escolher alguma coisa durante a aula porque senão eles vão terminar o curso e vão continuar igual quando eu terminei o meu Ensino Médio, não sabia o que ia fazer na faculdade, porque eu nunca tive poder de decisão, nunca decidi nada, então quando você tem que decidir alguma coisa você não sabe, uma habilidade que não é exercitada em sala de aula, ou pelo menos não era quando fui aluno (PROF. OLIVEIRA).

O Prof. Oliveira coloca, em sua narrativa, que as primeiras reuniões foram melhores, mas, em seguida, ele diz que o número de docentes era menor, por isso ele acrescenta que as outras reuniões não foram tão produtivas como as primeiras porque o número de docentes aumentou e as reuniões continuaram a ser conduzidas da mesma maneira.

Para o Prof. Oliveira, os alunos precisam participar do processo de aprendizagem, mas o professor precisa estar atento para guiá-los nessa caminhada de descoberta, e as reuniões podem contribuir para que o professor desenvolva sua prática em sala de aula.

Nesse contexto de formação continuada, é possível também falar sobre a formação da identidade do professor. Imbernón acrescenta que:

A formação deve levar em conta essa identidade individual e coletiva, para ajudar o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores no âmbito laboral e de melhoria das aprendizagens profissionais e para ajudar a analisar os sentimentos e as representações pelas quais os sujeitos se singularizam (IMBERNÓN, 2010, p. 81).

Dando continuidade no pensamento de Imbernón, Gatti (2011, p. 167) acrescenta que “[...] identidade se constrói e não é dada. É respaldada pela memória, quer individual, quer social”, ou seja, a identidade é construída aos poucos no decorrer da vida do professor.

Nesse sentido, as proposições dos professores para as próximas reuniões nos levam a entender que são necessidades com que eles se deparam no dia a dia em sala de

aula, e se conseguirmos sanar essas dificuldades estaremos contribuindo para a formação da identidade dos professores.

Para finalizar, no quadro a seguir, está um pequeno resumo das narrativas dos professores sobre as proposições para o processo de formação continuada.

Quadro 9. Proposições para o processo de formação continuada

Profa. Aydie	<ul style="list-style-type: none"> • As reuniões deveriam ser conduzidas em um tempo maior e de forma mais agradável. • Elas são rápidas e acontecem em um horário inconveniente. • Gostaria que as reuniões acontecessem no início e no final de cada semestre. • Separar em grupos menores de professores. • Quanto aos temas a serem abordados, ela citou: como motivar os alunos, dinâmicas de grupos, estratégias de ensino, como o docente pode preparar melhor suas aulas teóricas e como usar as tecnologias disponíveis em sala de aula.
Prof. Guilherme	<ul style="list-style-type: none"> • Sente falta de um embasamento maior no que diz respeito aos aspectos emocionais e psicossociais que envolvem a prática docente.
Prof. Alfredo	<ul style="list-style-type: none"> • Devem ser conduzidas sem slide. • Em nenhum momento buscou entender o que é uma formação de curso técnico, que às vezes não temos um livro didático.
Prof. Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> • As reuniões são bem conduzidas. • As primeiras reuniões foram melhores, porque tinha um número reduzido de professores.

Fonte: elaborado pela autora.

Nas narrativas dos professores, é possível perceber que eles gostariam que as reuniões fossem mais planejadas e bem organizadas para favorecer um momento de troca e de ampliação dos conhecimentos, assim como também gostariam que fossem divididos em grupos menores para que os professores possam compreender o que está sendo proposto nos encontros de formação.

Diante das narrativas dos professores e de suas ponderações, podemos dizer que a equipe, por mais que tenha se dedicado ao desenvolvimento das atividades, ainda tem um caminho para aperfeiçoar seu trabalho. Por isso, frente ao que foi apontado nas entrevistas desta pesquisa, essas reuniões, para os professores, deveriam ser mais planejadas no sentido da organização do horário, da quantidade de professores, quanto ao material utilizado e nos recortes temáticos apresentados. Assim, os professores ouvidos apontam para a necessidade de que se organize e se verifique a possibilidade de as reuniões serem em horários favoráveis a todos e que se ofereçam as reuniões para grupos menores de docentes. Quanto aos temas, devem levar em conta as áreas de atuação dos docentes, pois os diferentes professores apresentam demandas distintas. Por exemplo, os docentes do técnico com frequência não têm um material didático para subsidiar seu trabalho, enquanto os professores do grupo comum têm material específico. Assim,

sugeriu-se que, para o grupo de professores que atuam nos cursos técnicos, essas reuniões deveriam levar em conta a necessidade de um aprofundamento nos temas abordados para melhorar as relações de ensino e de aprendizagem dos docentes que ministram disciplinas técnicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, empenhamo-nos em compreender as percepções dos professores sobre as reuniões de formação continuada que acontecem na instituição, identificamos as possíveis contribuições das reuniões para o desenvolvimento da prática dos professores e também foi possível realizar uma breve análise das propostas da instituição para a realização das reuniões de formação continuada.

A partir da análise, conseguimos relacionar as semelhanças entre as narrativas dos professores e a proposta das reuniões de formação continuada e, para aprofundar o estudo proposto, contamos com um referencial teórico que contribuiu para a análise dos dados.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos a abordagem de natureza qualitativa, a partir de entrevistas de história oral temática, envolvendo um estudo mais aprofundado com quatro professores da instituição que atuam ou que já atuaram nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio.

A partir das entrevistas, compreendemos a percepção dos docentes sobre seu profissionalismo, ou seja, seu entendimento sobre ser professor. Destacamos, nas narrativas, os pontos mais centrais, sendo eles: o desafio diário; a necessidade de ter dedicação e paciência e lidar com a falta de interesse dos alunos; o entendimento do que é ser pessoa, ser professor e a interdependência estabelecida entre ambos; o processo constante de descoberta; a exposição aos riscos e a necessidade de corrê-los; a importância de lidar com a incerteza; o ser facilitador; a relevância de apontar um norte e motivar os alunos. Com essas ações, os professores refletem que a docência se reflete na sistematização dos conhecimentos de um conjunto de profissões. Além disso, destacam que é gratificante ser professor e participar da formação e da vida das pessoas.

Aspecto relevante da pesquisa diz respeito à percepção dos professores sobre as reuniões de formação continuada. As narrativas dos professores sobre as reuniões de formação continuada nos levaram a concluir que este é um processo contínuo, inevitável e de longo prazo. Mas para que consigam melhores resultados, para eles, as reuniões deveriam ser mais organizadas.

Os professores participaram de todas as reuniões por serem uma exigência da instituição. Assim, de maneira geral, os docentes convocados acharam as reuniões interessantes por terem ampliado o conhecimento, favorecendo a troca de diálogo entre professores de diversas áreas. Entretanto, apontam-se também os limites deste processo formativo.

O professor Alfredo, por exemplo, chegou a afirmar que, mesmo as reuniões tendo ampliado seus conhecimentos, esse conjunto de novos saberes, abordados pela equipe de formação, ainda não utilizou os conteúdos em suas aulas. Esse fato pode estar relacionado ao que os teóricos que embasam este estudo afirmam com relação ao envolvimento dos professores, consciência da necessidade de aprender a ensinar.

Por outro lado, é preciso ponderar que talvez o fato de não se colocar em prática tal conhecimento esteja relacionado a esse novo conhecimento não ter se tornado algo realmente útil, e isso pode estar atrelado à forma como foi constituído esse saber (hierarquicamente institucionalizado e desvinculado do saber acumulado pela experiência do professor). Ou seja, os professores, ao narrarem, apontaram limites do processo de formação continuada colocado em prática pela instituição. E, assim, este trabalho ganha importância ao poder sistematizar propostas para a melhoria deste processo.

Pontua-se, portanto, como foram relevantes as proposições para o processo de formação continuada. Os professores destacam que as reuniões deveriam ser conduzidas em um tempo maior e com grupos menores de professores. Isso talvez se relacione com a possibilidade de troca de experiências, constituição de uma aprendizagem relevante baseada em um saber da prática para a construção de um caminho para o desenvolvimento profissional docente. Por entenderem a importância de aprender a ensinar, em suas narrativas, os professores também destacaram a necessidade de se discutir temas sobre estratégias de ensino, uso das tecnologias em sala de aula, aspectos emocionais e psicossociais. Ao dizerem isso, os professores mostram que refletem sobre sua própria prática e sobre a prática institucional, ao mesmo tempo em que, ao aceitarem fazer parte desta pesquisa, se disponibilizaram a fazer parte de uma investigação. Assim, mesmo que de forma indireta, podemos entender que o processo de formação continuada está formando profissionais reflexivos (e por isso críticos) e investigadores (e por isso propositivos).

De qualquer maneira, ao ler as falas dos docentes entrevistados, parece que estão clamando para que o processo de formação continuada envolva seus conhecimentos acumulados (tanto do conteúdo, quanto da prática) de seu exercício profissional. Isso aparece à medida que os docentes apontam a necessidade de envolver a prática docente e buscar entender que a formação é voltada para professores que atuam em vários cursos. Ou seja, talvez os professores estejam dizendo, com isso, que a perspectiva que têm de suas funções estão organizadas de forma disciplinar (ou por área do conhecimento) e alertando a equipe pedagógica que isso tem de ser levado em conta.

Dizer isso não significa que as formações continuadas não possam, ou mesmo devam, incentivar interações entre áreas e provocar a produção de saberes interdisciplinares, colocando diferentes para dialogar. Os próprios professores afirmam a necessidade de aprenderem questões didáticas e da prática pedagógica. Mas é preciso entender que, talvez, esse ainda não seja o ambiente para o entrelaçamento concreto acontecer, é preciso que, por meio da mediação, ele seja criado.

Por outro lado, talvez exista a necessidade de diálogos entre iguais, ou entre professores de uma mesma área, que enfrentam desafios semelhantes. Pode-se dizer que alguns fazeres docentes estabeleceram culturas específicas sobre o exercício profissional, que devem ser levadas em conta. Por isso, é preciso pensar também que a interação entre pares possa satisfazer outras preocupações dos docentes e que possa também constituir instância de produção de saberes da prática e modeladores de identidades.

Após a sistematização das análises apresentadas, nota-se que os objetivos traçados para esta pesquisa foram alcançados, pois conseguimos identificar as contribuições das reuniões de formação continuada para o desenvolvimento da prática dos professores, analisamos a proposta dessas formações e relacionamos isso às narrativas dos professores de forma a compreender suas percepções sobre esse processo de formação continuada.

Contudo, para além dos objetivos da pesquisa, podemos afirmar que realizar este trabalho fortaleceu meu compromisso com a instituição, ampliou meu conhecimento e proporcionou uma reflexão mais crítica sobre o processo de formação continuada, do qual faço parte, vendo suas possibilidades e limites. Com isso, estou certa de que os resultados desta contribuirão para a melhoria das reuniões de formação continuada que acontecem na instituição.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. A complexa relação entre pesquisa e políticas públicas no campo da formação de professores. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, pp. 270-276, set/dez, 2009. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/5773/4194>>.

Acesso em: 01 ago. 2016.

_____. Formar o professor pesquisador para um novo desenvolvimento profissional. In ANDRÉ, M. (Org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

ASSIS, V. M. S. de. **Formação e professores: construindo práticas por uma cultura de paz**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano) – Faculdade de Taubaté, Universidade de Taubaté. Taubaté, SP, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto n. 5.154**. Regulamenta o par. 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, 23 de julho de 2004.

_____. **Lei nº 9394**. de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 13 mar. 2018

_____. **Decreto nº 2.208**. de 17 de abril de 1997. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec2208.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2018

_____. **Lei nº 11.741**. de 16 de julho de 2008. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111741.htm>. Acesso em: 13 mar. 2018.

_____. **Lei nº 13.415**. de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 13 mar. 2018.

BRISOLA, E. M. A.; MARCONDES, N. A. V. A História oral enquanto metodologia dentro do universo da pesquisa qualitativa: um foco a partir da análise por triangulação de métodos. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, n. 1, p. 124-136, jan./jul. 2011.

COSTA, N. M. L. C. A formação contínua de professores – novas tendências e novos caminhos. **Holos**, Rio Grande do Norte, ano 20, dez, 2014. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/48/52>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

DAY, Christopher. **Desenvolvimento profissional de professores – os desafios da aprendizagem permanente**. Portugal: Porto, 2001.

DOMINGUES, J. J. *et al.* A reforma do Ensino Médio: a nova formulação curricular e a realidade da escola pública. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXI, n° 70, p. 63-79, abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n70/a05v2170>>. Acesso em: 27 agos. 2018.

FANIZZI, Sueli. **Políticas públicas de formação continuada de professores dos anos iniciais em matemática**: uma experiência da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.48.2015.tde-17112015-130743. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17112015-130743/pt-br.php>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FRIGOTTO, G. Reforma do Ensino Médio do (des) governo de turno: decreta-se uma escola para os ricos e outra para os pobres. **Revista de Educação Movimento**, Rio de Janeiro, ano 3 n°5, p. 329-332, 2016. Disponível em: <<http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/viewFile/326/327>>. Acesso em: 27 agos. 2018.

FUHRMANN, N.; PAULO, F. dos S. A formação de educadores na educação não formal pública. **Educ. Soc.** Campinas, v. 35, n. 127, p. 551-566, abr/jun, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v35n127/v35n127a12.pdf>> Acesso em: 13 mar. 2018.

GARCIA, W. E. (Org.); **Textos selecionados de Bernardete A. Gatti**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Perfis da Educação; 4)

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v.1, n.2, pp. 161-171, 2016. Disponível em: <<http://itp.ifsp.edu.br/ojs/index.php/RIFP/article/view/347>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

HOFFMANN, J. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

HOBOLD, M. S.; SILVA, V. M. Percepção de docentes sobre as ações de formação continuada, promovidas pela rede municipal de ensino. **X ANPED SUL**, Florianópolis, pp. 1-100, out, 2014. Disponível em:

<http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/174-0.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2018.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. **Formação Professores e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IMBERNÓN, F.; CAUDURO, M. T. A formação como desenvolvimento profissional dos professores de educação física e as políticas públicas. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v. 14, n. 23, pp. 17-30, dez, 2013. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/1085/1586>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO (IFSP). **Organização didática dos cursos ofertados pelo IFSP**. Disponível em:

< <http://www2.ifsp.edu.br/index.php/documentos-institucionais/organizaodidatica.html> >. Acesso em: 13 mar. 2018

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional: 2014-2018**. São Paulo: IFSP, 2014a.

_____. **Resolução N° 138/2015**, de 08 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www2.ifsp.edu.br/index.php/arquivos/category/505-resolucoes-2015.html> >. Acesso em: 13 mar. 2018.

_____. **Projeto Político Pedagógico: 2015-2019**. São José dos Campos: IFSP, 2016.

LEODORO, Juliana Pires. **Inclusão escolar e formação continuada: o programa Educação Inclusiva**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.48.2008.tde-15032010-160126. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15032010-160126/pt-br.php>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Heccus, 2013.

LIMA, D. L. D. Reflexões sobre a história da educação profissional no Brasil: educação profissional integrada ao ensino médio. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v.3, n. 9, p. 108-125, mai./ago. 2013. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/3580>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2014.

MARCELO GARCÍA, C Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, Sevilha, n. 9, pp. 51-75, set/out/nov/dez. 1998. Disponível em: <https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/31832/Pesquisa_sobre_a_forma%C3%A7ao_de_profesores.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2016.

_____. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. Sísifo. **Revista de Ciência da Educação**, Sevilha, n. 8, pp. 7-22, jan/abr. 2009. Disponível em: <<https://idus.us.es/xmlui/handle/11441/29247>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

_____. **Formação de Professores**: para uma mudança educativa. Porto-Portugal: Porto Editora, 1999.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, G. S, *et al.* Educação profissional de nível técnico integrada ao ensino médio: uma análise das escolas profissionalizantes do estado do Ceará. **Labor**, Fortaleza/CE, v.01, n. 17, pp. 1-12, jan/jul, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/11897/30594>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

OLIVEIRA, S. M. de. Os novos espaços da formação continuada e o papel mediador do professor formador. In ANDRÉ, M. (Org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

PASSOS, L. F. Práticas formativas em grupos colaborativos: das ações compartilhadas à construção de novas profissionalidades. In ANDRÉ, M. (Org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

PINHEIRO, A. B. M, *et al.* Percepção dos professores dos cursos técnicos e tecnológicos sobre a formação continuada. **Tear**, Canoas, v.4, n. 2, pp. 1-14, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1939/1480>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

PRADA, L. E. A. *et al.* Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional**, 2010, 10 mai/ago, 2018. ISSN 1518-3483. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189114449009>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

PRADA, L. E. A. Á formação continuada de professores. **RPD**, Uberaba, v.7, n. 16, p. 110-123, 2007. Disponível em: <<http://www.revistasdigitais.uniube.br/index.php/rpd/article/view/257/247>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

RIBEIRO, S. L. S. História oral na escola: instrumentos para o ensino de história. **Oralidades**, São Paulo, v.2, n.4, p. 99-109, 2008.

_____. **Processos de mudança no MST**: história de uma família cooperada. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

_____. **Tramas e tramas**: identidades em marcha. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

_____. Visões e perspectivas: documento em História Oral. **Oralidades**, São Paulo, v.1, n.2, p. 35-44, 2007.

SILVA, Elifas Levi da. **Ensinando e aprendendo num programa de formação continuada**: reflexos de um trabalho coletivo. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Doi:10.11606/T.48.2009.tde-24092009-110915. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-110915/en.php>> . Acesso em: 18 nov. 2016.

SILVA, M. N. da. **Formação continuada de professores no espaço escolar e o exercício do saber formacional de diretores e coordenadores em São Bernardo do Campo**: contribuição para uma profissionalidade emergente. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Doi:10.11606/D.48.2015.tde-22062015-135142. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22062015-135142/pt-br.php>> . Acesso em: 18 nov. 2016.

SILVA, V. G. L. da. **Visões dos professores sobre a aprendizagem profissional:** contribuições da formação continuada. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano) – Faculdade de Taubaté, Universidade de Taubaté. Taubaté, SP, 2016.

SOBRINHO, J. A. C. M. A formação continuada de professores: modelos clássicos e contemporâneo. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, ano 11, n. 15, p. 75-92, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/Revista/N%2015/revista%2015.pdf#page=75>>. Acesso em 13 mar. 2018.

SOUZA, R. L. L. de. **Formação continuada dos professores e professoras do município de Barueri:** compreendendo para poder atuar. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Doi: 10.1166/D.48.2007.tde-22022008-135442. Disponível em: <<http://www2.fe.usp.br/~etnomat/teses/FormaoContinuadadeProfessores.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, ano XXI, n. 73, dez, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0101-73302000000400013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 mar. 2018.

TREVIZAN, Andressa Christina. **Formação continuada e profissionalização docente na Rede Municipal de São Paulo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29042016-113618/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

WELLER, W.; PFAFF, N. (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação:** teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WILLE, R. B. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. **Revista da Abem**. nº13, p. 39-48, set. 2005. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/323>>. Acesso em: 27 agos. 2018.

APÊNDICE A – OFÍCIO



UNITAU

Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
Recredenciada pela Portaria CEE/GP nº. 241/13
CNPJ 45.176.153/0001-22

PRPPG – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
Tel.: (12) 3625.4217 Fax: (12) 3632.2947
prppg@unitau.br

Ofício nº PPGEDH – 034/2016

Taubaté, 11 de junho de 2016.

Prezado (a) Senhor (a)

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa pelo (a) aluno (a) **EDNA DE ALMEIDA SEIXAS CARVALHO PENA**, do Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica (Turma B) da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2016 e 2017, intitulado “**A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA: CURSO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO**”. O estudo será realizado com 4 (quatro) professores que atuarão no Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio, sendo 2 (dois) professores de formação profissional e 2 (dois) professores da base nacional comum, na cidade de SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP, sob a orientação da Profa. Dra. **SUZANA LOPES SALGADO RIBEIRO**.

Para tal, será realizada ENTREVISTAS INDIVIDUAIS, por meio de um instrumento elaborado para este fim, junto à população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.020-040, telefone (12) 3624-1657, ou com Edna de Almeida Seixas Carvalho Pena, telefone (12) 98156-0903, e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,



Prof. Dra. Edna Maria Querido Oliveira Chamon
Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação

Recebido em:
12/06/16
M. Ribeiro



APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO
Rodovia Presidente Dutra Km 145 + 100m – Jardim Diamante
12.223 - 201 – São José dos Campos
Telefone (12) 3901-4440

Ofício N.º 044/2016 DRG

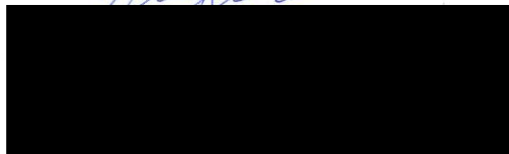
À Universidade de Taubaté – UNITAU
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG
A/C: Prof. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon
Rua Visconde do Rio Branco, 210 - Centro

Assunto: Resposta ao Ofício n.º PPGEDH – 034/2016

Prezado Senhor,

1. O [REDACTED] (sentido São Paulo - Rio de Janeiro), [REDACTED] vem, em resposta ao Ofício n.º PPGEDH – 034/2016, autorizar a Sra. Edna de Almeida Seixas Carvalho Pena, a realizar neste câmpus a Pesquisa intitulada “A Visão dos Professores Sobre a Formação Continuada: Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio”.
2. Sem mais para o momento, com protestos de consideração e respeito, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,



APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação:

Nome de identificação:

Formação inicial e continuada:

Atuação profissional:

Tempo de atuação na profissão professor:

Roteiro da entrevista:

1. Como você ingressou na área da educação?
2. Qual a sua formação inicial?
3. Quais são suas atribuições na instituição de ensino, em quais cursos atua?
4. O que você entende por formação continuada?
5. Como você vê o processo de formação continuada do professor?
6. Sua percepção modificou durante esses anos de trabalho na instituição?
7. Você participa de reuniões de formação continuada? Por quais motivos?
8. As reuniões de formação continuada ampliam seu conhecimento?
9. Alguma vez você já usou algum desses conhecimentos adquiridos nas reuniões de formação continuada na sua prática em sala de aula?
10. Você pode destacar mudanças em sua prática pedagógica advindas das reuniões de formação continuada?
11. Pensando no processo de formação continuada, como você gostaria que as reuniões fossem conduzidas?
12. Quais temas você gostaria que fossem abordados nas reuniões?
13. O que você entende por ser professor?
14. Você acredita que o processo de formação continuada contribui para a carreira do professor?
15. Agradecimento da pesquisadora pela colaboração na coleta dos dados.
16. Algo mais que tenha a dizer que não tenha sido contemplado nas perguntas? A palavra é sua.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO

Entrevista 1 - Profa. Aydie

Pesquisadora	Sua identificação:
Profa. Aydie	Tenho 36 anos.
Pesquisadora	Sua formação inicial:
Profa. Aydie	Eu fiz o Curso Superior de Graduação em Enfermagem durante cinco anos, em paralelo fiz a licenciatura plena na área de educação, junto com o bacharelado, porém em dois diplomas separados. Tenho também mestrado acadêmico, que durou dois anos.
Pesquisadora	Sua atuação profissional:
Profa. Aydie	No início da minha vida profissional trabalhei em hospital, como enfermeira assistencialista. Depois trabalhei na área de saúde pública no Programa de Saúde da Família (PSF) e como professora substituta em uma Universidade Federal. Nesta época, tive que pedir rescisão do contrato de professor substituto para me dedicar ao mestrado por ter conseguido a bolsa no mestrado. Ao mudar de cidade, tive a oportunidade de trabalhar em uma maternidade pública e de ministrar aulas em Escolas Particulares nos Curso Técnicos de Enfermagem por alguns meses, até ser aprovada no concurso, onde estou há nove anos atuando de forma exclusiva nos cursos técnicos integrados ao ensino médio.
Pesquisadora	Na profissão professora você já está há nove anos?
Profa. Aydie	Nove anos, mais um ano como professora em outras escolas de enfermagem. Dez anos completos.
Pesquisadora	Nesta área da educação, aqui, você ingressou como? Pelo concurso?
Profa. Aydie	Na área da educação, ingressei através do concurso para professor substituto em uma Universidade Federal, depois ministrei algumas disciplinas por alguns meses nas Escolas Particulares (nos Cursos Técnicos em Enfermagem) e aqui ingressei no concurso para Professor do quadro efetivo, na área de enfermagem, atuando de forma exclusiva nos cursos técnicos integrados ao ensino médio até a presente data.
Pesquisadora	E hoje, na instituição de ensino, em quais cursos você atua?
Profa. Aydie	Eu já atuei no curso técnico de enfermagem e superior de enfermagem. Atualmente, estou ministrando disciplinas nos cursos técnicos integrados ao ensino médio.
Pesquisadora	E o que você entende por formação continuada?
Profa. Aydie	Formação continuada é um termo bem amplo, na realidade é um processo que inicia em um determinado período e vai sendo construído no cotidiano escolar, em longo prazo. Esse processo não é rápido, deve ocorrer continuamente e não tem um fim determinado, porque tem o objetivo de fazer o docente refletir sobre a sua atuação enquanto docente. Acredito que busca melhorar a prática docente, ampliar o conhecimento

	profissional e solucionar assuntos específicos do contexto escolar, no sentido de tentar resolver os diversos problemas da prática pedagógica.
Pesquisadora	E como você vê esse processo de formação continuada do professor?
Profa. Aydie	Eu considero super importante investir na formação continuada dos professores e ao mesmo tempo, percebo que é difícil mensurar até que ponto cada professor foi habilitado para aquele determinado conteúdo. Vejo que esse processo de formação continuada nos faz refletir sobre a nossa atuação em sala de aula e também nos faz repensar as estratégias de ensino para atuar de forma melhor e mais produtiva.
Pesquisadora	Sua percepção modificou durante estes anos de trabalho na instituição?
Profa. Aydie	Modificou um pouco. Senti que atualmente é mais difícil ministrar aulas para os adolescentes devido o avanço tecnológico, eles estão sempre conectados com o mundo virtual através do uso do celular e mantê-los motivados para o mundo real, em sala de aula, torna-se um desafio constante.
Pesquisadora	Aqui na instituição tem umas reuniões de formação continuada você participou destas reuniões e por quais motivos você buscou estas reuniões?
Profa. Aydie	Participei de todas as reuniões de formação continuada e achei bem importantes. As reuniões aconteceram de caráter obrigatório para todos os docentes, algumas reuniões me surpreenderam, pois é um momento em que temos a oportunidade de realmente parar outras atividades e refletir um pouco sobre a nossa atuação em sala de aula, em relação a vários aspectos, por exemplo: como melhorar a forma de avaliações dos alunos e como podemos passar melhor o conteúdo para os alunos.
Pesquisadora	E essas reuniões de formação continuada elas ampliaram seu conhecimento?
Profa. Aydie	Sim ampliaram. Inclusive, eu gosto de participar das reuniões de formação continuada para conhecer como os meus colegas de trabalho atuam em sala de aula e principalmente, para ampliar o meu conhecimento profissional porque é um momento em que aprendemos e voltamos a ser alunos, que na verdade, nunca deixaremos de ser durante a vida inteira.
Pesquisadora	Alguma vez você já usou algum desses conhecimentos adquiridos nessas reuniões de formação continuada na sua prática em sala de aula?
Profa. Aydie	Usei. Em algumas reuniões, o grande grupo compartilhou experiências, e conhecemos as estratégias de ensino que os outros docentes estavam fazendo em sala de aula. Como eles estavam elaborando as avaliações e como estavam ministrando as aulas teóricas mais dinâmicas. Tivemos a oportunidade de saber como o colega trabalha e também de mostrar um pouco como a gente trabalha e faz a turma ser mais participativa.

Pesquisadora	Você pode destacar mudanças em sua prática pedagógica advindas das reuniões de formação continuada?
Profa. Aydie	A principal mudança foi não focar só em provas escritas e ampliar as formas de avaliação, busquei avaliar o aluno em todas as aulas, desde a sua participação em sala de aula não permitindo o uso do celular, o bom comportamento, pesquisas para realizar em casa e trazer na aula seguinte, a execução de trabalhos coletivos construídos em sala de aula, como: estudo dirigido, questionários, seminários, a elaboração de material informativo e debates para favorecer a forma deles assimilarem melhor o conteúdo.
Pesquisadora	Agora pensando neste processo de formação continuada, aqui nesta instituição, estas reuniões que acontecem aqui dentro da instituição, como você gostaria que as reuniões fossem conduzidas?
Profa. Aydie	Gostaria que as reuniões fossem conduzidas em um tempo maior e de forma mais agradável. Elas são muito rápidas e acontecem em um horário muito inconveniente, iniciando às 12h40, bem no horário do almoço ou de levar filhos para a escola e, quando a reunião acaba às 14h20, temos que correr para a sala de aula, sem ter tempo nem para ir ao banheiro. Gostaria muito que as reuniões acontecessem no início e no final de cada semestre, e fossem conduzidas com mais qualidade, durante uma tarde inteira, com intervalo para um café, e se possível, separando o grande grupo de professores em grupos menores para um melhor rendimento. Algumas reuniões aconteceram assim e percebi que foram mais produtivas quando fomos para salas separadas e ficamos “estudando” nos pequenos grupos e construindo determinadas atividades de forma coletiva, as quais tinham que ser entregues no final da reunião ou apresentadas por um representante de cada grupo no retorno ao auditório.
Pesquisadora	Quais temas você gostaria que fossem abordados nas reuniões que ainda não foram?
Profa. Aydie	Tem muitos temas. (Deu uma risada) Como motivar os alunos, pois alguns às vezes não gostam de estar em sala de aula, nem de ler no grande grupo ou de estudar em sala. Gostaria de aprender mais dinâmicas de grupo e estratégias de ensino. Como o docente pode preparar melhor as suas aulas teóricas, como usar a tecnologia e a informática para tornar as aulas teóricas mais interessantes. Já que os alunos adoram tecnologia. Algum “software” de perguntas e respostas, jogos educativos, algo diferente de prova, seminário e trabalhos de pesquisa, assim, outras estratégias de ensino mais modernas, acho que seria legal.
Pesquisadora	E o que você entende por ser professor?
Profa. Aydie	Ser professora é um desafio diário. (Deu uma risada) Tem que ter dedicação e ter paciência para lidar com seres humanos. Quem não atua como professor, talvez imagine que ser professor é simplesmente entrar em sala e ficar falando sem

	<p>parar o que você aprendeu para você mesmo, não imagina que muitos alunos têm dificuldade de se concentrar no que você está falando, tem dificuldade de permanecerem sentados na sala, muitos têm dificuldade inclusive de ler e de escrever corretamente.</p> <p>Alguns conteúdos eu falo, faço desenhos na lousa, repito, explico de outra forma, traduzo os termos técnicos, exemplifico, contextualizo e ainda repito na aula seguinte para checar se foi assimilado e, observo que para alguns alunos o conteúdo não foi assimilado. Acredito que deve ser por eles não terem interesse e motivação de estarem ali estudando, pois, uma parte da turma está presente fisicamente, mas com o pensamento longe, mexendo no celular ou fazendo alguma outra atividade.</p> <p>O mais difícil para mim é lidar com a falta de interesse dos jovens que não querem estudar e também é um desafio tentar fazer com que os alunos participem das atividades propostas quando estas não valem “nota”.</p> <p>Acredito que a maioria ou grande parte dos alunos precisa ter a família colaborando, participando das reuniões da escola e nos ajudando a tornar produtivos os momentos no ambiente escolar, não sei, acho que é mais a parte psicológica dos alunos que precisa ser “trabalhada”, se o psicólogo da escola pudesse ministrar palestra para os alunos e os pais dos alunos, objetivando fazer uma abordagem relacionada à motivação e autoestima.</p>
Pesquisadora	Algo mais que você tem a dizer que não tenha sido contemplada nas perguntas? A palavra é sua.
Profa. Aydie	Algo mais. (deu uma risada) Olha, achei muito boa a entrevista, gostei, achei bem legal o tema da pesquisa porque é um assunto que a gente precisa estar sempre refletindo e revendo como tornar nossos momentos em sala de aula melhores.
Pesquisadora	Só mais uma pergunta qual é a disciplina que você leciona hoje?
Profa. Aydie	Atualmente é Organização, saúde e segurança do trabalho.
Pesquisadora	Quero agradecer sua colaboração na coleta de dados.
Profa. Aydie	Muito obrigada, e muito obrigada! (Terminou com uma risada e algumas palmas)

Entrevista 2 –Prof. Guilherme

Pesquisadora	Querida que você falasse um pouquinho professor de você.
Prof. Guilherme	É profissionalmente.
Pesquisadora	Não sua identificação, idade, formação:
Prof. Guilherme	Há, Sim sou do Norte de Minas, tenho 36 anos, sou professor já há dez anos, sou casado, ainda não tenho filhos e trabalho na Rede Federal há cinco anos.

Pesquisadora	E a sua formação professor?
Prof. Guilherme	Sou formado em Letras, Letras Português, na Universidade Estadual de Montes Claros. Tenho Mestrado também na área de Letras, na área de Teoria Literária e Crítica da Cultura e estou fazendo doutorado agora, também na área de Teoria Literária e Literatura Comparável na UFMG.
Pesquisadora	Como você ingressou na área da educação? Você já tinha vontade de ser professor?
Prof. Guilherme	<p>Foi um processo que se deu ao longo do ensino médio, foi disparado a partir do momento que comecei a ter um contato maior com a leitura de livros. Um processo que passou pela escola, mas ao lado dela também, o motivador principal não foi a escola, foi o processo fora dela em contato com livros fora dela e também o contato com música.</p> <p>Inicialmente comecei dando aula de violão e nesse processo descobri que dar aula era uma coisa que fazia muito sentido para mim, e a relação que eu tive depois com a palavra escrita, por meio das leituras também, se juntou a isso e fez com que eu escolhesse o curso de Letras.</p> <p>Então são processos que não passaram necessariamente ou pelo menos diretamente pela escola, foram experiências as margens da escola ligadas a ela pelo contato com os livros, mas aconteceram fora do espaço escolar.</p>
Pesquisadora	Em quais cursos você atua aqui na Instituição e já atuou?
Prof. Guilherme	<p>Em dez anos tive vontade de trabalhar, sempre na educação básica e trabalhei, sempre na educação pública, perdão, trabalhei com a educação básica no Estado de Minas Gerais, trabalhei com ensino superior em Universidades, também em Minas, e dentro da Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica eu pude trabalhar já com cursos na área de Informática, Produção de Moda, Comunicação Visual, Enfermagem, Automação, Mecânica, Eletrotécnica, Química, Matemática, sempre atuando como professor de Línguas nessas áreas.</p> <p>Fora os cursos de extensão que é uma coisa que gosto de desenvolver que possibilita que eu trabalhe com literatura, com coisas que respeito, mas é uma escolha mais afetiva de abordar.</p>
Pesquisadora	E o que você entende por formação continuada?
Prof. Guilherme	<p>Formação continuada é um processo que inevitável, mas que ele se torna mais eficiente se ele acontece no nível de consciência do professor, ou seja, se ele tem uma consciência clara de que a sua formação ela é um processo, ou seja, ela nunca é definitiva e nunca é finalizada e que este processo ele se dá de diferentes maneiras, em diferentes contextos, e em diferentes tempos também, podendo inclusive ser mais formalizada quando você ingressa de fato em um curso, você escolhe fazer um curso de aperfeiçoamento ou é possibilitado a fazer um curso de aperfeiçoamento.</p> <p>A formação continuada ela se dá também, no próprio exercício da prática, no momento em que para organizar sua forma de</p>

	<p>trabalho o professor necessariamente precisa fazer pesquisa, tem que buscar transformações, tem que desenvolver outras habilidades.</p> <p>Então, acho que a questão maior é a consciência, ela é difícil para o professor ter feito ou não com uma consciência clara do que é um processo de formação continuada. Não necessariamente o fato de você planejar uma aula e ter que usar para isso pode resultar em um processo de formação se for feito de maneira automatizada mecânica sem uma reflexão que inclusive questione a maneira como você costuma trabalhar.</p> <p>Então acredito que é um processo inevitável dentro da trajetória de um professor, mas ele se torna mais eficiente se ele ocorre e se o professor trabalha de maneira consciente esse processo.</p>
<p>Pesquisadora</p>	<p>Sua percepção modificou durante estes anos de trabalho aqui na instituição?</p>
<p>Prof. Guilherme</p>	<p>Sim, aqui nesse campus praticamente estou há menos de dois anos, mas o trabalho com a Educação Básica, Técnica e Tecnológica me possibilitou inclusive perceber que uma área de formação específica ela pode ser e pode ter conexões muito interessantes quando você pode trabalhar em contextos de formação profissional, diferente também.</p> <p>A possibilidade de trabalhar com cursos, como por exemplo Produção de Moda e cursos como por exemplo Técnico em Informática são áreas muito diferentes, mas exigem que a relação que eu enquanto professor tenho com a minha matéria de trabalho, meu conteúdo de trabalho seja necessariamente diferente nos dois contextos, o que significa que aquilo que é com o que eu trabalho no meu caso, professor de Línguas, nunca é a mesma coisa, seja abordar, trabalhar conteúdo específico como substantivo numa turma de Produção de Moda por exemplo pode trazer possibilidades muito diferentes do que trabalhar substantivo por exemplo dentro do curso de informática.</p> <p>Então o que eu percebo é que, tem me trazido um crescimento na medida que desloca o meu conhecimento de trabalho o tempo inteiro e eu tenho que ficar repensando e reorganizando, não só sobre o que é trabalhado, mas também as metodologias de abordagem, o fato de trabalhar também com contextos muito diferentes, por exemplo Educação Básica é especificamente técnica os Cursos Técnicos e Educação Superior também exige que haja uma adaptação constante na maneira como você trabalha, às vezes quando eu trabalho com produção de textos, por exemplo no curso superior são habilidades que precisam ser desenvolvidas, são muito semelhantes as habilidades que serão desenvolvidas na educação básica no ensino médio, no entanto, o tempo para que se faça isso, o tipo de público, o interesse, a importância da dependência que tem aquele conjunto de formação daquele aluno no caso do aluno do ensino médio e no caso do aluno do ensino superior, muda completamente. Isso acaba influenciando a maneira como esse</p>

	conteúdo pode ser trabalhado, de que maneira se quer uma resposta e um chegar até o aluno de uma maneira mais significativa.
Pesquisadora	Você participa aqui no campus de reuniões de formação continuada, por quais motivos professor?
Prof. Guilherme	É, porque o professor na formação continuada como eu disse ela é uma coisa constante deve ser uma coisa constante. Existe também uma necessidade Institucional de que isso aconteça e há na instituição ações que direcionam a isso, então é um processo sistematizado de formação continuada com uma equipe que conduz essa participação, ela é necessária, mas é uma exigência da própria profissão.
Pesquisadora	Essas reuniões de formação continuada que aconteceram aqui na instituição ampliaram seu conhecimento?
Prof. Guilherme	Ampliaram sobretudo na medida que possibilitaram contato maior com os professores de formação mais profissional e técnica. São visões diferentes de enxergar as possibilidades de entrada no conhecimento e conhecer um pouco mais a maneira como eles pensam me ajuda a entender o espaço no qual eu estou e também a enxergar possibilidades de trabalho em conjunto que seja mais eficiente, nesse sentido foi bastante interessante.
Pesquisadora	Alguma vez você já usou algum desses conhecimentos adquiridos nas reuniões de formação continuada na sua prática em sala de aula?
Prof. Guilherme	Sim, até mesmo para fazer diagnóstico das turmas, quando tenho que trabalhar em uma turma de ensino médio Integrado como é o caso daqui por exemplo, já tenho uma ideia pelo menos preliminar do que é essa formação técnica e de que maneira às vezes os alunos vão estar mais disponíveis para pensar aspectos que são da disciplina e de que maneira isso pode dialogar. Então me ajuda a fazer esse diagnóstico o fato de ter tido contato nessas formações e um conhecimento maior na especificidade da área de formação profissional.
Pesquisadora	Então essas reuniões de formação continuada, elas contribuíram na sua prática pedagógica de uma forma significativa?
Prof. Guilherme	Sim, elas têm contribuído, mas é obvio que é uma coisa que é processual, é importante que elas ocorram e que elas sejam planejadas de maneira consciente para que resulte nisso. Eu acho que enquanto grupo a gente pode ir amadurecendo esse processo, enquanto professores que pensam seu próprio processo de formação, a gente pode ir amadurecendo isso e se tornando os encontros de formação continuada mais significativos e mais abrangentes de maneira que possa atender as demandas dos diferentes profissionais que a gente tem aqui, tanto os profissionais de formação mais profissional e os professores que são de conteúdos básicos do ensino médio por exemplo.

	Acho que é importante entender essa diversidade que é o grupo e pensar as reuniões de formação continuada de modo que possa atender todas essas diferenças articulando e gerando possibilidades de articulação.
Pesquisadora	Quais temas você gostaria que fossem abordados nessas reuniões?
Prof. Guilherme	Eu sinto muita falta de um embasamento maior no que diz respeito aos aspectos que são, emocionais, psicossociais que envolvem a prática docente, não do conhecimento técnico específico da matéria mas das relações que são estabelecidas na sala de aula, dos sinais que o aluno dá por exemplo de que há algum problema e que pode ter motivo fora do espaço da sala de aula e que implica em alguma postura dele dentro da sala de aula. Acho que esse tipo de formação é uma coisa que pode auxiliar muito o professor e eu sinto falta no meu processo de ter um pouco mais, é só isso.
Pesquisadora	E o que você entende por ser professor?
Prof. Guilherme	<p>Essa é uma resposta bastante pessoal. (deu uma risada)</p> <p>O entendimento meu de ser professor ele tem a ver com o entendimento meu do que é ser pessoa.</p> <p>Quando fui fazer escolha de qual curso superior eu queria fazer eu estava em um momento bastante confuso e foi quando tive contato maior com a leitura, com a literatura, foi um processo muito de descobrir, não na área de enfrentamento, nada disso, descobrir um caminho de me entender no mundo.</p> <p>E nesse sentido fiz essa escolha inicialmente porque queria me entender, mas percebi também que esse processo, meu, de entendimento não se daria de maneira isolada de relação com o outro, mesmo porque o caminho que encontrei e que fez mais sentido foi a linguagem e necessariamente esse projeto dependeria do outro.</p> <p>Ser professor é depender um pouco do outro, nesse sentido, é um processo constante de descoberta de si mesmo que assume o seu fundamento a necessidade do outro.</p> <p>Então, ser professor é antes de ser uma ação altruísta de que eu penso no outro é também uma maneira bastante particular que encontrei de me fazer com algum sentido no mundo, mas é também uma possibilidade que eu vejo de contribuir um pouquinho com esse mundo a partir do contato que eu tenho com os alunos, mas sobretudo, acredito que ser professor é ter uma relação bastante afetiva com o alvo, correr um risco grande porque você não tem certeza de nada do que você faz, de que aquilo que você disse, uma prática que você realizou com a turma, que aquilo chegou até o aluno, mesmo com o processo de avaliação, a possibilidade de você mensurar ou obter a resposta daquilo são muito limitadas porque no fundo o que você deposita é algo que pode repercutir só daqui a muito tempo.</p> <p>Quando escolhi ser professor por exemplo no meio da minha dúvida eu lembrava, e não sei porque, ou talvez porque</p>

	<p>inconscientemente já tinha algumas respostas e começou a vir na minha memória lembranças muito nítidas de algumas professoras que eu tive e todas elas eram professoras de português, mas eu não lembrava delas explicando matéria, verbo, nada disso, mas eu lembrava com muita clareza do tom de voz, do jeito que ela olhava, do jeito que elas viviam, acho que a semente que elas plantaram foi justamente essa percepção onde que a linguagem é a maneira de se aproximar do outro, acho que foi uma semente que talvez nem elas mesmo, elas sabiam que estavam plantando.</p> <p>Então ser professor é um pouco, é lidar com essa incerteza própria da vida também, eu acho.</p>
Pesquisadora	Algo mais que você tem a dizer que não tenha sido contemplada nas perguntas? A palavra é sua.
Prof. Guilherme	Acho que não, é isso mesmo.
Pesquisadora	Quero agradecer sua colaboração na coleta de dados.

Entrevista 3 –Prof. Alfredo

Pesquisadora	Professor queria começar com sua identificação, idade, que cidade você reside.
Prof. Alfredo	Tenho 30 anos, resido em São José dos Campos.
Pesquisadora	Qual é a sua formação inicial?
Prof. Alfredo	Engenharia de Controle e Automação.
Pesquisadora	Como você ingressou na área da educação?
Prof. Alfredo	<p>Estava procurando emprego, estava trabalhando na área industrial, e estava procurando um outro emprego e surgiu uma oportunidade de trabalhar como professor substituto no CEFET – MG.</p> <p>Fiquei um tempo como professor substituto e depois vim via concurso, aqui, para a Instituição.</p>
Pesquisadora	Quanto tempo você está nessa profissão de professor?
Prof. Alfredo	Cinco anos.
Pesquisadora	Em quais cursos você atua aqui na instituição e quais são as suas atribuições?
Prof. Alfredo	Atualmente, eu atuo nos cursos integrados ao ensino médio e nos cursos técnicos.
Pesquisadora	Você participa de reuniões de formação continuada aqui no campus? Por quais motivos?
Prof. Alfredo	É, participo quando sou convocado.
Pesquisadora	E você participa das reuniões quando é convocado e o que você entende por formação continuada?
Prof. Alfredo	Entendo como sendo um processo contínuo, como o próprio nome diz, mas de oferecer atualização, ferramentas e coisas para o professor, mas é uma coisa que também entendo que não substitui a formação formal de uma licenciatura, de um curso específico.

Pesquisadora	Como você vê esse processo de formação continuada do professor?
Prof. Alfredo	Na Instituição?
Pesquisadora	Aqui na Instituição ou no geral?
Prof. Alfredo	Vejo que isso acontece de uma forma esporádica o que acaba dificultando, porque é uma coisa muito esporádica para que você se lembre do que aconteceu no último encontro, enfim. É um processo que vejo que tem muita resistência por parte dos professores, porque parte daquele pressuposto de que alguém que tem a mesma formação do que eu vai ensinar a fazer o meu trabalho.
Pesquisadora	Sua percepção modificou durante esse trabalho aqui na Instituição, de formação continuada?
Prof. Alfredo	O que modificou muito foi, quero dizer, certa forma de que modificou sim, mas acho que modificou porque eu acreditava que a formação continuada, que ela fosse mais, que ela fosse possível substituir a formação formal, e hoje não acredito mais que ela seja.
Pesquisadora	As reuniões de formação continuada ampliaram seu conhecimento?
Prof. Alfredo	Sim.
Pesquisadora	Alguma vez você já usou algum desses conhecimentos adquiridos nas reuniões de formação continuada na sua prática em sala de aula?
Prof. Alfredo	Eu já usei coisas de contatos informais com os professores, da gente compartilhar e tal, mas essas coisas específicas dos encontros de formação continuada, não.
Pesquisadora	Pensando no processo de formação continuada como você gostaria que as reuniões fossem conduzidas?
Prof. Alfredo	Acho que é do jeito que o pessoal fala para a gente conduzir as aulas, sem slides. Só uma coisa assim, todas as coisas que falam nos encontros de formação continuada, que você tem que motivar o aluno, que você tem que entender o contexto dele, e coisa e tudo mais, em nenhum momento nessas formações continuada se buscou assim a entender que é uma formação de curso técnico, que às vezes a gente não tem o livro didático disponível. Então, em nenhum momento procura a entender as partes específicas, do mesmo jeito que fala para a gente a condição social do aluno e coisa e tal, em nenhum momento buscou entender as condições específicas dos cursos que temos aqui, dos professores que a gente tem aqui, procurou seguir.
Pesquisadora	Quais temas você gostaria que fossem abordados nas reuniões?
Prof. Alfredo	Datashow é dependência. Dependência de Datashow. Isso é um problema é um grande problema, tanto pela falta de Datashow que a gente tem quanto pela muleta mesmo porque. Estou num momento, realmente, que nesse semestre, projetor para mim é quando eu preciso colocar um vídeo ou alguma coisa, até agora foi só realmente uma aula que precisava de

	mapas e figuras e tal que eu coloquei no slide, mas é um uso esporádico, mas é um problema para o pessoal que é dependente de Datashow.
Pesquisadora	Agora para finalizar o que você entende por ser professor?
Prof. Alfredo	Pode até parecer meio clichê, mas entendo que o papel do professor tem que ser realmente de facilitador, de realmente apontar um norte e motivar os alunos a seguir naquilo ali, porque não adianta querer só simplesmente transmitir conhecimento ou ficar jogando conhecimento, não adianta.
Pesquisadora	Você tem algo mais a dizer que não tenha sido contemplado nas perguntas?
Prof. Alfredo	Acho que não.
Pesquisadora	Então muito obrigada pela sua participação.

Entrevista 4 –Prof. Oliveira

Pesquisadora	Professor queria começar com sua identificação, idade, que cidade você reside.
Prof. Oliveira	Tenho 42 anos, moro aqui em São José dos Campos desde 2002.
Pesquisadora	Qual é a sua formação inicial?
Prof. Oliveira	Sou formado em processamento de dados pela Universidade de Taubaté e tenho especialização em língua Inglesa também pela Universidade de Taubaté.
Pesquisadora	Como você ingressou na área da educação?
Prof. Oliveira	Bom, depois que acabei a faculdade fiz um intercambio, morei um ano e meio no exterior, na Inglaterra e fiquei por esse tempo todo estudando inglês. Quando voltei a área de computação estava muito complicada porque era uma época, esse ano foi em 1998 final de 1998, época que tinha muita crise e em 1999 eu precisava arranjar um emprego, voltei para o Brasil e não arranjei nenhum emprego na área de informática. Quando um amigo falou que eu podia dar aula de inglês, comecei a dar algumas aulas de inglês para alguns amigos, não cobrava nada, foi ai que me identifiquei com a área e desde então nunca mais parei de dar aula. Isso aconteceu em janeiro de 1999.
Pesquisadora	Tempo de atuação na profissão de professor?
Prof. Oliveira	Professor. Em 1999 dei aula para amigos. Se for considerar em escola mesmo, desde o ano de 2000 dou aula em escola, seja aula de escola de inglês ou aula em escola de informática, já dei aula em Universidade, em escolas Técnicas,
Pesquisadora	Em quais cursos aqui na instituição você atua ou já atuou?
Prof. Oliveira	Aqui já atuei e atuo nos Cursos Técnicos, que tem a disciplina de informática, onde eu dou aula de informática básica e programação.

Pesquisadora	Você participa de reuniões de formação continuada aqui na Instituição? Por quais motivos?
Prof. Oliveira	Participo, não faço parte da comissão, mas participo como ouvinte, acho que é muito importante, a gente tem que sempre passar por uma reciclagem, por mais que a gente tem boas aulas, novas tecnologias surgem, novas ideias surgem, novos métodos surgem e a gente tem que estar sempre atualizados para que a gente possa ter uma aula cada vez mais eficiente e produtiva para os alunos para que eles possam ter uma formação cada vez melhor no mundo globalizado cada vez mais competitivo.
Pesquisadora	O que você entende por formação continuada?
Prof. Oliveira	Formação continuada seria um estudo de forma contínua a fim de você estar sempre apito e preparado para aquela sua função.
Pesquisadora	Como você vê o processo de formação continuada do professor?
Prof. Oliveira	Isso aqui seria na nossa Instituição?
Pesquisadora	Pode ser.
Prof. Oliveira	Tá, aqui na nossa Instituição a gente tinha uma reunião mensal até o semestre passado, esse semestre não sei a gente não teve nenhuma ainda. Acho importante, acho que sim, claro que se fosse uma vez por semana seria ainda melhor, mas acho que isso seria inviável pela disponibilidade dos professores e tudo mais. Fora daqui, nas escolas estaduais e municipais não sei se isso realmente acontece, mesmo porque a carga horária dos professores é muito grande, e eles mais ficam em sala de aula do que se reciclando participando dessa reciclagem, não saberia responder se eles participam ou não.
Pesquisadora	Sua percepção modificou durante esses anos de trabalho aqui na Instituição, depois de participar dessas reuniões?
Prof. Oliveira	Muita coisa do que foi falado nas reuniões, já tinha conhecimento e graças a Deus tive a oportunidade de participar de um curso de formação pedagógica, que não comento muito, estudei na Inglaterra, fiz um curso de pedagogia na Inglaterra por professores da Universidade de Cambridge. Esse curso me deu uma base muito grande, isso aconteceu no ano de 2001, logo que eu estava terminando a especialização na UNITAU, esse curso foi fantástico e não esqueço desse curso que eu aprendi técnicas, não aprendi a como usar as técnicas, aprendi técnicas. E uma vez que você aprende a técnica, você já sabe como aplicar no momento certo na hora certa para quais alunos, isso aí me deu uma base muito forte e sempre me preocupo com a minha formação. Independente da formação continuada aqui, eu faço cursos online, eu procuro cursos a distância, procuro informações pela internet é uma forma de ter minha formação continuada pessoal.

Pesquisadora	As reuniões de formação continuada ampliam seu conhecimento aqui na Instituição?
Prof. Oliveira	Essa forma eu diria que seria uma reciclagem, só para relembrar todos os conceitos que eu já aprendi.
Pesquisadora	Alguma vez você já usou algum desses conhecimentos adquiridos nas reuniões de formação continuada na sua prática em sala de aula?
Prof. Oliveira	Já.
Pesquisadora	Você pode destacar alguma mudança na sua prática pedagógica advindas das reuniões?
Prof. Oliveira	Citar alguns exemplos?
Pesquisadora	Pode.
Prof. Oliveira	Por mais que você estude sempre tem alguém que tem ideias diferentes que para aquele cenário são eficientes. Vi situações por exemplo que são, sempre acreditava, nunca acreditei em provas, uma prova de todos sentados, toda prova é uma prova, toda prova é uma, um trabalho metal, é um teste de memória, para saber se você lembra. Então procuro sempre como é falado nas formações continuada, no curso técnico a gente tem que ser bem prático, então passo bastante trabalho para os alunos e a prova acaba sendo projetos, desenvolvimento de projetos, sempre tem que ter algo, procuro sempre transformar uma atividade, na atividade ter um produto final, seja um pequeno parágrafo, um texto, ou um protótipo, enfim, alguma coisa nesse sentido para que o aluno possa ver que aquilo lá foi produzido por ele. Acho que isso daí sempre é falado na formação continuada e pelo menos nos cursos técnicos aqui eu penso, em sempre, em toda atividade aplicar isso.
Pesquisadora	Pensando no processo de formação continuada como você gostaria que as reuniões fossem conduzidas?
Prof. Oliveira	Acho que as reuniões, elas são bem conduzidas. As primeiras que nós tivemos elas foram melhores, mas nós tínhamos um número menor, número reduzido de professores. Acho que isso daí reflete na qualidade não só das reuniões de formação continuada aqui, mas como, se você coloca cinquenta alunos em uma sala você vai ter uma qualidade X, se você coloca dez alunos em uma sala você vai ter uma outra qualidade de ensino. Isso aí está diretamente relacionado a quantidade de participantes, como aumentou o número de participantes as reuniões começaram a ficar um pouco mais, não sei usar a palavra, não tão eficientes como estavam sendo, mas elas continuam, nós continuamos compartilhando ideias.
Pesquisadora	Quais temas você gostaria que fossem abordados nas reuniões?
Prof. Oliveira	Acho que é muito importante que todos tenham conhecimento de como tratar o aluno, de como conversar com o aluno, muitos professores tem uma postura de sou o professor e eu mando aqui. Acho que não é bem assim, isso é um pensamento antigo que não sou tão jovem, mas também não sou tão velho, mas

	<p>acho que antigamente talvez fosse assim, não sei, isso é só minha opinião, mas hoje a gente tem que ter uma participação por parte dos alunos durante a aula. Claro que a gente tem que saber guia-los porque eles estão lá para aprender e eles não conseguem guiar a aula, então nós que temos que administrar quais tarefas, o que priorizar, mas assim em alguns momentos tem que dar chance para que eles possam escolher alguma coisa durante a aula porque senão eles vão terminar o curso e vão continuar igual quando eu terminei o meu ensino médio, não sabia o que ia fazer na faculdade, porque eu nunca tive poder de decisão, nunca decidi nada, então quando você tem que decidir alguma coisa você não sabe, uma habilidade que não é exercitada em sala de aula, ou pelo menos não era quando fui aluno.</p>
Pesquisadora	Agora para finalizar o que você entende por ser professor?
Prof. Oliveira	<p>Ser professor é um conjunto de profissões que às vezes, a maioria das vezes você é professor em algumas vezes você é psicólogo, às vezes você é advogado, às vezes você discute relacionamentos familiares, é uma mistura de tudo isso, mas é muito gratificante ser professor, porque você vê os alunos. No começo tinha como profissão, é uma profissão, no começo minha visão era essa. Só que depois quando passaram alguns anos e nos meus relacionamentos de alunos eu vi que alguns se tornaram gerentes de empresas, outros viraram empresários, outros continuaram trabalhando nas empresas, mas conseguiram oportunidades melhores. Vi que não era simplesmente só uma função de professor, só uma profissão, algo muito mais, você participa da vida das pessoas e marca essa sua participação.</p> <p>Quando comecei sem nenhuma uma intenção dando aulas para alguns amigos e depois de ver essa, como vou dizer, o sucesso das pessoas isso me motiva muito. O que me motiva assim em prioridade número um, o que me motiva a vir dar aula, é o sucesso das pessoas quando eles saem da escola e lembram eu estudei lá e tive tais professores, isso me motiva muito.</p>
Pesquisadora	Você tem algo mais a dizer que não tenha sido contemplado nas perguntas?
Prof. Oliveira	Não.
Pesquisadora	Então muito obrigada pela sua participação.

APÊNDICE E - MEMORIAL

Minha caminhada até o Mestrado

Fase em que houve início a minha vida

Nasci em 21 de novembro de 1975, na cidade de Lima Duarte, Estado de Minas Gerais, filha de Joaquim de Almeida Seixas e de Maria do Carmo de Almeida Seixas.

Embora tenha nascido em Lima Duarte, morei até os vinte e um anos na Fazenda do Adolfo, que fica localizada no Município de Bom Jardim de Minas.

Rever a trajetória profissional é sempre uma oportunidade interessante. É um momento em que paramos para refletir sobre o caminho trilhado na direção tanto da nossa realização profissional quanto da nossa contribuição, nesse campo, ao desenvolvimento das instituições e da sociedade das quais fazemos parte.

No ensino primário, os estudos iniciaram quando completei 7 anos. Era uma escola de zona rural com apenas uma professora para lecionar para 1º, 2º, 3º e 4º anos, ou seja, aprendia tudo ou nada ao mesmo tempo. Tinha quatro fileiras de carteiras duplas. A cada fileira correspondia uma série.

As recordações que tenho dessa fase da minha vida são lembranças que não são muito boas, eu ficava praticamente todos os dias de castigo, de joelhos em cima de pedrinhas, que o meu primo Geraldo buscava para a professora colocar embaixo dos meus joelhos.

Na 2ª série eu reprovei, e posso dizer que fiquei muito pior no ano seguinte, ou seja, fiz mais bagunça ainda. Atrapalhava a aula.

No ano em que eu ia fazer a 4ª série, minha mãe mudou-se para a cidade de Bom Jardim para estudar meu irmão, que teria de fazer a 5ª série e me matriculou na 4ª série.

Até que enfim consegui concluir a 4ª série, e meu irmão reprovou na 5ª.

Mas no ano seguinte minha mãe voltou para a Fazenda do Adolfo e tivemos de voltar juntos.

Para resolver o problema e estudar os filhos, meus pais matricularam eu e meu irmão em um colégio de freiras em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais. Para isso, passamos a morar com nossos avós maternos.

O colégio era excelente, mas eu e meu irmão éramos muito bagunceiros e fomos expulsos do colégio por falta de disciplina.

Fiquei sem estudar a 5ª série. No ano seguinte, voltei para Juiz de Fora, mas dessa vez fui matriculada em uma escola pública e com muito esforço e dedicação consegui terminar a 5ª série.

Na 6ª série, eu comecei e precisei parar de estudar. Foi uma decepção para mim, somente no ano seguinte consegui fazer a 6ª e, na sequência, a 7ª e a 8ª séries.

Graças a Deus tinha terminado o Ensino Fundamental.

No Ensino Médio começou a batalha novamente, dois anos no 1º ano, mas consegui me formar em um curso técnico em contabilidade. A disciplina de que mais gostava era Matemática.

Até o Ensino Médio, não fui uma aluna dedicada e não levava o estudo a sério.

Minha vida começou a mudar quando fui para a faculdade. Somente aí comecei a levar os estudos a sério e passei a me dedicar mais às atividades que eram desenvolvidas, ou seja, foi na faculdade que eu me encontrei, foi na vivência com outras culturas que eu pude descobrir o meu interesse pela educação. Nesse contexto de me encontrar, recorro às palavras de Freire, que nos diz:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros, é a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1996, p. 41)

Nesse sentido, podemos perceber a questão da identidade cultural, que faz parte da nossa vida, do nosso ser, da nossa classe de professores, é o respeito pelo próximo, é o envolvimento com o próximo que nos leva a refletir sobre nossa prática.

Na troca de informações com nossos alunos, é nosso dever dar a eles a vez e a voz, para que eles se desenvolvam em todos os sentidos.

Hoffmann (2009, p. 10) faz um apontamento sobre a “humanidade que subentende razão, crítica, emoção, intuição, posicionamentos pessoais frente a fatos e ações do outro. Em tudo, há sempre o que nos agrada e o que nos desagrada”.

Dessa forma, podemos pensar que, para ser um bom professor, precisamos saber escutar nossos alunos, mesmo quando o que eles estão falando nos desagrada, é preciso aceitar o ser humano como ele é e não como você gostaria que ele fosse. Hoje, nossos

alunos são seres críticos, reflexivos e precisamos fazer com que essas sensações ganhem espaço, assim eles serão pessoas que terão iniciativa para suas vivências.

Para Freire (1996), ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo e, nesse sentido, ele nos diz:

Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (FREIRE, 1996, p. 98).

O que nos leva a pensar que a educação deve ter seus altos e baixos, mas devemos sempre nos preocupar com ela, pois é a partir do conhecimento que nós chegamos onde estamos hoje.

Ensino universitário

Tinha um sonho, mas difícil de ser realizado. Um belo dia, minha tia Sandra convidou-me para fazer faculdade junto com ela. Aceitei o convite.

Em 2006, concluímos o curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade do Vale do Paraíba.

Daí para frente não parei mais de estudar.

Em 2010, concluí o curso de Licenciatura em Pedagogia pela Centro Universitário Claretiano (EAD).

Especialização

Sou Especialista no Ensino de Matemática, Gestão Educacional e Educação Especial.

Mestrado

Não imaginava chegar ao mestrado, mas cheguei, com muita dificuldade, tentando vencer mais um obstáculo, mas dessa vez bem mais difícil.

O que me levou a tentar o mestrado, foi o cargo que ocupo de pedagoga no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo e a participação na equipe de formação continuada da Instituição em que trabalho.

Percebi que era preciso ir em busca de novos conhecimentos para ampliar as possibilidades de desenvolvimento profissional.

Com o decorrer do tempo, percebi que faltava algo para completar minha carreira profissional e, depois de pensar, resolvi tentar o mestrado.

Reprovei na primeira tentativa, mas na segunda eu consegui.

Cursei o Mestrado Profissional em Educação na Universidade de Taubaté, no interior do Estado de São Paulo, e no dia 2 de outubro de 2018 o conclui, defendendo minha dissertação.

Trajetória profissional

No decorrer da minha vida, trabalhei informalmente por vários anos.

Quando iniciei o curso de Matemática, participei de uma seleção e fui aprovada para fazer estágio pelo CIEE, que tinha parceria com a prefeitura, fiquei por três anos em uma escola de educação infantil, ajudando as professoras com as atividades e posso dizer que essa experiência me levou a cursar Pedagogia.

Passei em um concurso do Departamento de trânsito e lá fiquei por três anos. Não satisfeita, exonerei-me e fui estudar para concurso, mas, nesse meio de caminho, passei no concurso da Fatec e lá permaneci por um ano.

Da Fatec fui direto para o Instituto Federal, concurso em que passei em segundo lugar, e lá estou até hoje.

Ao desenvolver minhas atividades no Instituto Federal, percebi com mais clareza a importância de buscar novos conhecimentos para que, juntamente com os professores, pudéssemos encontrar novas soluções para os obstáculos enfrentados pela Instituição.

Segundo Tardif e Lessard (2012), a Escola como organização do trabalho docente é considerada por eles como

[...] um espaço sócio-organizacional no qual atuam diversos indivíduos ligados entre si por vários tipos de relações mais ou menos formalizadas, abrigando tensões, negociações, colaborações, conflitos e reajustamentos circunstanciais ou profundos de suas relações. (TARDIF; LESSARD, 2012, p. 55)

Nesse sentido, percebemos a importância de se buscar novos conhecimentos, para junto com os docentes, encontrar soluções para melhorarmos os trabalhos com nossos alunos, mas sabemos que, ao tentar fazer essa conversa, encontramos muitas dificuldades, pois estamos lidando com indivíduos com pensamentos diversos e, para isso, é necessário, antes, conquistar o espaço para podermos trabalhar juntos.

Atividades desenvolvidas

Participação em conselhos de classe consultivo e deliberativo. Participação em bancas examinadoras para seleção de professores substitutos. Participação em comissões, entre elas: Plano de Desenvolvimento Institucional do *Campus*; Núcleo de atendimento às pessoas com necessidades específicas; eleitoral; construção do projeto político pedagógico do *Campus*; Projeto pedagógico de curso; Subcomissão para acompanhamento das ações de permanência e de êxito dos estudantes do *Campus*; inventário físico anual dos bens, imóveis, móveis e intangíveis do *Campus*; equipe de formação continuada de professores; análise técnico-pedagógica dos projetos pedagógicos de curso; brigada de incêndio; elaboração e revisão de Projeto pedagógico de curso; alimentação escolar. Participação em colegiados de cursos como suplente e titular: Licenciatura em Matemática; Licenciatura em Química; Engenharia de Controle e Automação; Pós-graduação *Latu Sensu* Docência na Educação Básica; Bacharelado em Engenharia Mecânica.

Além das atividades desenvolvidas por meio de comissões, existem as atividades decorrentes do ambiente escolar e do cargo de pedagoga.

Atualmente, estou como Coordenadora do Sociopedagógico, setor responsável pela supervisão pedagógica e pela orientação educacional, também é responsável pelo Serviço social, que compreende as atividades de assistência social do educando. Esse setor é composto por uma equipe multidisciplinar, formada por psicóloga, pedagoga, assistente social, técnico em assuntos educacionais e intérprete de Libras.

Conclusão

Para Tardif (2012, p. 48), “Pode-se chamar de saberes experienciais o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e

que não provém da instituição de formação e nem dos currículos”, ou seja, esses saberes adquirimos no decorrer de nossas vidas, nos obstáculos que enfrentamos em sala de aula, na vivência com nossos colegas, professores, enfim, são saberes que adquirimos com a nossa experiência de vida.

Para concluir esse memorial, termino com as palavras da Hoffmann (2009), que deixa claro para nós, professores, o que devemos fazer em nossa sala de aula:

A construção do conhecimento é de natureza única e singular, mas ocorre, interativamente, e pela mediação do outro, pela socialização. É o professor quem cria em sala de aula, o cenário educativo, provendo condições mais ou menos favoráveis, recursos mais ou menos amplos, tempos mais ou menos limitadores de aprendizagem. A otimização do espaço de aprendizagem é, portanto, de natureza avaliativa, pois é compromisso do professor organizar atividades graduais adequadas ao interesse e possibilidades do grupo, bem como prestar ajuda a cada um dos alunos, ajustando suas intervenções aos progressos e obstáculos individuais. (HOFFMANN, 2009, p. 91).

Partindo desses apontamentos feitos por Hoffmann, digo: um professor deve pensar bem o que vai falar, pois ele pode estragar os sonhos de seus alunos. É preciso ter cuidado para não magoar, aluno, independentemente da idade, é aluno e cabe ao professor pensar cada situação com muito cuidado.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: “A percepção dos professores sobre a formação continuada: curso técnico integrado ao ensino médio”

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro.

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: “A percepção dos professores sobre a formação continuada: curso técnico integrado ao ensino médio”

Objetivo da pesquisa: Compreender as percepções dos professores sobre a formação continuada

Coleta de dados: a pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a quatro professores.

Destino dos dados coletados: a pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio das entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde a pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado Profissional em Educação: Formação do Professor e Desenvolvimento Profissional, da Universidade

de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem a percepção dos professores sobre a formação continuada: curso técnico integrado ao ensino médio. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa, para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma B 2016 do Mestrado Profissional em Educação: Formação do Professor e Desenvolvimento Profissional da Universidade de Taubaté (SP), EDNA DE ALMEIDA SEIXAS CARVALHO PENA, residente no seguinte endereço: Rua Corifeu de Azevedo Marques, 1273, Jardim das Industrias, São José dos Campos – SP, podendo também ser contatado pelo telefone (12) 3207-2779/98845-1452. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra.

Suzana Lopes Salgado Ribeiro. A qual pode ser contatada pelo telefone (12) 4110-0419. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que compõem a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre A percepção dos professores sobre a formação continuada: curso técnico integrado ao ensino médio.

NOME DO PESQUISADOR: Edna de Almeida Seixas Carvalho Pena

TELEFONE: (12) 3207-2779 / (12) 98845-1452 “**INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR**”

E-MAIL: ednaseixas_sjc@hotmail.com / ednaseixas.sjc@gmail.com

Edna de Almeida Seixas Carvalho Pena
Pesquisadora Responsável

ANEXO B – DECLARAÇÃO**DECLARAÇÃO:**

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

São José dos Campos, _____ de _____ de 2017

Assinatura do Participante

Nome do Participante:

Edna de Almeida Seixas Carvalho Pena
Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha